

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

SERRAS E CAMINHOS NA COMPREENSÃO DOS SÍTIOS COM GRAFISMOS
RUPESTRES NUMA PERSPECTIVA DE FLUXOS E PAISAGENS – MONJOLOS E
DIAMANTINA-MG

Orientador: Andrei Isnardis Horta

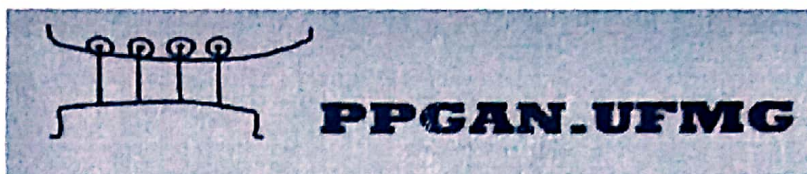
HENRIQUE ALCANTARA E SILVA

Belo Horizonte
Maio de 2018

Ficha Catalográfica

306	Alcantara, Henrique.
A347s	Serras e caminhos na compreensão dos sítios com grafismos rupestres numa perspectiva de fluxos e paisagens
2018	: [manuscrito] Monjolos e Diamantina-MG / Henrique Alcantara e Silva. - 2018. 167 f. : il. Orientador: Andrei Isnardis Horta.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1. Antropologia – Teses. 2. Paisagem - Teses. 3. Arte primitiva - Teses. 4. Sistemas de informação geográfica – Teses. I. Isnardis, Andrei, 1972-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA DE HENRIQUE ALCÂNTARA E SILVA (MATRÍCULA N.º 2016650979)

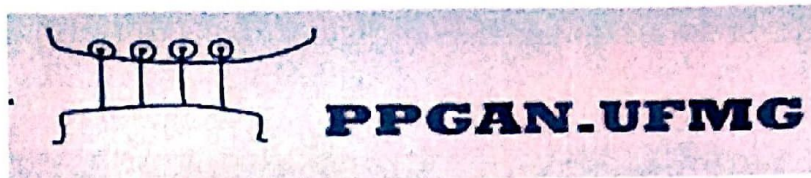
Aos 02 (dois) dias do mês de maio de 2018 (dois mil e dezoito), reuniu-se no Auditório Carangola, 1º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora para julgar, em exame final, a Dissertação intitulada: "*Serras e caminhos na compreensão dos sítios com grafismos rupestres numa perspectiva de fluxos e paisagens – Monjolos e Diamantina-MG*", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, Área de Concentração: Arqueologia - Linha de Pesquisa: Arqueologia Pré-Histórica. A Comissão Examinadora foi composta pelos professores doutores: **Andrei Isnardis Horta – orientador (PPGAN/UFMG)**, **Carlos Magno Guimarães (PPGAN/UFMG)**, **Grégoire André Henri Marie Ghislain van Havre (UFPI)**. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Andrei Isnardis Horta após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao mestrando Henrique Alcântara e Silva, para apresentação de sua Dissertação. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença do mestrando e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Dissertação por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente ao candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 02 de maio de 2018.

Prof. Dr. Andrei Isnardis Horta
(Orientador)

Prof. Dr. Carlos Magno Guimarães

Prof. Dr. Grégoire André Henri Marie Ghislain van Havre
(por quem assina o presidente da Comissão, Prof. Dr. Andrei Isnardis Horta)

Av. Antônio Carlos, 6.627 – Pampulha – CEP:31270-901 – Belo Horizonte/MG
e-mail: antro_pos@fafich.ufmg.br
Telefone: (31) 3409-5029



ATESTADO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Atestamos para os devidos fins, que Henrique Alcântara e Silva concluiu o seu Curso de Mestrado em Antropologia – Área de Concentração: Arqueologia - Linha de Pesquisa: Arqueologia Pré-Histórica, sendo aprovado em sua dissertação de Mestrado intitulada: ***“Serras e caminhos na compreensão dos sítios com grafismos rupestres numa perspectiva de fluxos e paisagens – Monjolos e Diamantina-MG”***, realizada no dia 02 de maio de 2018, no Auditório Carangola, 1º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Secretaria do Programa de Pós-graduação em Antropologia, em 02 de maio de 2018.


Ana Lúcia Mercês
Secretária do PPGAN


Prof. Dr. Andrei Isnardis Horta
(Orientador)

HENRIQUE ALCANTARA E SILVA

SERRAS E CAMINHOS NA COMPREENSÃO DOS SÍTIOS COM GRAFISMOS
RUPESTRES NUMA PERSPECTIVA DE FLUXOS E PAISAGENS – MONJOLOS E
DIAMANTINA-MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da FAFICH/UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Antropologia, na linha de pesquisa Arqueologia Pré-histórica.

Universidade Federal de Minas Gerais

Dissertação discutindo perspectivas de paisagem e de modos de habitar o mundo a partir de conjuntos gráficos da região de Monjolos-MG e Diamantina-MG. Propõe-se uma discussão dos conjuntos de grafismos e dos sítios arqueológicos a partir de reflexões sobre experiência, movimento e de discussões etnológicas. Discute-se também a possibilidade do uso do SIG enquanto ferramenta para análises com esta perspectiva.

Orientador: Prof. Dr. Andrei Isnardis Horta

Belo Horizonte, 2018

Agradecimentos

Agradecimentos são muitos. Agradeço a meus pais, e ao meu irmão, que sempre estiveram presentes e são parte constante de mim. Aos colegas de curso que participaram das formas e momentos oportunos. Ao Dudu, que mais uma vez leu e me ajudou nos momentos em que precisei, e que continuamos mesmo na distância, sempre em troca. A seu Bonifácio, que permitiu que esta pesquisa fosse possível; por ser tão solícito e ter cedido tantas vezes seu lugar, sua casa, para que pudessemos ir a campo. E assim, ao Fred, Elber, Nathália e Luís, que foram a campo e participaram dessa pesquisa.

Ao Andrei, por topar mais uma orientação e todas as dificuldades que cada um de nós carrega nesse processo. Ao Carlos por ter tido contribuições muito importantes para a organização deste texto em suas diversas etapas, e por aceitar, mais uma vez, participar da banca de defesa. A Gregóire, também por ter aceitado de prontidão o convite e a encarar a defesa por meios digitais.

Ao Roger, pelas conversas de sempre, pelas pirações de antes e de agora. A Evelin e Stela, que em cada um de seus caminhos, sempre me alegraram em conversas, visitas brincadeiras e idas à campo! Ao Fred, Tita e Otto que me trouxeram momentos de partilhar frutos e lindezas da vida.

Às companheiras e companheiros de pós-graduação, que diariamente lutam por um programa mais coerente e inclusivo, e que permanecem nesta luta, apesar dos tantos percalços e absurdos promulgados nos últimos tempos.

Ao Victor e Bruno pela constante companhia e pelos ensinamentos.

À Vanessa, que ao dividir seu caminho comigo, continua a me encher de cores, brotos, e frutos, a cada passo. Agradeço a ela também pela sempre boa companhia em campo, pelo estímulo constante em trocar idéia (e as inúmeras conversas que fazem parte da produção deste texto) e conhecer o mundo, e pelo título desta dissertação.

“Podem ver a história? Podem ver alguma coisa? Tenho a impressão de que estou tentando contar um sonho – uma tentativa vã, porque nenhum relato é capaz de transmitir a sensação onírica, onde aflora essa mistura de absurdo, surpresa e encantamento, num frêmito de emoção e revolta, essa impressão de ser capturado pelo inacreditável em que consiste a própria essência dos sonhos... (...) Não, é impossível; é completamente impossível transmitir as sensações de vida de qualquer época determinada de nossa existência – aquilo que a torna verdade, seu sentido – sua essência sutil e penetrante. É impossível. Vivemos como sonhamos, sós... (..) É claro que nisso os amigos enxergam mais do que eu poderia na ocasião. Vocês me veem, sabem quem eu sou...”

-Joseph Conrad

RESUMO

Em meio à interesses que remetem o estudo da paisagem e do diversos modos de habitar o mundo, este texto é alavancado por uma discussão da percepção, experiência, das escolhas, do movimento e da nossa vivência no mundo. Busquei, assim, discutir com diversos autores (Ingold, Gibson, Merleau-Ponty, Eduardo Viveiros de Castro, Basso, Tilley) a partir de um discurso fenomenológico, ecológico e perceptivo, associado a discussões etnológicas mais específicas, para refletir sobre como a experiência está sendo discutida em diversas áreas do conhecimento acadêmico e como ela poderia ser pensada mais diretamente nos trabalhos arqueológicos. Em meio a essa baliza inicial, que motivou este trabalho, escolho trabalhar com um conjunto de sítios de grafismos rupestres pré-coloniais situados na região de Rodeador, em Monjolos-MG. Esta área, em contato direto com a Serra do Espinhaço apresenta uma diversidade de sítios que dialogam com outros núcleos de estudos de grafismos em seu arredor. Busco explorar possibilidades de análise das pinturas e gravuras e das inserções paisagísticas, em diálogo com proposições fenomenológicas, em grande medida. Como ferramenta, está em pauta o uso do SIG e as suas limitações e frutos em interseção com abordagens que entendem a experiência enquanto fundamental para a construção de conhecimento e de habitar o mundo.

Palavras chave: grafismos rupestres; paisagem; experiência; percepção; movimento.

ABSTRACT

Considering studies about the landscape and the diversity of ways to dwell in the world, this dissertation is oriented by a discussion of the perception, experience, choices, movement and of our dwelling in the world. I tried, with this idea, to discuss with some authors (Ingold, Gibson, Merleau-Ponty, Eduardo Viveiros de Castro, Basso, Tilley), starting from a phenomenological, ecological and perceptive approach, in association with ethnological works, in order to elaborate about how the experience is being thought in some areas of our academic knowledge and how it could be thought directly in the archaeological works. Using this whole approach as starting point, I choose to work with a group of precolonial rock art sites, located in Rodeador, Monjolos-MG. This area that is in direct contact with the Espinhaço, shows a great diversity of sites that dialogue with other nuclei of archaeological studies nearby. I intend to search for analytical possibilities regarding the rock art and the landscape insertion of the sites, with direct dialogue with phenomenological perspectives. Tool-wise, I'm trying to experiment GIS, considering its limitations and possibilities as a resource in approaches that understand the experience and the perception fundamental to the construction of knowledge and dwelling in the world.

Keywords: rock art; landscape; experience; perception; movement

Sumário

I.	Introdução e objetivos.....	10
II.	Caminhos, movimentos e fluidez: as relações e escolhas entre regiões em conexão.....	14
	Idéias, conceitos, teorias, possibilidades	14
	A fenomenologia e o cartesianismo.....	16
	Paisagem, Gibson, movimento.....	20
	Perspectivas em paisagem: espaço e lugar.....	26
	Navegação, localização, mapeamento: fazendo um mapa.....	41
	Como e o que fazer: aspectos de metodologia.....	44
	Geoprocessamento	47
	Prospecção e experiência.....	49
III.	Os contextos dos grafismos regionais	51
	O contexto de Monjolos e problemáticas possíveis	51
	Sobes e descas: contextos de Serra e Cráton	56
	Complexo Maciço do Cafundó	60
	Complexo da Lapa da Fazenda Velha.....	85
	Lapa da Gameleira.....	103
IV.	Capítulo quarto: análises dos grafismos e da paisagem	107
	O universo gráfico	108
	<i>Rodeador 1, 2, 5, Salobo 1 e 2</i>	110
	<i>Rodeador 4</i>	112
	<i>Lapa da Ravina</i>	117
	<i>Lapa da Fazenda Velha</i>	119
	<i>Lapa da Gameleira</i>	136
V.	pensando sobre a paisagem: possibilidades analíticas e diálogos entre ferramentas. ...	139
	Pensando a paisagem e seus fluxos	142
	Experiência e cartografia em diálogo: quais caminhos seguir?	144
VI.	Fechando o texto, abrindo possibilidades.....	157
VII.	Bibliografia	162

Lista de Figuras

Figura 1 Conjunto Tradição Planalto definidos em Diamantina.....	55
Figura 2 Rio Pardo Grande e Pardo Pequeno na área de pesquisa.....	58
Figura 3 Visão do cráton a partir da subida da Serra do Espinhaço, entre Rodeador e Conselheiro Mata.	59
Figura 4 Vista do Cráton a partir de afloramento no bordo oeste da Serra do Espinhaço.....	60
Figura 5 Vista panorâmica do maciço do Cafundó.	62
Figura 6 Sítio Lapa da Ravina: digitalização parcial do painel e vista geral do sítio.	66
Figura 7 Rodeador 5: vista geral e painel.	69
Figura 8 Digitalização parcial dos painéis do Rodeador 5.....	70
Figura 9 Vista frontal do intervalo do Maciço do Cafundó: continuando à esquerda chegamos à Lapa da Ravina; à direita, o Rodeador V.	71
Figura 10 Rodeador 4: vista do painel único do compartimento inferior e detalhes do painel único.	75
Figura 11 Rodeador 4: reprodução parcial do painel I e II, vista geral dos painéis.....	76
Figura 12 Rodeador 2: vista geral do sítio e reprodução parcial do painel I e II.	80
Figura 13 Rodeador 1: vista geral do painel I e II e detalhe dos grafismos.....	83
Figura 14 Maciço da Lapa da Fazenda Velha	87
Figura 15 Lapa da Fazenda Velha: vista geral do sítio.....	88
Figura 16 Croqui Lapa da Fazenda Velha, extraído de Dias (2017).	90
Figura 17 Conjunto de temas recorrentes Lapa da Fazenda Velha. Extraído de Dias (2017) ...	91
Figura 18 Lapa da Fazenda Velha: variação de temáticas zoomórficas e geométricos	92
Figura 19 Painel Ia, Lapa da Fazenda Velha.....	93
Figura 20 Painel X, Lapa da Fazenda Velha. Extraído de Dias, 2017.....	93
Figura 21 Painel X, Lapa da Fazenda Velha. Extraído de Dias, 2017.....	94
Figura 22 Vista frontal sítio Salobo 1	97
Figura 23 Grafismos Sítio Salobo 1.	98
Figura 24 Informações gerais sobre Salobo 1 e 2.	101
Figura 25 Grafismos sítio Salobo 2.....	102
Figura 26 Vista Geral do Maciço da Lapa da Fazenda Velha, face onde se localizam Salobo 1 e 2.....	103
Figura 27 Lapa da Gameleira: visão geral da Lapa e detalhes das gravuras.	106
Figura 28 Comparação entre cervídeos do Voador Sul e Rodeador 4.....	113
Figura 29 Comparação entre cervídeos de Diamantina e Monjolos.....	116
Figura 30 Detalhes das sobreposições entre três cervídeos na Lapa da Ravina.	118
Figura 31 Painel Ia, Lapa da Fazenda Velha, reconstrução cronológica.	123
Figura 32 Painel Ia, Lapa da Fazenda Velha, reconstrução cronológica e mosaico do painel. 124	
Figura 33 Painel Ib, Lapa da Fazenda Velha.....	126
Figura 34 Lapa da Fazenda Velha: morfologia dos zoomorfos e antropomorfos gravados.....	130
Figura 35 Lapa da Fazenda Velha, painel X. Detalhes dos temas de 'aves e 'escadas'	132
Figura 36 Lapa da Fazenda Velha. Detalhe dos círculos concêntricos pintados e gravados, detalhe do suporte sub-horizontal.	134
Figura 37 Mapa de detalhe da região de Monjolos-MG e Rodeador-MG.....	146
Figura 38 Vista a partir da extremidade norte do maciço do Cafundó. Possível ver a presença marcante da Serra do Espinhaço na paisagem, assim como de relevos mais suavizados por parte do calcário.	148
Figura 39 Comparação entre visada do sítio da Lapa da Fazenda Velha e do topo do afloramento.....	149
Figura 40 Comparação e associação entre visadas de sítios da região.	150
Figura 41 Visada frontal da Lapa da Gameleira.	151

I. INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

Essa dissertação foi nascendo aos poucos. Durante os últimos anos de graduação, me dediquei a ler uma bibliografia interessada em discussões voltadas a uma reflexão sobre princípios epistemológicos e a forma do impacto desses princípios na nossa pesquisa¹. Essa discussão permeou em alguma medida o trabalho de monografia (Alcantara, 2015), apesar de sua incompletude em associar processos de método com proposições teóricas. O atual texto surge um pouco desse interesse. Inicialmente, a proposta da dissertação era de continuar os estudos de análise técnicas, feitos anteriormente para a Lapa do Poseidon em Montalvânia-MG, na região de Monjolos-MG e Diamantina-MG, comparando os processos de composição das figuras pintadas e gravadas em ambas as regiões. Com o passar da experiência com ambos os locais e em especial com a região de Monjolos-MG, optei por redirecionar a análise, para contemplar não apenas aspectos técnicos – que foram secundarizados também por uma questão do estado de conservação de muitas das pinturas da região de Monjolos – mas para uma abordagem paisagística, interessada em discutir as formas de ocupação dos sítios de grafismos e a suas relações entre si e com área não comumente classificadas como ‘sítios arqueológicos’.

Esse não foi (e não é) um movimento simples para mim, pois a ideia seria tentar discutir formas de interação na paisagem, de uma forma mais ampla, não avaliando apenas os sítios e seus grafismos (e os lugares dentro deles escolhidos pra se pintar/gravar), e me forçar a refletir sobre outros lugares que poderiam ser valorizados ou não enquanto parte de um repertório cultural². Associado a esta ideia e associado ao fato de que a região escolhida para ser analisada é uma área de transição entre dois contextos geomorfológicos, vegetacionais, geológicos muito distintos, e que a *priori*, apresentavam também semelhanças e diferenças em termos de conjuntos gráficos, eu poderia discutir possibilidades de relação entre ambas as áreas, assim como discutir, afinal, possibilidades de movimento³. Associado a esse processo de discussão, perpassa

¹ Dentre as bibliografias estão Tim Ingold, Gibson, Bateson.

² Aqui, no sentido de que lugares que não foram necessariamente ‘marcados’ fisicamente, seja por ocupações de subsuperfície ou grafismos, também são relevantes na maneira de habitar um lugar, e que talvez fosse possível pensar sobre esses lugares de alguma forma.

³ Movimento, aqui, entendido na conjunção de uma escala mais ampla, pensando nas movimentações dentro da paisagem – relação entre os sítios, entre lugares que fossem significativos dentro de um certo universo cultural – e movimento enquanto modo de se ocupar e perceber o mundo – pensando que essa ideia permeia não só coletivos,

uma questão mais ampla, que tem a ver com a forma de se fazer a pesquisa, pensando na abordagem que podemos dar aos contextos que estudamos. O constante incômodo de fazer uma pesquisa em que as formas de abordagem não me satisfazem é elemento fundante deste texto, do seu início a seu fim, e acredito que vá povoar o meu caminho ainda por muito tempo. Assim, o capítulo teórico aqui escrito é recurso de reflexão para pensar sobre dicotomias, limites, restrições e imposições que criei e que são compartilhados com muitas pessoas, ao longo da minha vida, que está diretamente vinculado à minha forma de pensar, conhecer, viver.

A região de Monjolos tem um universo de, atualmente, treze sítios conhecidos, todos eles associados a grafismos rupestres. (ver mapa em anexo) Grande parte dos sítios, com exceção da Lapa da Fazenda Velha e a Lapa da Gameleira (ou Bonina) – estes com centenas de grafismos –, são sítios com pequena quantidade de grafismos, circulando entre 15-50 figuras, em sua maioria pintados, variando entre tintas vermelhas, amarelas e pretas, e uma temática mais restrita a zoomorfos (em especial peixes e quadrúpedes, sendo a maioria cervídeos) e geométricos (na sua imensa maioria, bastonetes e linhas de pontos). Mesmo dentro dos sítios maiores, a escolha de formas/temas é muito semelhante com o restante: A Lapa da Gameleira tem suas paredes amplamente ocupadas por cervídeos picoteados, além de algumas figuras em formato de ‘u’, que também aparecem em certa quantidade (formando linhas dessas figuras, horizontalmente), enquanto o suporte sub-horizontal presente é ocupado por um conjunto bastante parecido com o que ocupa um suporte muito parecido na Lapa da Fazenda Velha. Esta possui suas paredes pintadas e gravadas, com uma imensidão de figuras geométricas circulando entorno dos temas citados, e figuras zoomórficas (em menor quantidade). No caso deste sítio, temos uma presença marcante de aves – que pouco aparecem em outros locais grafados – e de antropomorfos alongados, gravados.

Em termos de distribuição dos sítios, temos grandes conjuntos que se concentram em alguns maciços calcários próximos ao limite oeste da Serra do Espinhaço. Em dois dos maciços estão localizados onze dos sítios – Serra do Cafundó, onde se localizam cinco deles, e na região da Fazenda Velha, com seis deles –, havendo uma grande concentração dos mesmos em áreas relativamente pequenas. Acredito que as

como indivíduos –, pois pretendia discutir essas idéias a partir das construções de Ingold (2002, 2011) e Gibson (1986), num quadro teórico mais amplo, que visava repensar as formas de se perceber e relacionar com o mundo.

concentrações sejam em grande parte pela parcialidade dos movimentos prospectivos na região, que foram oportunistas, associados a uma prospecção restrita, que aproveitou as áreas já com sítios indicados pela população local para expandir a área percorrida⁴. A região ainda exige um investimento maior em expandir as áreas conhecidas e de diversidade paisagística dentro a área do Cráton, mas que não será desenvolvido extensivamente no âmbito desta pesquisa de mestrado. Aproveitamos para prospectar, tendo em vista o interesse na relação entre o Cráton Sanfranciscano e a Serra do Espinhaço, a região de contato entre os dois universos geológicos, primando por caminhar na descida/subida da Serra⁵. Até o momento, não encontramos nenhum local com vestígios arqueológicos, mas algumas possibilidades de acesso a locais que, à distância, parecem mais promissores.

Em contraste, a região de Diamantina passou por um processo mais longo de prospecções e pesquisas, realizadas desde os anos 2000 até atualmente pelo Setor de Arqueologia do MHNJB. E, mais recentemente, a partir do final dos 2000/início dos 2010, a equipe do LAEP (Laboratório de Arqueologia e Paisagem) coordenado pelo professor Marcelo Fagundes, inicia uma pesquisa em paralelo, focando em áreas próximas e áreas mais setentrionais em relação ao núcleo pesquisado pelo Setor de Arqueologia do MHNJB-UFMG⁶. No caso das pesquisas do MHNJB, o foco das prospecções está localizado entre Diamantina e Conselheiro Mata, no sentido Leste-Oeste, e entre São João da Chapada e Barão de Guaicuí, no sentido Norte-Sul. Somando esse trecho a outras áreas menores prospectadas mais a Leste e a Sul, é conhecida hoje mais de uma centena de sítios, sendo que parte deles é responsável pela caracterização dos conjuntos gráficos (Linke & Isnardis, 2012) e do entendimento de ocupação paisagística da região (Linke, 2008).

É a partir desta amostra de sítios que pretendo criar diálogo com os sítios de Monjolos. A definição dos conjuntos estilísticos da região partem desse repertório, logo, ao pretender discutir relações com essa área, automaticamente estou lidando com esse recorte de sítios. A possibilidade de comparação tem a ver com a metodologia escolhida

⁴ Isso aconteceu tanto nas prospecções do fim dos 2000 e no âmbito da pesquisa da dissertação.

⁵ As áreas caminhadas correspondem a trechos das vertentes da margem direita dos vales do Rio Pardo e do córrego do Varas, nos trechos em que esses correm paralelos à borda oeste da Serra, e no curso final de seus cânions, que se abrem atravessando a Serra de Leste para Oeste.

⁶ Setor de Arqueologia do Museu de história natural da UFMG.

pelos pesquisadores no que tange suas pesquisas, e que estão diretamente associadas à pesquisa em Monjolos, uma vez que a chegada das pesquisas ao Rodeador é uma extensão de um foco de interesse neste contexto regional. Assim, pretende-se comparar os conjuntos gráficos a partir de algumas questões gerais.

Esta pesquisa visa comparar esse repertório de escolhas com o já descrito e analisado em Diamantina, e disposto a criar um diálogo que perpassasse os modos de habitar o mundo, nesse caso, focado em escolhas que permeiam os lugares eleitos para serem ocupados e feições da paisagem. Em uma escala ampla, busco compreender o caso específico do conjunto de sítios de Monjolos dentro de uma reflexão sobre parâmetros de análise e de abordagem aos contextos arqueológicos, visando pensar sobre as formas de se produzir conhecimento.

Enquanto objetivos específicos, pretende-se, portanto, discutir o contexto de Monjolos-MG, analisando e caracterizando os sítios e os seus grafismos, em termos de escolhas dos seus autores (considerando técnica, composição das figuras, disposição nos suportes, escolhas dos sítios) pensando em formas de lidar com o movimento⁷, habitação⁸ em diálogo com abordagens da Arqueologia da Paisagem. Pretende-se prospectar e, caso encontrado, descrever os sítios da zona de transição entre a Serra do Espinhaço e o Cráton Sanfranciscano no trecho próximo a Monjolos; caracterizar feições ambientais da região, buscando criar parâmetros de diálogo e agregar às análises possibilidades de relação com essas feições; por fim, discutir questões de método a partir do uso do geoprocessamento enquanto ferramenta analítica. Ressalto aqui que a temática da discussão no entorno de contato entre zonas litológicas é recorrente e já fora discutido por Tobias Junior (2010) e Valle (2013) em outras regiões.

A dissertação se estruturará, portanto, em uma introdução e objetivos, seguido de um capítulo de discussão teórica e metodológica, cruzando bibliografias que vão de Tilley, Boivin, Witmore e Webmoor, Snead, até trabalhos mais voltados para a antropologia, como Tim Ingold, Keith Basso, Viveiros de Castro e Seeger, perpassando também por Gibson, na psicologia. A ideia do cruzamento desse repertório é refletir sobre possibilidades de análise, como explicitado acima, visando embasar a discussão do contexto de Monjolos. Além dessa discussão, pretende-se uma reflexão sobre o

⁷ Pensando a partir de Gibson (1986), Ingold (2000), Snead (2017).

⁸ A ideia de habitação está atrelada aos escritos de Heidegger e revisitos em Ingold (2000, 2011, 2017).

Geoprocessamento e as possibilidades analíticas do mesmo a partir de uma perspectiva menos ambientalista e determinista⁹, buscando outros parâmetros de uso deste recurso. O terceiro capítulo irá apresentar o contexto de pesquisa e geomorfológico, em que se pretende situar o trabalho no contexto regional de pesquisas, além de situá-lo paisagisticamente, buscando elementos e informações que contribuam com a análise. Um quarto capítulo trará a descrição e análise dos sítios e contexto, em que se falará individualmente de cada um dos locais pintados e gravados e de feições que nos permitam discutir a ocupação desta região. Por fim, o capítulo quinto, que trará uma discussão de ‘resultados’ e discussões levantadas durante o processo da dissertação.

II. CAMINHOS, MOVIMENTOS E FLUIDEZ: AS RELAÇÕES E ESCOLHAS ENTRE REGIÕES EM CONEXÃO

Idéias, conceitos, teorias, possibilidades

Como já explicitado anteriormente, um dos objetivos que permeiam esse trabalho é discutir e pensar sobre as razões e motivos que dão às coisas e aos lugares significados. A partir desta ideia, muitas discussões teóricas permeiam nossa disciplina: Trabalhos que discutem padrões de assentamento, relações inter-sítios, inserção de grafismos rupestres, modos de interação com a paisagem, análises dos vestígios, priorizando percepções simbólicas, de performance, etc. Pretendo aqui, não exaurir ou revisar as formas nas quais essas abordagens lidam com o registro arqueológico, mas discutir uma vertente específica, que ao longo dos últimos anos – uma discussão que se inicia principalmente na década de oitenta – discute certas premissas que assumem uma divisão inata entre natureza e sociedade. Estes autores estão interessados em revisar o processo teórico-conceitual de externalização dos humanos do seu mundo, no sentido de se assumir uma diferença biológica marcada, que produz um reflexo de capacidade de percepção e diálogo com o mundo tão radical que é capaz de nos considerar como uma espécie animal ‘especial’ e no final das contas, melhor e mais capaz do que qualquer outra.

⁹ Entendendo teorias adaptativistas-economicistas.

As ideias de autores como Merleau-Ponty, 1945; Ingold, 2000, 2008, 2012, 2017; Bender, 2002; Boivin, 2004, Aldred, 2014; Bateson, 1986; Tilley, 1994; Thomas, 1993, 2017; Webmoor & Witmore, 2008,), dentre muitos outros, é uma revisão da forma na qual nós assumimos o nosso lugar no mundo e a nossa forma de fazer pesquisa.

A eterna tentativa de uma objetividade total permeou nosso modo de nos relacionarmos com o mundo e a nossa forma de tentar entendê-lo, ao ponto de tentarmos nos excluir deste processo. O interesse em se enfrentar teoricamente essa dualidade marcada (natureza x cultura) vem, em grande parte, como Webmoor e Witmore (2008) colocam, de uma necessidade de acabar com grandes simplificações, que são impostas *a priori* em nossa percepção e análise. As super simplificações acabam por fazer com que assumamos que o papel do mundo e a sua ação sobre nós é um movimento externo: os indivíduos e seres humanos são seres fechados, dentro de seu corpo e, principalmente, dentro de sua própria mente.

Acabamos, portanto, assumindo que a forma com que nos relacionamos e as formas como os outros seres e coisas do mundo se relacionam sejam muito autocentradas, reforçando uma percepção muito etnocêntrica. O que quero dizer é que os eixos explicativos escolhidos quase sempre se focam em modelos de objetificação e destrinchamento ‘objetivo’ dos ‘objetos de pesquisa’ a partir de uma perspectiva racionalista, que valoriza apenas uma forma de se entender o mundo (pensando em uma ontologia e epistemologia científica ocidental), que, muitas vezes, centralizam a atenção aos humanos e destituem de potência outros seres e coisas no mundo. Trata-se de um movimento de descentralização da agência e da ação da humanidade para o resto do mundo. Permitir-nos assumir e perceber que nos relacionamos com outros seres, outros objetos, coisas, etc., e que essa relação exige mutualidade. Como Boivin (2004) aponta, na arqueologia, há a necessidade de deixar de entender a cultura material como *produto* da história humana, para entendê-la como *parte* dela. A atribuição de passividade e ‘subjugação’ acaba por desvalorizar potências de entendimento de ações coletivas e de multi-formas.

Assim, desenvolveram-se, e ainda se desenvolvem, diversas abordagens, que passam a valorizar a agência dos objetos, dos animais e plantas, e a posição das pessoas nos processos de vivência no mundo. Em especial, gostaria de iniciar as discussões desse capítulo caminhando por uma perspectiva fenomenológica, a partir, principalmente, dos

escritos de Merleau-Ponty (1945), discutindo as formas de se estar-no-mundo e percebê-lo. Perspectiva esta que vai assumir e trazer à tona a subjetividade constante e inerente a toda pessoa, pontuando a importância da percepção e da experiência como elementos de entendimento do mundo, e assumindo o corpo como elemento fundamental nesses processos de se relacionar e conhecer. A partir daí, discutir com Gibson (1986) e sua abordagem ecológica, visando pensar na relação estabelecida entre nós e outros seres e coisas a partir do movimento e de algumas premissas que estruturariam o mundo, para pensar sobre a rigidez apresentada em algumas das posições da fenomenologia e da ecologia da percepção. Visa-se repensar estas proposições teórico-analíticas abarcadas por Gibson, pensando em uma flexibilização ontológica de entendimento das substâncias, dos seres e coisas que fazem parte do nosso mundo, o que nos leva diretamente à uma reflexão epistemológica da forma como o conhecimento é estabelecido em diversos grupos, em diversos locais, percebendo estes últimos enquanto criados por um processo de ocupação e cognição que nos permite perceber e significar a nós mesmos e ao que mais vier, de formas distintas.

Pretende-se ainda dialogar com a perspectiva Ingoldiana de paisagem e de *world-weather* (Ingold, 2002; 2011; 2017) para então expandir o diálogo a partir da inserção de discussões com o perspectivismo ameríndio, a partir, especialmente de Viveiros de Castro, e com os Apache de Cibecue, através do passeio feito por K. Basso por seus lugares (Basso, 1996). O objetivo desses encontros teóricos é refletir sobre possibilidades de abordagem dos complexos contextos arqueológicos, pensando especialmente em processos de relação com o mundo, significação do mesmo e formas de se pensar os lugares na paisagem nas suas diversas escalas e profundidades.

A fenomenologia e o cartesianismo

A proposta fenomenológica aparece diretamente em diálogo e contraste com as abordagens cartesianas a partir das propostas de Descartes em suas *meditações*, em que propõe, sucintamente, que o homem é antes de tudo um ser que *pensa*, e aponta para o fato de que os sentidos são ‘corruptíveis’ e que seriam formas enganadoras de conhecer o mundo. Através dos sentidos, teríamos muitas possibilidades de caminhos que nos afastariam do conhecimento do real, e que era necessário um método capaz de eliminar ao máximo essas ‘ilusões’ geradas pelos sentidos (ou seja, pelo corpo). Assim,

Descartes estabelece uma separação clara entre corpo e mente (razão, pensamento), onde o conhecer passaria por um processo racional do mundo. Nessa perspectiva, ele propõe que, através da geometria, seríamos capazes de conhecer a essência das coisas, por se tratar de um processo objetivo matemático analítico.

Esse entendimento essencialístico do real e de acesso a essa realidade é a base de referência para a ciência atual. Assim como no método cartesiano, busca-se ao máximo a eliminação do ‘subjetivismo’ no/do processo de se fazer ciência, através de métodos que visam ser objetivos e ‘claros’. Temos uma perspectiva epistemológica que prima pela razão e pela separação total entre objeto e sujeito, uma vez que o afastamento é fundamental para um entendimento ‘pleno’ e ‘neutro’. Ora, esse princípio analítico propõe que precisamos nos retirar ao máximo de nossas próprias análises para que não nos enganemos ao nos ver inscritos em nossos resultados. As ciências duras até hoje têm muito firmemente esse princípio ativo enquanto estrutura do conhecimento que geram, assim como várias ciências humanas o desejam.

Na filosofia e na antropologia, diversos foram os fracassos em busca dessa meta analítica. São diversas as discussões da impossibilidade de se retirar por completo da nossa produção de conhecimento (ver Latour, 1991; Wagner, 2010 [1975], por exemplo). Uma vez que somos nós historicamente contextualizados, inseridos em sociedades muito específicas, o tipo de conhecimento gerado e os métodos utilizados para tal também o são, o que exige de nós clareza da subjetividade dos processos de construção de informação e conhecimento.

Tendo em vista essas contradições – entre a constante tentativa da objetividade e a inexorável subjetividade que habita nossa existência –, alguns pesquisadores passam a buscar outras alternativas ontológicas e epistemológicas que visam repensar o nosso próprio lugar no mundo e a forma como produzimos conhecimento e como o pregamos enquanto conhecimento único, universal e válido. Algumas das correntes da fenomenologia, hoje, estão entre as correntes teóricas que visam romper com essa perspectiva cientificista, uma vez que propõe com Merleau-Ponty (1945), primeiramente, abrir mão das separações duais de sociedade-natureza, corpo-mente, sujeito-objeto, ao entender que somos seres integrados ao ambiente em que vivemos e que o nosso corpo e nossa mente são inseparáveis, uma vez que a percepção não passa por um afastamento intelectual do mundo, mas sim pelo próprio corpo.

O que Merleau-Ponty advoga não é o fim da ciência enquanto fonte legítima de conhecimento, mas sim a sua relativização. Ele aponta para o fato de que a ciência não é capaz de gerar uma imagem do mundo que é completa e auto-suficiente e que é preciso que se crie consciência de sua incompletude, assim como não se elimine (questione, deslegitime) outras formas de conhecimento.

Este autor vai falar intensamente da ideia de ‘*embodiment*’ (incorporado), em que o corpo é o *conduit* fundamental do próprio conhecimento. Essa abordagem retira o corpo do lugar de um mero ‘instrumento’ por onde a mente atua (e está presa). O corpo é por onde se é possível conhecer, se relacionar. Eu *sou* o meu corpo. Essa afirmação elimina a idéia de uma mente que é ‘independente’ do corpo em termos de funcionamento, assim como elimina a ideia de corpo enquanto um sistema mecânico, os *sentidos* passam a ser parte constituinte e essencial à maneira pela qual nós conhecemos.

A fenomenologia, em princípios gerais, é o estudo dos fenômenos, mas em uma perspectiva que foge da afirmação de uma realidade através da razão, valorizando também os sentidos nesse processo. E é Husserl (1986) quem irá inaugurar as discussões mais complexas de fenomenologia, autor que Merleau-Ponty (1945) irá dialogar intensamente. Assim, a fenomenologia visa pensar o humano e suas experiências com o mundo:

“Para Husserl, a fenomenologia é uma descrição da estrutura específica do fenômeno (fluxo imanente de vivências que constitui a consciência) e, como estrutura da consciência enquanto consciência, ou seja, como condição de possibilidade do conhecimento, o é na medida em que ela, enquanto consciência transcendental, constitui as significações e na medida em que conhecer é pura e simplesmente apreender (no plano empírico) ou constituir (no plano transcendental) os significados naturais e espirituais.” (Zilles, 2007, p.218)

Vemos ainda em Husserl uma relação direta com Descartes, já que ele entende que a reflexão fenomenológica partiria da “correlação de cada *cogito* com seu *cogitatum*”, concebido em seu próprio mundo. A fenomenologia husserliana, porém, vai se abster da

ideia de separar os objetos e o observador, com a intenção de uma epistemologia que fosse capaz de lidar com o mundo sem se afastar dele nos moldes que o método científico havia estabelecido.

Husserl acreditava em um ‘eu transcendental’ (1929), em que seria possível, através da redução fenomenológica (*Epoché*), chegar ao “Ego Transcendental puro”. O método da redução critica a ideia de “atitude natural” (Husserl, 1911), que seria a forma pela qual observamos o mundo a partir de uma concepção de realidade espaço-temporal objetiva, constituindo uma fé na realidade do mundo. Visando alcançar a consciência (que é intencional), a redução fenomenológica propõe-se à suspensão de juízo em relação à existência das coisas. A redução seria:

“o deslocamento da atenção, inicialmente voltada para os fatos contingentes do mundo natural, para o domínio de uma subjetividade transcendental, dentro da qual e a partir da qual os “fenômenos” – enquanto idealidades puras – se revelarão como “evidências absolutas” para uma consciência transcendental, dotada da capacidade de ver verdadeiramente estes fenômenos tal como se apresentam em sua plena evidência.” (Tourinho, 2011)

A abordagem de Husserl será criticada por Merleau-Ponty (1945), em certa medida, assim como absorvida. Husserl é um autor que muda seu posicionamento durante seus escritos, o que o faz criticável ao ponto de vista de Merleau-Ponty em certo momento de seu percurso (em suas teses iniciais, logicistas, baseadas em métodos eidéticos) e compartilhado em outros (em especial no fim de sua vida, com uma fenomenologia mais existencialista, também dita genética). Merleau-Ponty caminha mais próximo da segunda fase de Husserl, onde a ideia de que a compreensão fenomenológica (essencialista) viria de abstrações imaginárias (eidéticas) é abandonada, e a ideia de que é possível compreender essa essência encarnada, ‘concreta’ passa a ganhar força e espaço no pensamento merleau-pontyano.

Apesar da fenomenologia merleau-pontyana estar preocupada com essências, há um deslocamento fundamental: a essência deixa de estar em um plano da razão (do pensamento) para estar no plano da existência. Merleau-Ponty caminha para um entendimento pré-reflexivo, pré-divisório do sujeito-objeto. O autor também é

entendido por duas fases, onde, na Fenomenologia da percepção (1945) passa por um processo intensamente descritivo dos fenômenos corporais e o no Visível e o Invisível (1964), onde entra em uma discussão mais ontológica. Em ambos, sua meta inicial vem do interesse em entender a percepção continua.

Nas palavras de Tilley (2014):

“A característica distintiva da fenomenologia trazida por Merleau-Ponty é que ela se baseia na fisicalidade e na existência material do corpo humano no mundo. Desse lugar primordial, fluem toda nossa experiência, compreensão e conhecimento do mundo. Neste sentido, ele defende uma posição materialista contrária a qualquer forma de idealismo ou intelectualismo que tente situar e compreender o mundo a partir da perspectiva de um espírito descorporificado e, de alguma forma, fora do corpo. Precisamente porque as pessoas são objetos físicos, nós somos capazes de perceber o mundo, mas não há nenhum ponto vantajoso, ‘exterior’, puramente objetivo para fazê-lo; por exemplo, um espírito imaterial fora de um ambiente e de um fluxo de eventos temporais. Nós experimentamos e percebemos o mundo porque vivemos nesse mundo e estamos entrelaçados a ele. Nós o integramos assim como ele nos integra. Nosso Ser-corporalmente-no-mundo fornece a base fundamental, ou ponto de partida, para a nossa descrição dele.” (Tilley, 2014:24)

Temos, portanto, uma concepção que parte de uma valorização da experiência e dos sentidos como meio para conhecer o mundo, onde o movimento e a relação estabelecida do ser no mundo são fundamentais para esse processo. Ao negar o *cogito* cartesiano, ele não abre mão da reflexão, mas aponta para a necessidade desta vir das *relações* e entendida como fundamentalmente incompleta, não uma unidade absoluta e transcendental, alcançável através de um procedimento de ‘purificação’ dos fenômenos. Temos a valorização da materialidade enquanto parte fundamental da experiência e do conhecimento.

Paisagem, Gibson, movimento

Pensando em áreas de transição marcantes na paisagem (Tobias Jr., 2010; Valle, 2012), acredito ser uma área de pesquisa em que a discussão de processos de acesso, movimentação, caminhos, pode ser enriquecida a partir da perspectiva fenomenológica. Pretendo pensar em formas de ocupação e movimentação na relação entre o Cráton sanfranciscano e a Serra do Espinhaço, tendo como elemento marcante dos caminhos e fluxos os próprios sítios arqueológicos. Juntamente com a perspectiva da movimentação, pensar os conjuntos de grafismos rupestres e suas interseções com as áreas ao seu redor, pensando, em termos estilísticos, em suas variações. Não pretendo aqui assumir que as regiões por serem geoambientalmente distintas carreguem consigo uma diferença de estilos e formas de ocupação, me distanciando de discussões que atribuem aos limites geográficos a possibilidade de serem condicionantes culturais impositivos.

Partindo da perspectiva fenomenológica supracitada, em que se entende que o conhecimento é fruto da experiência e do estar-no-mundo, no sentido de que é através da nossa percepção sensorial que nos relacionamos com o ambiente¹⁰, que gostaria de discutir formas de se falar de grafismos e paisagens. O se relacionar é o movimento que nos permite conhecer, compreender, perceber. Trata-se de uma troca constante entre o ser e o seu arredor. Trata-se, afinal, de uma teoria que visa inserir-nos novamente no mundo. A ciência como um todo esforçou-se em se retirar do mundo, em ver objetivamente, em se distanciar, em ver ‘de fora’. O que autores como os citados acima estão interessados em discutir é exatamente a impossibilidade de se externalizar do mundo. Só podemos e conseguimos observar, viver, conhecer, porque estamos no mundo. E estar no mundo tem relação com a nossa materialidade. Nós somos nosso corpo. É sendo corpo que experienciamos a vida. É através dos sentidos que percebemos e interagimos com o mundo; o corpo é sujeito da percepção.

‘underneath the objective and detached knowledge of the body that other knowledge which we have of it by virtue of its always being with us and of the fact that we are our body’ (Merleau-

¹⁰ Aqui numa perspectiva mais ampla, pretendendo-se lidar com uma idéia não dicotômica entre humanos e o “ambiente” que nos engloba. Logo, o ambiente é tudo, e todos.

Com essa idéia, Gibson, a partir de uma perspectiva da psicologia, se propõe a discutir a noção de percepção da visão. Para ele, a nossa capacidade de perceber e interagir com o mundo é oriunda de uma experiência corporal. Além disso, a relação entre ambiente e organismos (seres vivos) é recíproca, uma vez que o ambiente é contigente da percepção de algum ser. Estamos presentes no mundo, e a nossa existência, juntamente com todos os outros seres e elementos do mundo é o que provê a possibilidade de percebemos e interagirmos. Nesse sentido, mover-se é um conceito chave para o autor, pois é, segundo ele, através do movimento que nós somos capazes de perceber o mundo. Perceber é uma movimento contínuo e exploratório. Ao mover-nos, mudamos os pontos de vista, mudamos o que e como percebemos as coisas, os objetos, as paisagens.

Assim, Gibson se dedica a entender o papel da luz nos processos de percepção visual. Para ele a luz é a responsável por informar certas coisas a quem observa. Ele propõe o conceito de *ambient optic array* (AOA), que seria a junção entre a luz e as estruturas de reflectância dos objetos. Todos os objetos teriam uma estrutura (que teriam variantes e invariantes, o que será discutido a seguir), que reflete aos nossos olhos o objeto. Assim, nós percebemos as paisagens, por exemplo, porque elas estruturam a luz que chega aos nossos olhos (Gibson, 1979). Importante ressaltar, assim como o autor o faz, que seus conceitos trabalham conceitos físicos, porém não o são. Ao falar de luz, de estrutura de reflectância do ambiente e dos objetos, de superfície, textura, etc. o autor pretende discuti-las em relação. Em relação aos animais que ali habitam e que percebem o ambiente. Assim, não se trata de formular critérios físicos e objetivos de ‘formas de perceber o ambiente’, mas sim de falar de múltiplas e em devir-formas de se ocupar o ambiente a partir de cada perspectiva animal adotada¹².

Os objetos teriam padrões de reflectância da luz, porém não são imutáveis, e isso fez Gibson pensar que os elementos que formam um objeto tendem a ter características mais duradouras (persistentes) e outras menos duradouras (perspectivas). A primeira, tende a conformar elementos que são pouco mutáveis, levando em consideração as

¹¹ “Por debaixo do conhecimento objetivo e desanexado sobre o corpo, aquele outro conhecimento, que temos virtuosamente devido ao fato dele estar conosco desde sempre, e pelo fato de que nós somos nosso corpo”. Tradução do autor.

¹² Importante para entender o conceito de *affordance*, que será discutido adiante.

escalas de tempo. A segunda, abarcaria elementos com um grau de mudança maior, mais fluido dos objetos. Em termos de ambiente, a cada mudança de ponto de vista, o ambiente é outro, uma vez que cada um destes pontos são únicos, logo, a mudança é constante, porém, com certas permanências. Para Gibson, as causas de persistência são o *layout* da superfície da terra e sua reflectância, enquanto as variantes seriam a movimentação do observador e a movimentação da luz (o sol, por exemplo).

Esse conjunto de idéias me fez refletir sobre a estrutura dos objetos. Os objetos mudam, e somos capazes de perceber, porém existem certas características que recorrentemente nos são elementos básicos para o entendimento de que aquele objeto continua sendo o ‘mesmo’. Um exemplo simples seria a madeira. Mesmo após uma árvore ser cortada, processada e remodelada para fazer-se móveis, somos capazes de reconhecer que aquele objeto foi feito de madeira, e muitas vezes, dependendo da pessoa, exatamente de que madeira. Essa estrutura seria recorrente em basicamente todos os objetos, o que aliás nos permitiria interagir com os mesmos, assim como poder estabelecer expectativas sobre seu comportamento¹³. As persistências em termos de características que nos permitem identificar certo objeto enquanto tal são tão importantes como as que lhes permitem maleabilidade, mudanças. Ambas impõem limites às possibilidades de mutabilidade, o que nos fornece, em tese, a possibilidade de lidar com elas de forma regular, de ter conhecimento de como a relação estabelecida com ela tende a ocorrer. Parece-me ser um mecanismo constante de troca de expectativas e renovação das mesmas.

Teríamos, pois, um conjunto: o ser que ‘observa’ e interage, recebendo estruturas de luz dos objetos (AOA), que lhe informam sobre diversas características dos mesmos, em *movimento*, gerando variações dessas AOA, uma vez que cada vez que se move, seu ponto de vista muda e novas informações são recebidas, no *tempo*, uma vez que este é intrínseco à vida e uma das características dessa relação que se estabelece. As coisas acontecem no tempo e reagem à sua passagem de forma variada. O tempo, como se pode imaginar, é um dos conceitos caros à arqueologia. Não são poucos os autores que vão se dedicar a discutir o tema. As perspectivas flutuam entre entendimentos de

¹³ Essa é uma questão chave para diversas abordagens arqueológicas, uma vez que é através da expectativa de uma estrutura não tão mutável, que propomos possibilidades interpretativas, por exemplo, para análises tecnológicas de grafismos, material lítico e cerâmico.

tempos cronológicos lineares, não-lineares, tempo-físico, psicológico, etc. Aqui, entende-se o tempo a partir da experiência.

Dentro desse processo exploratório, outros eventos acontecem que podem nos ajudar a pensar as paisagens arqueológicas. Primeiramente, somos capazes de perceber coisas que não estão necessariamente parcial ou totalmente visíveis. Conseguimos ter alguma clareza, no que entendo ser uma forma de ‘educação da atenção’ (Gibson, 1979) uma memória corporal e visual, gerada por experiências, que nos permitem compreender e projetar como certas coisas podem ser, algumas características gerais que compõem paisagens, objetos, etc. Segundo Ingold (2010), em oposição à clássica ideia das “representações mentais”, tão difundidas na arqueologia, o processo de aprendizado não passa por uma ‘transmissão de conhecimento’, mas sim por um ‘redescobrimto dirigido’ (Ingold, 2010). Logo, os processos de aprendizado estão imbricados na prática, na repetição. A ideia de que apenas observarmos ou recebermos teoricamente uma informação não é capaz de lidar com todo o processo de educação que agir no mundo constrói. Assim, na perspectiva de Gibson, o que acontece é que nos casos em que o conhecimento (ou experiência) de alguém é maior do que de outra pessoa em um certo aspecto, isso não ocorre porque este recebeu informações teóricas ou ‘imagens mentais’ mais complexas ou em maior quantidade, mas sim porque o seu “sistema receptivo está regulado para ‘captar’ aspectos essenciais do ambiente que simplesmente passam despercebidos pelo iniciante’ (Ingold, 2010:21). Buscamos, afinal, nessa perspectiva, referências no mundo, que envolvem a nossa percepção, e não em representações mentais desse mundo, para nos orientar e refletir sobre nossas escolhas.

“Na passagem das gerações humanas, a contribuição de cada uma para a cognoscibilidade da seguinte não se dá pela entrega de um corpo de informação desincorporada e contexto independente, mas pela criação, através de suas atividades, de contextos ambientais dentro dos quais as sucessoras desenvolvem suas próprias habilidades incorporadas de percepção e ação. Em vez de ter suas capacidades evolutivas recheadas de estruturas que representam aspectos do mundo, os seres humanos emergem como um centro de atenção e agência cujos processos ressoam com os de seu ambiente. O conhecer, então, não reside nas relações entre estruturas no mundo e estruturas na mente, mas é imanente à vida e consciência do conhecedor, pois desabrocha dentro do campo de prática – a taskscape – estabelecido através de sua presença enquanto ser no-mundo. A cognição, neste sentido, é um processo em tempo real. ‘Em vez de falar de idéias, conceitos, categorias e elos’, sugere

Gatewood, deveríamos pensar em fluxos, contornos, intensidades e ressonâncias' (1985, p. 216)." (Ingold, 2010:22)

Assim, antes mesmo de ver um vale em um contexto de cerrado, por exemplo, conseguimos projetar, a partir de padrões geomorfológicos e vegetacionais, como, de forma genérica, esse vale pode se caracterizar. Isso vale também para áreas que já conhecemos. Antes mesmo de visualizar novamente um lugar já conhecido, conseguimos, na paisagem, a partir de outros referenciais que a permeiam, estimar a relação desse dado lugar com outras feições da região.

Isso faz com que possamos relativizar conceitos muito valorizados na Arqueologia da Paisagem, como a visada, por exemplo. Ter visada de um ponto pode passar a ter um valor relativo, uma vez que poder ver diretamente algum lugar, poderia ter mais a contribuir para certos aspectos (perceber novos elementos que dinamizem a paisagem) do que para outros (saber dizer onde um lugar está, por exemplo).

Por exemplo, pessoas habituadas a caminhar em paisagens do cerrado tem condições de projetar que áreas já desmatadas tendem a gerar uma mata secundária fechada, que dificultaria a locomoção, ou que certos locais são de melhor ou pior acesso devido à estação na qual se encontram, ou que os vales e seus interflúvios tem um certo padrão na área em que normalmente caminham e isso os permite gerar, minimamente, expectativas quanto ao que os espera em uma certa caminhada. Essas informações são fluidas e recorrentes em nossas vidas. As expectativas de persistências, invariâncias, são fundamentais para que possamos projetar formas de lidar com os acontecimentos cotidianos, assim como as variâncias, uma vez que nos dão consciência de que jamais seremos capazes de ter garantias de os lugares corresponderão integralmente às nossas expectativas. A relação entre as duas variáveis é fundamental.

Entramos, portanto, no conceito de *affordance* (Gibson, 1979). Temos uma relação recíproca, em um ambiente dinâmico, repleto de elementos e seres em movimento. Mas para isso acontecer, temos que pensar em como os seres lidam com as coisas à sua volta. Para Gibson, trata-se de uma relação de possibilidades que os seres e os objetos são capazes de fornecer. Um objeto é repleto de devires, mas que são realizados ou não a partir de uma manipulação relacional de um outro ser, por exemplo. Quando fazemos um instrumento lascado a partir de uma certa rocha, estamos lidando com as

características que ela possui e seus devires de transformação, que são potencializados e limitados por essas. Assim, um quartzo sempre fornecerá ao lascador a necessidade de lidar com suas clivagens, o arcóseo de se lidar com sua grossa granulometria, e assim por diante.

O *affordance* é essa relação. São as possibilidades que as coisas são capazes de gerar conjuntamente com as possibilidades de sua manipulação/ação de algum ser. Vemos que na perspectiva de Gibson os objetos *possuem* essas potências, independente se em algum momento alguém irá se relacionar com o objeto e utilizá-la. Elas são parte do objeto em potência, são possibilidades que o objeto permite ou não. Seria impossível, por exemplo, um pote cerâmico ter características de cozimento parecidas com as de uma panela de ferro, pois os elementos de sua constituição são distintos.

A arqueologia, ao meu ver, tem muito o que dialogar com essas teorias. São alencadores de novas formas de lidar e dialogar com os vestígios materiais e com os contextos paisagísticos, em especial em buscar outras formas de lidar com as análises de paisagem e movimentação, buscando dialogar com ideias que nos permitam relativizar conceitos comumente utilizados como parâmetro, como *visada*, *modelos de gasto energético* (pensando nos trajetos possíveis utilizados), *a localização dos sítios* (Pensando em formas de se dialogar com maneiras de se ocupar a paisagem) e critérios interpretativos para os conjuntos, neste caso, grafados.

Perspectivas em paisagem: espaço e lugar

Muitas são as discussões que giram em torno da idéia de paisagem. O estudo das formas de ocupação nos diferentes contextos possíveis tem sido de grande interesse aos estudos acadêmicos. Entendo aqui que a discussão sobre paisagem abarca muito mais do que o seu conceito em si, mas diversas perspectivas que permearam as formas que os seres humanos e outros interagem e se relacionam com o mundo (pensando em seu artefatos, rios, serras, vegetação, etc.). O termo tem sido adotado e usado como forma de nomear certas percepções de características do mundo e como elas funcionam. A paisagem e as discussões de padrões de assentamento e de espaço passam por uma infinidade de definições e abordagens: entendida apenas como elementos naturais, fisiográficos, geomorfológicos, etc.; também, quando inicialmente as pessoas passam a aparecer em estudos de paisagem, seu papel é secundarizado e passivo, havendo uma discussão intensa sobre as formas que o ambiente condicionam as atividades humanas. Essa

abordagem está comumente atrelada a uma perspectiva evolucionista e determinista; na arqueologia, perspectivas que associavam a relação do homem e da paisagem a partir de técnicas de adaptação, que resultariam em opções tecnológicas condicionadas pelo ambiente (Binford, 1980, por exemplo); abordagens mais humanistas, que passam a ver a relação do humanos e do ambiente de forma menos passiva, dando um lugar de destaque ao papel das pessoas nos processos de significação e simbolização das paisagens/espacos/lugares/etc, entendendo a paisagem como um processo histórico e social (Troncoso, 2001).

Essa perspectiva, que mas interessa no contexto deste texto, é perpassada por diversas sub-perspectivas. Principalmente por duas: uma que tende valorizar as formas de ocupação do mundo a partir dos seres humanos e atribuir às pessoas o potencial agentivo e de criação, mudança e significação do mundo (ver Cosgrove e Daniels, 1988; Basso, 1996; e Hodder, 1982, para se pensar sobre as formas de agenciamento e significação também de objetos em geral); uma segunda linha que colocou em discussão o papel de uma divisão entre natureza x cultura, e que se dedicou a discutir as formas de relação e de mútua influência entre a paisagem e as pessoas, visando diluir e ‘inserir’ as pessoas em seus mundos novamente – perspectiva essa discutida acima (ver Bateson, 1972, 1979; Ingold 2000; 2010; 2017, Bender, 2002).

Atendo-se a ultima vertente, temos abordagens ecológicas, fenomenológicas, perspectivistas, dentre muitas outras. Penso que a partir de Tim Ingold, temos uma interessante porta de discussão sobre o entendimento do mundo e da paisagem enquanto conceito. Durante a década de 1990, tem-se uma intensa discussão sobre paisagem, e em 1993, primeiro momento em que “Temporality of Landscape” (Ingold, 1993) foi publicado, temos um marco conceitual, com a introdução da idéia de ‘*taskscape*’:

“Just as the landscape is an array of related features, so – by analogy – the taskscape is an array of related activities. And as with the landscape, it is qualitative and heterogeneous: we can ask of a taskscape, as of a landscape, what it is like, but not how much of it there is. In short, the taskscape is to labour what

the landscape is to land, and indeed what an ensemble of use-values is to value in general.” (Ingold, 2002, p. 195)¹⁴

A ideia de *taskscape* supõe a passagem do tempo, o movimento, a realização de atividades e suas relações. Esse conceito foi utilizado e repensado em abundância na arqueologia, em grande medida por dialogar diretamente com uma preocupação crescente na década de 1990 em relação aos contextos arqueológicos (Thomas, 2017). Permite-se, a partir daí, falar de uma paisagem que poderia integrar as atividades dos grupos do passado em interseção direta com os elementos do ‘ambiente’, não é uma perspectiva da ‘disputa’ constante dos humanos x a natureza, mas uma relação integrada. Nas palavras de Ingold:

“This means that in dwelling in the world, we do not act upon it, or do things to it; rather we move along with it. Our actions do not transform the world, they are part and parcel of the world’s transforming itself. And that is just another way of saying that they belong to time.” (Ingold, 2002, p.200).¹⁵

Nós também somos parte do mundo e nos movemos junto a ele, não em oposição. Essa concepção, obviamente criticável, como o próprio Ingold (2017) ressalta – o fato de ser uma ideia que pressupõe um ser humano metade ‘natural’ metade ‘social’, reificando essa divisão –, gerou uma grande diversidade de discussões (ver Rajala & Mills, 2017, por exemplo), que permitiram uma diversidade de abordagens em contextos arqueológicos. Gostaria de aproveitar estas críticas para pensar sobre algumas possibilidades de abordagem a estes contextos.

Primeiramente, me interessa a ideia da paisagem enquanto um todo integrado e dinâmico. Essa ideia acabou por ser fragmentada em diversas sub-unidades – vê-se um crescente em diversas ‘scapes’, como *taskscape* (Ingold, 2002), *soundscape*, *ceramicscape* (Rajala & Mills, 2017), *xscape* (Criado-Boado, 2016) – em que se

¹⁴ “Assim como a paisagem é um arranjo de características em relação, portanto – por analogia – a *taskscape* é um arranjo de atividades em relação. E assim como na paisagem, essas são qualitativas e heterogêneas: nós podemos perguntar sobre uma *taskscape*, assim como sobre uma paisagem como elas são, mas nunca o quanto há de cada uma delas. Em poucas palavras, a *taskscape* é para o trabalho o que a paisagem é para a terra (*land*), e também, o que um conjunto de usos-valores é para o valor no geral.” Tradução do autor.

¹⁵ “Isso quer dizer que no ato de *dwelling* (habitar) o mundo, nos não agimos sobre ele, ou fazemos coisas à ele; nós, na verdade, nos movemos *com* ele. Nossas ações não transformam o mundo, mas são parte e parcela do mundo se transformando. E essa é só outra maneira de dizer que nossas ações fazem parte do tempo”. Tradução do autor.

fragmentam, por escolha metodológica, diversas características que compõem uma dinâmica de relações. Acredito que essa opção acaba por isolar certos fenômenos, e isso faz com que, em alguma medida, eles sejam tratados em isolado. Entendo a limitação analítica que abordar uma dinâmica complexa de relações causa, mas a ideia não é necessariamente ser capaz de falar de todas elas, mas não extrai-las e tratá-las de forma mais isolada. Trata-se de um esforço de mantê-las em contexto, nos atentando a elementos perceptivos que normalmente são pouco assimilados, tentar ao máximo trazer alguns desses elementos à tona. Esse trabalho é exemplo dessa contradição, em grande medida, mas o esforço da reflexão o permeia e foi importante parte do processo de escrita, apesar disso.

“Na realidade, é claro, a paisagem ainda não se solidificou do meio. Ela está passando por uma formação contínua, acima de tudo graças à imersão das suas múltiplas superfícies nesses fluxos do meio que chamamos de tempo – na luz do sol, na chuva, no vento e assim por diante. O chão não é a superfície da materialidade mesma, mas um composto texturizado de diversos materiais que são cultivados, depositados e entrelaçados através de uma interação dinâmica através da interface permeável entre o meio e as substâncias com as quais entra em contato.” (Ingold, 2011)

Assim, parto das idéias de Ingold (2011), em que se pretende entender a habitação (*dwelling*) no mundo a partir de uma perspectiva de mundo aberta, e não fechada. A idéia de aberto aqui tem a ver com as conceituações teóricas que tendem a restringir e fechar os lugares como estáticos e mantenedores de uma condição. O que Ingold argumenta é que a vida é feita de movimento e fluxo. Os lugares são perpassados por esse fluxo, pela movimentação das pessoas, pelo caminhar, pelo ir e vir. A percepção deste autor é a de que a vida é feita de linhas, de movimentos lineares que se entrecruzam, se adensam, se diluem. Cada ser, cada criatura, cada planta, cada coisa tem um percurso dentro desse mundo. Os lugares podem concentrar várias dessas linhas, que se cruzam, se emaranham, e que se relacionam. A relação estabelecida é fundamental nessa teoria. Os lugares não circunscrevem, mas faz parte de uma malha, as “... vidas são vividas não dentro de lugares, mas através, em torno, para e de lugares, de e para locais em outros lugares” (Ingold, 2017). Além disso, um mundo que integra não só a superfície terrestre, mas que é capaz se constituir e se influenciar pela atmosfera, que entenda o vento, a chuva, o som, como parte de um todo integrado.

“No mundo aberto, para deixar a última palavra a Deleuze, ‘não há nenhuma linha separando a terra e o céu; não há nenhuma distância intermediária, nenhuma perspectiva ou contorno, a visibilidade é limitada; e, no entanto, há uma topologia extraordinariamente fina que se baseia não em pontos ou objetos, mas sim em hecceidades, em conjuntos de relações (ventos, ondulações de neve ou areia, o canto da areia ou o estalido do gelo quebrando, as qualidades táteis de ambos)” (Ingold, 2011, p. 143)

Acredito muito na necessidade do retorno de nossas subjetividades às nossas pesquisas, como apontam diversos dos autores já citados ao longo deste texto. Acredito também que assumirmo-nos corpo e assumirmos nossos limites e possibilidades de ver e entender o mundo, a partir da condição que temos de convívio e relação, é fundamental. Ainda, integrar-se ao mundo é permitir-se ser em muitos sentidos; as características que temos e compartilhamos *no* mundo são constituintes de um ser-no-mundo específico. Temos, portanto, uma base. A partir disso, gostaria de pensar sobre as escolhas que envolvem trabalhar com contexto arqueológico e os limites dos conceitos de paisagem.

Primeiramente, a ideia de paisagem que assume divisões dualistas precisa ser repensada (Bender, 2004 Ingold, 2002). Não tenho a ingênua expectativa de que eu consiga efetivamente romper com esse dualismo, afinal, sou também fruto de uma escolha que a abarca. Porém, as tentativas de flexibilização fazem com que nos permitamos dialogar com outras formas de entendimento de mundo. Nesse sentido, e seguindo em alguma medida as discussões de Basso (1996), discutirei abaixo diálogos com perspectivas de outros grupos e que têm bases ontológicas, epistemológicas e perceptivas distintas das que tradicionalmente fazem parte de uma ciência ocidental.

Escolho expor todo esse repertório teórico, pois acredito que de alguma forma podemos criar um diálogo frutífero com ele, porém, existem algumas ressalvas fundamentais a suas premissas, que serão postas em questão a partir das discussões etnológicas brasileiras, que se dedicaram, em parte, ao que ficou conhecido como perspectivismo ameríndio, ou multinaturalismo (Eduardo Viveiros de Castro, 2002). Os estudos etnológicos no Brasil a partir da década de 1980, com o inaugural e fundamental texto de Seeger, Da Mata e Viveiros de Castro (1978), tomaram uma forte mudança de postura, ao perceber que os estudos realizados em outras regiões do mundo eram incapazes de lidar com as formas das concepções ameríndias de mundo. Estudos de

linhagem, hierarquia, descendência estavam se tornando artífice da negação constante das sociedades da América do Sul, sendo incapaz de lidar com a diversidade e com as formas de entendimento do mundo das quais estas populações falavam.

Ao se identificar que “[...] na América do Sul, os idiomas simbólicos ligados à elaboração da pessoa apresentam um rendimento alto, contrariamente aos idiomas definidores de grupos de parentesco e aliança.” (Seeger *et al*, 1978:16), as categorias de corporação, descendência, linhagem, etc. passam a não ser possíveis de se utilizar neste contexto, pois estas categorias, como afirmam os autores, foram reificadas pela antropologia, transformadas em conceitos científicos, em normas, e que seu encaixe com relação as características dos grupos só poderia ser feito forçosamente.

O que sugerem os autores do texto é exatamente fugir desses conceitos reificados, não só no sentido de não tentar encaixá-los em um contexto que não os cabe, mas também de não os pensar como norma. As características dos grupos sul-americanos, nesse momento da antropologia, seriam consideradas “exceções”. Cai-se na discussão de se enxergar as sociedades através da negatividade: a fluidez, flexibilidade, etc. como características negativas, em vista de um grupo conceitual que não os beneficia como *norma*. Os autores propõem, afinal, “elaborar conceitos que dêem conta do material sul-americano em seus próprios termos, evitando os modelos africanos, mediterrâneos ou melanésios”. (Seeger *et al.*, 1978:19).

A utilização destas categorias (flexibilidade e fluidez), segundo os autores, é fruto de uma orientação direcionada dos etnógrafos, que ao não enxergarem linhagens, descendência, etc. caracterizam as sociedades sul-americanas através da negação: por não ter tais e tais características, elas são flexíveis, fluidas, etc. Crítica parecida é também realizada por Pierre Clastres (1974). É necessário ver esta “flexibilidade” contextualizada, e os autores acabam por acreditar que essa caracterização tão recorrente é enganosa, pois os grupos da América do Sul possuem um simbolismo voltado para a construção da pessoa e a fabricação de corpos, diferente dos africanos, por exemplo.

Para a maioria das sociedades indígenas do Brasil, o corpo é um instrumento, uma atividade: “o corpo é uma matriz de símbolos e um objeto de pensamento”. (Seeger *et al.*, 1978:20). O corpo está imerso na organização social, sendo um elemento central nesta. O social está, neste caso, ligado ao fisiológico. A construção da pessoa é

permeada por atividades que envolvem a fabricação corporal: a alimentação, o sexo, perfurações labiais, escarificações, pinturas corporais, doenças, nascimento, além dos fluidos corporais (sêmen e sangue). Vê-se, por exemplo, em rituais de iniciação, diversas etapas que envolvem exatamente esta construção da pessoa, através da fabricação corporal, através da alimentação, de restrição sexual, escarificações, pinturas, etc (Lagrou, 2007; Van Velthem, 2003, para citar estudos mais recentes).

“O ponto a ser enfatizado é que o corpo é o locus privilegiado pelas sociedades tribais da América do Sul, como a arena ou o ponto de convergência desta oposição. Ele é o elemento pelo qual se pode criar a ideologia central, abrangente, capaz de, nas sociedades tribais sul-americanas, totalizar uma visão particular do cosmos, em condições histórico-sociais específicas, onde se pode valorizar o homem, valorizar a pessoa, sem reificar nenhum grupo corporado (como os clãs ou linhagens) o que acarretaria a constituição de uma formação social radicalmente diversa. ” (Seeger et al., 1978:23)

Os autores estão preocupados, afinal, em se pensar o discurso indígena como única via de se entender a *praxis* social indígena sem estar trabalhando etnocentricamente. “Tudo que sugerimos aqui, na verdade, é a possibilidade de se repensar a Antropologia com os olhos dos índios brasileiros, em vez de olhá-los com os olhos dos Nuer, dos Trobriandeses ou dos Crow” (Seeger et al., 1978:26).

A noção de corpo como construído, como parte fundante da cosmologia ameríndia é base para a discussão do perspectivismo. De acordo com Eduardo Viveiros de Castro (2015), os povos do Novo Mundo compartilham de uma concepção que entende que o mundo é repleto de diversos pontos de vista. Como em diversos outros autores, que partem de discussões mais recentes da constituição do mundo (Ingold, 2002; Boivin, 2004; Latour, 2005; Bateson, 1979), a noção de Natureza e Cultura precisa passar por uma séria revisão para que lógicas de entendimento do mundo de outrem sejam minimamente entendidas. Isso porque essa divisão perde sentido quando se tenta explicar o mundo ameríndio, uma vez que suas premissas estão alencadas em outros critérios.

A ideia do perspectivismo/multinaturalismo assume que diversos seres no mundo veem esse mundo a partir do seu próprio ponto de vista. Esse ponto de vista, porém, é sempre humano. Vemo-nos enquanto humanos, porque vemos a partir do nosso ponto de vista. Isso ocorre para diversos outros seres, sejam jaguares, queixadas, harpias, macacos, cobras, etc. É relevante que nem a todos os seres – havendo diversas variações a quais se atribui a possibilidade da perspectiva, com exceção, talvez do jaguar (que em todos os casos etnografados é dotado de perspectiva) –, seja atribuída essa potência inicial. Mas, como diz Viveiros de Castro, não há nada que impeça que um animal ‘revele’ essa potência em um dado momento. Mas por que sempre a partir do ponto de vista de uma humanidade? Em termos cosmológicos, os tempos pré-diferenciação das espécies é onde todos os seres que habitam o mundo são humanos. Em algum momento, por algum motivo (e essas narrativas são diversas dentre variados grupos indígenas), se estabelece uma diferenciação *corporal*. A diferenciação é um processo de perda da humanidade por parte dos animais, e não, como é comum no discurso ocidental, a perda da animalidade, em prol da humanidade. Para estes grupos, todos foram humanos e o ainda são em potencial, porém, perderam, em certo momento, características que os estabeleciam como ‘iguais’, diferenciando-se no mundo. Peço licença para uma citação longa:

“A questão mais geral que se põe, então, é a de saber por que a humanidade de cada espécie existente é ‘subjetivamente’ evidente (ao mesmo tempo altamente problemática) e ‘objetivamente’ não evidente (e ao mesmo tempo obstinadamente afirmada). Por que os animais (os outros) veem-se como humanos, afinal? Precisamente, penso, porque nós, os humanos, os vemos como animais, vendo-nos a nós mesmos como humanos. Os queixadas não podem se ver queixadas – e, quem sabe, especular que os humanos e demais seres são queixadas debaixo de suas roupas específicas – porque esta é a forma pela qual eles são vistos pelos humanos. Se os humanos veem-se como humanos e são vistos como não-humanos – animais ou espíritos – pelos não-humanos, então os animais devem necessariamente se ver como humanos. O que o perspectivismo afirma, enfim, não é tanto a ideia de que os animais são ‘no fundo’ semelhantes aos humanos, mas sim a de que eles, como os humanos, são outra coisa ‘no fundo’: eles tem, em outras palavras, um ‘fundo’, um ‘outro lado’; são diferentes de si mesmos. Nem animismo – que afirmaria uma

semelhança substancial ou analógica entre animais e humanos –, nem totemismo, que afirma uma semelhança formal ou homológica entre diferenças intra-humanas e diferenças interespecíficas –, o perspectivismo afirma uma diferença intensiva que traz a diferença humano/não-humano para o interior de cada existente. Com isso, cada existente se encontra como que separado de si mesmo e tornado semelhante aos demais apenas sob a dupla condição subtrativa dessa comum autosseparação e de uma estrita complementaridade, pois se todos os modos do existente são humanos para si mesmos, nenhum é humano para (ou semelhante) nenhum outro: a humanidade é ‘reciprocamente’ reflexiva (o jaguar é um outro homem para o jaguar, o queixada é um homem para o queixada), mas não pode ser mútua (no momento em que o jaguar é um homem, o queixada não o é, e vice-versa).” (Viveiros de Castro, 2015, pp. 61-62)

Como diz Viveiros de Castro, é objetivamente não evidente pois os corpos se distinguem, mas a semelhança é reafirmada constantemente. Os corpos mudaram, mas a humanidade não se esvai com essa diferença corporal. Vê-se aí, que, diferentemente nas nossas próprias formas de ver o mundo (ou cosmologias), em que se assume uma unicidade em termos de “Natureza” e diversidade em termos de “Cultura”, a cosmologia indígena¹⁶ está pressupondo uma unidade cultural (uma vez que entende que todos os seres são humanos, são *gente*), e uma diversidade natural (uma vez que a mudança está, portanto, no corpo, e não na ‘alma’, no ‘espírito’¹⁷).

Na perspectiva ocidental, as coisas apresentam estruturas físicas limitantes, que as ‘impedem’ de se transformar radicalmente e se tornar outras. Na perspectiva ameríndia, isso não funciona exatamente desta forma. Animais se tornam outros, os corpos se tornam outros, e os objetos também. Os parâmetros que são fundamentais aos objetos, por exemplo, podem ser diferentes do que os torna objetos a nós. Diversos exemplos em contextos etnográficos nos ajudam a repensar essa rigidez. Ainda citando Viveiros de Castro, a ciência ocidental visa buscar uma certa ‘intencionalidade zero’ do ambiente, pretendendo ser capaz de estudá-lo objetivamente. Os indígenas, ao contrário, buscam a

¹⁶ Falo aqui de uma ‘cosmologia indígena’ sem pretender propagar generalizações e universalizações de formas de pensar e agir, mas apenas como recurso analítico a partir dos escritos de diversos autores que se dedicaram ao estudo do ‘tema’.

¹⁷ Sobre o termo ‘alma’ e ‘espírito’, ver Viveiros de Castro (2002, 2015).

máxima intencionalidade no ambiente, sendo capaz de ver em cada *evento* (Nos termos ocidentais) uma *ação* (intencional). Tudo está repleto de intenção, de agência. Em total oposto ao discurso ocidental, onde se pretende transformar as coisas em processos causais, objetivos, onde a ação de um ‘objeto’ é impossível/irreal.

Conforme Viveiros de Castro, os animais são capazes de ver da mesma forma coisas diversas do que vemos, por conta das diferenças existentes entre nossos corpos. A composição do corpo não é fisiológica, em nossos termos, mas sim um modo de ser. Com quem habita, o que e com quem come, como se veste, como se fala, como se move. Os corpos e as pessoas são constituídas, não nascem prontas. Junto aos Kaxinawa, Els Lagrou (2007) aponta que a concepção de pessoa destes está diretamente relacionada com as atitudes tomadas em vida. “[...] ser propriamente humano, no sentido Kaxinawa, significa viver em comunidade com os parentes próximos” (Lagrou, 2007, p. 167). O corpo é produzido e os Kaxinawa chegam a ter diversos níveis de determinação de pertencimento, podendo ser: *huni kuin* (pessoas como nós), *nukun yuda* (nosso corpo, feito em comunidade), *en nabu* (consustancialidade com parentes próximos, alcançada pelo compartilhamento de comida, da vida e do contato corporal). Os parentes são fundamentais nesse momento, pois são eles que dão sentimento de pertença para o indivíduo, são os responsáveis pela constituição do “eu”: “Quem não sente falta dos seus parentes como sente falta da água, não é gente. É que nem *yuxin* (espírito) que fica vagando por aí” (Lagrou, 2007, p. 163). Isso nos leva a outro ponto bastante relevante: é necessária a presença física para que a pessoa continue a ser pessoa. Se um Kaxinawa se afastar de seus parentes, e, logicamente, parar de se alimentar juntamente com eles, de ter contato corporal com eles, pode acabar por deixar de ser Kaxinawa, até ao ponto de se tornar *yuxin*, espírito, sem corpo, que vaga sem rumo.

E essa constituição de si está ligada a diversas práticas, que atingem o corpo direta ou indiretamente, que são agenciadoras de manutenção e de mudanças. No próprio ritual de iniciação das crianças Kaxinawa, *Nixpupima*, o *kene* (desenho estilizado e padronizado) é o responsável por fixar as formas. Ao se desenhar no corpo, este tipo de desenho concretiza a existência da pessoa como pessoa. Vê-se em diversos rituais e mesmo no cotidiano Kaxinawa, a necessidade dos desenhos. Os *kene kuin* (desenho verdadeiro), só podem ser usados por pessoas iniciadas no *Nixpupima*, quando já são consideradas “gente”, adultos. Além dos desenhos, os alimentos, o banco (*Kenan*), e o *bawe* (líquido

extraído de uma planta, pingado nos olhos dos iniciados, para que eles aprendam) são outros elementos que fundamentam esse processo de construção corporal. Sobre este último, interessante que Lagrou cita que, ela mesma foi requisitada para pingar o *bawe* nos olhos das pessoas, pois elas queriam aprender a ler e escrever. O *bawe* parece funcionar de uma maneira ‘genérica’, no sentido de que ela é uma substância que facilita o aprendizado, mas que é fundamental que quem o pingue tenha o conhecimento sobre o que se pretende ser aprendido. Tem-se, portanto, em diálogo com a fenomenologia, processos de personificação e experiência, onde a individualidade das pessoas (nesse caso da pesquisadora) é significado e valorizado enquanto parte de um mecanismo de funcionamento do mundo.

O xamanismo parece ser fundamental nesse movimento de conhecer. Os xamãs são *pontes*, são pessoas que conseguem transitar entre o mundo dos vivos e dos espíritos. Conseguem assim *virar espírito*, trazê-los para perto, conhecê-los. Essa relação com os *espíritos* é basal para diversos grupos, habilitando que muitas práticas possam ocorrer, como as curas, a caça, a manutenção da própria floresta.

“O xamanismo é um modo de agir que implica um modo de conhecer, ou antes, um certo ideal de conhecimento. Tal ideal está, sob certos aspectos, nas antípodas da epistemologia objetivista favorecida pela modernidade ocidental. Nesta última, a categoria de objeto fornece o telos: conhecer é ‘objetivar’; é poder distinguir no objeto o que lhe é intrínseco do que pertence ao sujeito cognoscente, e que, como tal, foi indevida e/ou inevitavelmente projetado no objeto. Conhecer, assim, é dessubjetivar, explicitar a parte do sujeito presente no objeto, de modo a reduzi-la a um mínimo ideal (ou a ampliá-la demonstrativamente em vista da obtenção de efeitos críticos espetaculares). Os sujeitos, tanto quanto os objetos, são concebidos como resultantes de processos de objetivação: o sujeito se constitui ou reconhece a si mesmo nos objetos que produz, e se conhece objetivamente quando consegue se ver ‘de fora’, como um ‘isso’. Nosso jogo epistemológico se chama objetivação; o que não foi objetivado permanece irreal e abstrato. [...] O xamanismo ameríndio é guiado pelo ideal inverso: conhecer é ‘personificar’, ou tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido. Ou antes, daquele; pois a questão é a de saber ‘o quem das coisas’ (Guimarães Rosa), saber indispensável para responder com inteligência à questão do ‘por quê’.” (Viveiros de Castro, 2015, p. 50)

Ainda sobre um discurso de conhecimento, a relação dos lugares e do conhecimento, como discutido por Basso (1996), entre os Apache de Cibucue, por exemplo, é muito interessante nesse sentido. O envolvimento que os lugares têm com a formação social daquelas pessoas, juntamente com os processos de transmissão, memória e papéis enquanto elementos de constituição da pessoa e de uma história é fundamental para o estabelecimento de indivíduos Apache. Acionar os lugares é tarefa constante na educação e na manutenção da própria vida, uma vez que os mesmos são parte de ser Apache.

“... For what people make of their places is closely connected to what they make of themselves as members of society and inhabitants of the earth, and while the two activities may be separable in principle, they are deeply joined in practice. If place-making is a way of constructing the past, a venerable means of doing human history, it is also a way of constructing social traditions and, in the process, personal and social identities. We are, in a sense, the place-world we imagine.” (Basso, 1996, p.7)¹⁸

“As conceived by Apaches from Cibecue the past is a well-worn ‘path’ or ‘trail’ (‘intin) which was traveled first by the people’s founding ancestors and which subsequent generations of Apaches have traveled ever since. Beyond the memories of living persons, this path is no longer visible – the past has disappeared – and thus it is unavailable for direct consultation and study. For this reason, the past must be constructed – which is to say, imagined – with the aid of historical materials, sometimes called ‘footprints’ or ‘tracks’ (bike goz’áá) that have survived into the present.” (Basso, 1996, p.31)¹⁹

¹⁸ “Pelo que as pessoas entendem de seus lugares é muito conectado ao que eles entendem a si mesmos como membros de uma sociedade e habitantes do planeta terra, e enquanto as duas atividades podem ser separáveis em princípio, elas são profundamente associadas na prática. Se o fazer-lugar (*place-making*) é uma forma de construir o passado, um venerável modo de se fazer história humana, é também um modo de se construir tradições sociais, e, no processo, identidades pessoais e sociais. Nós somos, em certo sentido, o lugar-mundo (*place-world*) que imaginamos.” Tradução do autor.

¹⁹ Como concebido pelos Apaches de Cibecue, o passado é um caminho ou uma trilha (*‘intin*) intesamente usada que foi originalmente utilizada pelos ancestrais fundadores e que as gerações subsequentes dos Apache as continuam usando desde então. Para além das memórias das pessoas vivas, esse caminho não é mais visível – o passado desapareceu – e por isso, não está disponível para consulta ou estudo direto. Por essa razão o passado

Este texto muito me fascina. Primeiramente, o passado está perdido, e precisa ser reconstruído (imaginado); assim, o exercício de identificar os lugares, as ‘pegadas’, os ‘caminhos’ que são importantes para reconstruir essa história, é um processo coletivo, oral, e que, como Basso dirá mais adiante, está diretamente ligado a recriar uma narrativa dos primeiros ancestrais. Porém, a narrativa é assecuramente subjetiva, uma vez que a idéia que a perpassa é a da sua imaginação. Em meio disso, os *lugares* são as narrativas; as histórias Apache são *lugares*, que atuam como moldadores de caráter, atitudes, posturas. Como diz um dos Apaches que acompanharam o autor, “The land is always stalking people. The land makes people live right. The land look after us. The land looks after people” (Basso, 1996, p. 38).

Estar perto dos lugares, saber seus nomes, saber *falar* seus nomes, saber suas histórias, é parte constituinte de ser Apache. O conhecimento, a sabedoria, o viver ‘corretamente’ reside nos lugares. O ser Apache é também ser parte desses lugares. As histórias, as vidas fazem parte deles. E, além disso, ao meu entender, a relação com estes locais é um exercício de composição do próprio corpo. Com o contato e aprendizado com estes focos de conhecimento, o corpo/mente²⁰ apreende, se transforma. E este discurso assume um dinamismo constante dos lugares, das histórias, do constante ir e vir e passar por eles, revê-los, atravessá-los, cruzá-los – que podem ser diretamente associados com as idéias de movimento e caminhar discutidas acima (Gibson, 1979; Ingold, 2000, 2011). Seu conhecimento reside na relação que cada uma das pessoas estabelece com eles e é reforçado e reafirmado no contato, na memória. Em concordância com Thomas (2017), as paisagens são cumulativas, em que processos do passado estão presentes e influenciam as pessoas e seres que a habitam, assim a memória e afinal, o *tempo*, são partes fundamentais deste fluxo.

E o que implica uma mudança no corpo? No meu entendimento temos uma diferença fundamental em termos de construção de mundo. As substâncias, os corpos, são

precisa ser construído – o que é dizer, imaginado – com a ajuda de materias históricos, em algumas ocasiões chamado de pegadas (*footprints*) ou rastros (*tracks: bike goz’áá*) que sobreviveram até o presente.” Tradução do autor.

²⁰ Segundo Basso, os Apache de Cibucue fazem uma diferenciação entre a mente e o cérebro, sendo coisas diferentes dentro do corpo. Entendo, a partir de seus escritos, que a mente excede ao cérebro, o que me traz a impressão de que a sua amplitude de relação com o corpo e com o restante do mundo parece ser menos restrita do que assumiu Basso.

mutáveis, radicalmente. Isso implica em uma questão teórica basal, no que tange as intenções de Gibson com suas formulações da constituição do mundo. Como dito acima, esse autor assume que as coisas possuem uma maleabilidade de mudança, que é restrita, uma vez que as coisas teriam possibilidades de *variância e invariância*. Ora, essa perspectiva implica que os objetos teriam um ‘limite’ de variação transcendental, o que imporá a todos os seres uma limitação em termos de interpretação dos mesmos. O que o discurso indígena ameríndio indica é que essas limitações são *contextuais* e podem operar em planos distintos. A materialidade é capaz de se transformar radicalmente, dependendo do ponto de vista, implicando mesmo em *como* os corpos são vistos, o quanto são mutáveis e como são *constituídos*. A substância é muito mais fluida, podendo mudar-se radicalmente, com marcada diferença à um discurso científico baseado em princípios físico-químicos e essencialista. Parte fundamental dos trabalhos etnográficos dentre estes grupos é exatamente entender a partir de que referencial essas mudanças podem ocorrer ou não, mas a variação em si, é imprevisível, uma vez que parte de uma perspectiva própria de entendimento de possibilidades cosmológicas, ontológicas.

Os limites ontológicos de percepção do mundo, inviabilizam a pressuposição conceitual de que os limites de substância e de estruturas ‘físico-químicas’ tornariam todo e qualquer elemento do mundo reconhecível e estável em alguma medida. A estabilidade em si é oriunda de uma compreensão de mundo em que o que é importante em termos de caracterização dos elementos enquanto tal varia, e nos fornece interpretações e percepções distintas. Precisamos ter consciência do limite comparativo e perceptivo.

O que é fundamental para habitar o mundo de forma ‘correta’, para lidar com as matérias/seres que o ocupam, é passível de mudança, não só em termos teóricos, mas em termos materiais. As coisas são diferentes e têm capacidades/potências (em diálogo com o conceito de *affordance*) de acordo com a forma que as vemos. Pressupor um limite transformativo a priori é assumir que tudo e todos se percebem e se constituem a partir de premissas básicas idênticas.

Pretendo, então, pensar a paisagem, os lugares e seus contextos, me utilizando de ideias que valorizem o movimento, as potencialidades das coisas e possibilidades mais fluidas de interpretação dos contextos. A ideia de uma totalidade visível e reconhecível a todos, como Gibson propõe, acaba por violar e assumir que existem características, que ele

mesmo reconhece como fundamentais, que o são para todos os seres com os mesmos leques perceptivos do mundo. Isso acaba por reinterar um discurso universalizador, mesmo que o seu interesse esteja nos objetos, lugares, etc. na ‘prática’, no sentido fenomenológico, em que as abstrações racionalizadas do mundo científico são menos valorizadas.

Além disso, acaba por estabelecer uma assimetria de potência pendulada às coisas, uma vez que os objetos estão no ambiente e suas potências dependem apenas deles mesmos, já que eles, por essência, as possuem. Isso acaba por estatizar todo o conjunto: as relações que se estabelece com as pessoas ou outros seres é pouco significativa, uma vez que só somos capazes de ‘extrair’ algo dos objetos que eles já possuem por ‘natureza’. Ora, acredito que essa unidirecionalidade precisa ser repensada, como em muitos outros trabalhos, assumir que as coisas e, em consequência, nós mesmos, somos fechados em invólucros totalmente limitantes de possibilidades me parece ignorar os possíveis devires do estabelecimento de relações entre coisas e seres. Como já foi dito por Bateson (1973 apud Ingold, 2011) e reformulado por Ingold (2011), a mente vaza, mas o corpo também. Nós nos relacionamos e nos influenciemos diretamente e fisicamente ao habitar o mundo.

A ideia de *affordance* traz uma reflexão interessante para nos fazer pensar mais seriamente sobre as potencialidades dos objetos e as suas capacidades agentivas, uma vez que a definição deste conceito é capaz de falar de uma individualidade e limite que o próprio objeto impõe, mas sem considerar que as percepções desse objeto podem ativar características muitas diferentes que o perpassam em relação a outrem. Acredito que o conceito pode ser repensado e flexibilizado, assumindo que as potências das coisas e dos seres perpassa suas características e seus devires *em relação*.

Talvez, seja exatamente necessário sermos claros quanto aos limites que estamos supondo sobre o que falamos. Indubitavelmente, os limites vão ser extrapolações de nossa percepção e é impossível pressupor a possibilidade de chegar à mesma percepção de um outro grupo de pessoas, porém, em termos metodológicos, a necessidade de ser explícito e claro sobre esses limites é fundamental. Mesmo assim, do mesmo modo como é difícil entender formas outras de ver o mundo, acredito ser difícil chegar no fundo da nossa própria percepção. É um exercício denso, desastroso e contínuo (apenas alcançável enquanto devir), mas também frutífero em termos de clareza de análise e de

humildade enquanto pesquisadores e que pode nos fazer ser mais flexíveis e menos impositivos nas formas de enxergar a cultura-material do outro, e avaliar escolhas e sugerir critérios de avaliação das mesmas (por exemplo, os discursos economicistas e energéticos que permeiam algumas discussões de tecnológica lítica, padrões de assentamento, etc.)

Navegação, localização, mapeamento: fazendo um mapa

Our perception of the environment as a whole, in short, is forged not in the ascent from a myopic, local perspective to a panoptic, global one, but in the passage from place to place, and in histories of movement and changing horizons along the way. (Ingold, 2002:227)²¹

Evidently, when Gibson speaks of perceiving the environment from everywhere at once, that ‘everywhere’ is neither space, nor a portion of space, but a region in this sense. Likewise, every ‘somewhere’ is not a location in space but a position on a path of movement, one of the matrix of paths comprising the region as a whole. In short, whereas everywhere-as-space is the world as it is imagined from a point of view above and beyond, everywhere-as-region is the world as it is experienced by an inhabitant journeying from place to place along a way of life. (Ingold, 2002:227)²²

Os mapas são de longa data parceiros dos estudos em arqueologia. Atualmente, com os programas digitais de geoprocessamento, o acesso ao manejo e elaboração desse recurso cartográfico foi muito ampliado, e o seu uso idem. O processo de elaboração de um mapa a partir das ferramentas digitais é um processo complexo. Reunimos imagens em *raster*, *shapes* de hidrografia, topografia, dados de gps, e tudo o que mais nos convier para construir uma cartografia. Esse processo, porém, tem sido e é comumente visto, tanto por pessoas que se utilizam dos mapas quanto por quem os faz, como sendo capaz

²¹ “Nossa percepção do ambiente como um todo, em resumo, é forjada não a partir de uma perspectiva míope, do local para uma visão global e panóptica, mas na passagem de lugar a lugar, e nas histórias de movimentos e de mudança de horizontes ao longo do caminho.” Tradução do autor.

²² Evidentemente, quando Gibson fala de perceber o ambiente de todos os lugares ao mesmo tempo, ‘todos os lugares’ não é nem o espaço, nem porções de espaço, mas uma região. Da mesma forma, todo ‘qualquer lugar’ (every ‘somewhere’) não é uma localização no espaço, mas uma posição em um caminho de movimento, uma das matrizes de caminhos que compõe a região como um todo. Em resumo, enquanto que todo lugar enquanto espaço (*everywhere-as-space*) se refere ao mundo imaginado a partir de um ponto de vista de cima e distante (*above and beyond*), todo lugar enquanto região é o mundo experienciado por um habitante viajando de lugar a lugar durante o percurso de sua vida.” Tradução do autor.

de representar ‘realidades’, uma vez que não é de hoje que a cartografia tenta criar e recriar maneiras de trazer precisão em termos métricos para as projeções, *datums* e imagens de satélite que são produzidas.

Esse processo, apesar de hoje ser totalmente digital, iniciou-se há muitos séculos e, até hoje, conhecimentos fundamentais dos inícios das tentativas de cartografia são utilizados, como é o caso da projeção de Mercator publicada oficialmente na elaboração de seu mapa mundi da época, no século XVI. A cartografia pareceu ser um interesse de muitas nações imperiais, como a China, Egito, países europeus. No Brasil, os processos de cartografia ocidental se iniciam com a vinda dos portugueses, mas é no século XIX que se inicia a formação de geógrafos e cartógrafos no país.

Entendo que esse processo de tentativas constantes e intensas de representar-se o mundo em sua totalidade com o maior grau de precisão possível é uma vontade específica de certos grupos modernos. E que essa forma de lidar com o registro dos lugares, regiões, etc. é repleta de outras intenções políticas, de controle, gestão, etc. que precisam ser sempre colocadas em pauta. No caso deste trabalho, os jogos geopolíticos entre impérios, nações, discursos dominantes, etc. não será o foco. Pretendo trabalhar com a subjetividade impressa na produção dos mapas. Como qualquer atividade, essa elaboração carrega nossas idéias, nosso conhecimento, nossa forma de pensar e agir, nossa experiência. Nenhum mapa é isento de intenção e de escolhas, e é isso que gostaria de questionar e refletir, uma vez que meu trabalho estará utilizando diretamente a cartografia como recurso analítico e discursivo.

Elaborar um mapa é um exercício. No meu processo de dissertação, ele veio carregado de uma inquietação constante: eu precisava/gostaria de ser autônomo na produção desse recurso. Em muitos momentos os mapas foram impecilhos, questões em trabalhos que já realizei, pois a minha fluidez com o seu processamento era muito diminuta. Assim, a minha relação com eles também o era. Eu era capaz de utilizá-los e de entendê-los, mas não de estar à vontade com eles. Logo, quando me vi em necessidade, mais uma vez de suas possibilidades interpretativas, decidi me dedicar a apreender formas de se elaborar mapas digitais. E essa experiência é muito diversa. Até então fiz mapas para áreas muito diferentes. O entendimento de cada uma delas é muito diverso. Foram áreas em que eu conheço com alguma intimidade, como Monjolos, e áreas que até então eu plenamente desconhecia.

O conteúdo oferecido é muito distinto, uma vez que a experiência *in loco* me traz uma noção em termos geomorfológicos e geológicos que permite uma interpretação de informações oriundas da visada oferecida pelos elementos de geoprocessamento (normalmente de cima, em escalas não alcançáveis em termos experienciais com exceção de sobrevôos sobre a região), que me permitem uma relação muito mais compreensiva com o que estou buscando apontar no mapa. Minha experiência está no mapa, ela é o mapa. Esta experiência, não só como uma pessoa que está produzindo, dentro de um software, um mapa em duas dimensões de uma região, mas de uma pessoa que a experienciou, a conhece enquanto movimento, enquanto bichos, plantas, afloramentos, rios, gente.

A cartografia, em si, trata de tentar representar paisagens em uma imagem, em um estático, justificado pela geologia, geomorfologia, etc. É evidente que é um esforço limitado e limitante de características possíveis de se apresentar nesse formato, mas que em certa medida são capazes de comunicar a um público específico, em contextos específicos, idéias e interpretações sobre uma região.

Pretendo, neste trabalho, utilizar os mapas enquanto recurso analítico. Para tal, é necessário que ele seja minimamente compatível com o conjunto teórico delineado para a pesquisa. Em acordo com Ingold (2002), que critica a forma como a cartografia e os princípios cartográficos foram universalizados e estabelecidos enquanto registros estáticos e totalizantes, pretende-se uma abordagem que flexibilize as formas de se construir um item cartográfico.

Discordo deste autor, porém, quando a construção destes itens é entendida como esvaziada de significado e de relação com as áreas interpretadas no objeto final do processo de geoprocessamento. Compreendo, em seu argumento, que os processos de formalização tendem a restringir e controlar as formas de discurso sobre um lugar específico, porém, não acredito que isso exclua e ‘esvazie’ esse processo de interpretação. Entendo aqui que, em um contexto de relação pessoal constante com a paisagem e seus inúmeros seres, formas e caminhos, a produção dos mapas a partir da minha própria experiência em laboratório e em paisagem é carregada de conteúdos que traspassam a simples ferramenta automatizada e capacitada de execução. Carrega-se para a elaboração da cartografia a minha percepção de caminhos, de movimentação, de conhecer ou reconhecer-se na paisagem, de se localizar, de navegação.

Ao deter-me sobre essa tarefa, não pretendo produzir um mapa ‘final’, completo, determinante para a região. Pretendo que ele seja capaz de dialogar com as sutilezas das quais ele jamais vai ser capaz de abarcar, que ele seja parte da construção de uma percepção de um lugar, uma região. Que ele seja parte do meu processo perceptivo, interpretativo, consciente. E, com esse intuito, os mapas irão conter não só os tradicionais elementos cartográficos, mas também outras informações que fazem parte da sua composição. Como também nos diz Ingold (2002), parte importante do processo de produção cartográfica normalmente desaparece no resultado final. Dispõe-se aqui a trazer parte desses elementos para o resultado cartográfico, através de fotografias, de falas, frases, idéias, que são responsáveis pela composição e planejamento de todo um processo de construção, que é tanto individual, quanto coletivo, em certa medida.

Como e o que fazer: aspectos de metodologia

Todo esse discurso prende-se com um processo de escolhas metodológicas capazes de abarcar escolhas e percepções teóricas. Em termos de análises dos grafismos rupestres, pretende-se trabalhar com uma base já consolidada (Linke, 2008; Jr., 2010; Linke & Isnardis, 2012; Alcantara, 2015; Alves, 2016; Chanoca, 2017) de registro e interpretação dos grafismos, que foca em um registro e análise interessados em lidar com não só as formas das figuras, como também sequência gestual interna a cada uma das figuras, considerando essa idéia enquanto chave para se pensar em conjuntos estilísticos, juntamente com as diferentes tintas, sobreposições e formas de ocupação dos sítios e suportes. Visa-se continuar um movimento de alguns anos no Setor de Arqueologia do MHNJB-UFMG²³, que vem se dedicando a entender e expandir idéias sobre os processos gestuais de composição das figuras. Para tal, todo o registro fotográfico, esquemático e escrito dos sítios visa ser capaz de discutir esses aspectos, na medida do possível, para avaliar e permitir a comparação com os conjuntos estilísticos do alto da Serra do Espinhaço.

Foram feitas séries de fotografias sistemáticas, associadas com anotações sobre os painéis e suas figuras. Para os painéis de grafismos, optamos por fazer uma caracterização geral, descrevendo as figuras (pensando em temática, forma, possíveis sequências gestuais), suas inserções nos suportes e nos sítios. Para os conjuntos gráficos que nos proporcionavam maior visibilidade de relações diacrônicas, além de

²³ Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG.

legibilidade dos traços e segmentos, optamos por fazer croquis esquemáticos englobando as relações diacrônicas, descrição de cores e sequência gestual.

Para as relações diacrônicas, discutiu-se em campo as sobreposições entre as tintas, além da realização de fotografias sistemáticas para as sobreposições em que encontramos algum tipo de dúvida da relação entre essas e aquelas. No caso dos traços e seguimentos, os croquis foram feitos respeitando as escalas e os traços legíveis aos nossos olhos, assim, o croqui se pretende fiel, na medida do possível, aos traços que compõem as figuras.

No caso das tintas, usamos alguns elementos observáveis a olho nu (não estamos propondo que estes critérios estão de acordo com análises físico-químicas) para sua descrição, são eles: cor, espessura, oleosidade, diluimento, homogeneidade, aplicabilidade na parede. A *cor* é uma avaliação da cor da tinta, tendo em vista as possíveis diferentes tonalidades de uma mesma cor, e entre cores diferentes. *Espessura* trata-se do volume do pigmento aplicado à parede, em que é possível perceber se a tinta tem uma camada larga/grossa ou não de pigmento sobre a rocha. *Oleosidade* aqui é uma característica relacionada diretamente ao brilho da tinta. Trata-se da textura e da forma com que a cor reflete; *Diluimento* corresponde à intensidade de diluição do pigmento em seu aglutinante. Tintas mais ‘ralas’ são tintas em que a impressão na parede é de que a quantidade de aglutinante é maior que a de pigmento, tornando a tinta com um aspecto aquoso, e tintas ‘grossas’ são tintas que apresentam mais pigmento, dando um aspecto mais sólido. *Homogeneidade* se refere à capacidade da tinta de ser constante ou não durante os traços. Por fim, a *aplicabilidade*. Por aplicabilidade, falamos da capacidade da tinta (ou seja, da mistura pigmento + aglutinante) de se fixar à parede.

Como se vê, vários desses critérios são interdependentes. A aplicabilidade pode estar relacionada à espessura e ao diluimento, por exemplo, enquanto a homogeneidade pode interferir na aplicabilidade e no diluimento. A idéia aqui é pensar esses critérios individualmente, mas também coletivamente, uma vez que eles se tratam de abstrações, numa tentativa de tornar comparável cada uma das tintas. Assim, todos eles se inter cruzam e são resultado de uma análise das *tintas* e não só de cada uma dos elementos, além de serem elementos comparativos entre todas as tintas analisadas, sendo as próprias tintas referência para cada um dos critérios.

Esse interesse em discutir aspectos específicos de composição em pequenas escalas (figura a figura) e a relação destes aspectos nos conjuntos – pensando em integração com aspectos de inserção das figuras nos suportes, escolhas de painéis, formas de se grafar, escolhas temáticas/formais, associação entre as figuras e cronologia relativa a partir das tintas e picotes – visa agrupar/desagrupar e entrecruzar diversas características que nos são perceptíveis, com o intuito de melhor sermos capazes, dentro desses critérios, de perceber diferenças e semelhanças dentro dos próprios sítios que estamos nos dedicando, assim como em conjuntos mais amplos. A proposta de comparação entre conjuntos distintos traz um pouco dessa tentativa de englobar cada vez mais nas análises novos elementos que possam nos ajudar a pensar movimentos de ocupação e escolha dos lugares, assim como formas de se pintar e gravar.

A fotografia foi utilizada neste trabalho como forma de registro sistemático e de fonte de dados analíticos. Utilizou-se de princípios básicos da fotografia para a elaboração de mosaicos (como já descrito e utilizado por Tobias Jr., 2010), em que se realiza uma sequência de fotos que se sobrepõem sistematicamente em cerca de 33%, e são feitas com o plano focal em paralelo à parede que está sendo fotografada. Juntamente disso, estabelecemos linhas em frente aos painéis para guiar a sequência de fotos, mantendo-as com a mesma distância do suporte fotografado. Essa maneira de se fotografar é uma das formas encontradas para tentar reduzir as distorções oriundas da transformação de uma superfície tridimensional em uma bidimensional. Os programas de processamento desse conjunto de fotos nos permitem também a avaliação dos mosaicos montados e a inserção de dados que os ajudem a corrigir e redimensionar eventuais erros de cruzamento de informações, como distorções e aberrações estruturais na composição da imagem.

Com esse repertório fotográfico, conseguimos unir em uma única imagem, com alta resolução, todo um painel, por exemplo, facilitando o trabalho em laboratório, e permitindo que análises espaciais, relacionais e de sobreposição sejam realizadas com maior agilidade e permitindo a digitalização dos painéis com menor distorção, uma vez que podemos vetorizar as figuras a partir de uma única imagem com uma escala definida.

Em comparação, os sítios estudados pela equipe do MHNJB-UFMG no alto da Serra do Espinhaço e para Monjolos (um dos sítios, a saber a Lapa da Fazenda Velha também foi

registrado pela equipe, em 2010), foram parcialmente calcados²⁴, se utilizando de critérios muito parecidos com os descritos acima. São registradas as figuras, seus traços, suas relações diacrônicas, informações de relevo do suporte e tintas. Em termos comparativos, o calque se coloca como ferramenta principalmente em sítios e painéis em que as informações de cronologia são mais abundantes e em que interessa um registro intenso e sistemático dessas informações, assim como informações de sequência gestual e diacronias internas das figuras. Essa foi a escolha realizada para o registro destes sítios.

No caso da pesquisa deste mestrado, optamos por um registro também seletivo, que se preocupou mais em fornecer informações de conjunto das pinturas, e, nos casos em que nos foi possível, informações mais sistemáticas, como descrito acima. Essa opção foi feita por questões logísticas e metodológicas. Seria pouco frutífero o investimento de verba e tempo para a realização de calques em diversos sítios, uma vez que as informações que são intensamente valorizadas pelo calque eram pouco presentes. Além disso, optamos por experimentar o registro sem o calque, visando estabelecer formas de registro que contemplassem as características de nosso interesse, em um menor dispêndio de tempo. Apesar das diferenças metodológicas, os dados adquiridos são próximos e dialogam com certa facilidade, permitindo a comparação dos sítios e dos conjuntos gráficos com tranquilidade.

Geoprocessamento

O geoprocessamento é um conjunto teórico e técnico de formas de se processar, através da informática, dados georreferenciados. Isso é feito de diversas maneiras, mas é principalmente, através da perspectiva dos SIGs (Sistemas de Informação Geográfica) que atualmente trabalhamos com estes dados. Por SIG se entende o conjunto de recursos (hardware, software, base de dados e recursos humanos), como “*um sistema para captura, armazenamento, checagem, manipulação, análise e exibição de dados que são espacialmente referenciados*” (DEPARTMENT OF ENVIRONMENT, 1987). Apesar da diversidade de definições possíveis, entendo aqui que se trata – muito de

²⁴ Por calque, entende-se o registro em escala real (1:1) a partir do uso de uma folha de plástico, fixada sobre as pinturas, em que as se copia integralmente, com uso de pincéis marcadores para retro-projetor.

acordo com a definição citada acima –, afinal, de um conjunto de técnicas e recursos que nos permite manipular, gerenciar e analisar dados referentes ao mundo real, manipuláveis através do georreferenciamento.

A grande vantagem dessa forma de processamento, de acordo com (Hu, 2012) está em sua acuidade de processar milhares de complexas relações espaciais, aliando manipulações de escala, modelos (raster e vetores, por exemplo) e de variações espaciais mapeadas cronologicamente. Ainda de acordo com este autor, a arqueologia se apropriou dessa ferramenta assim que percebeu seus potenciais e suas aplicações foram múltiplas. Porém, as correntes que estavam mais interessadas nos estudos da paisagem arqueológica foram as que mais dedicaram energia para o seu uso²⁵. Esses estudos tenderam a falar de possibilidades de análises a partir de cálculos matemáticos que fossem capazes de lidar com certas realidades do mundo. Isso, em grande medida, ajudou a trazer à tona algumas questões que discutem os critérios de análise sugeridos a grupos que muito possivelmente não compartilham conosco esses mesmos critérios (como já citado acima, em especial análises de gastos energéticos e de racionalização de recursos em áreas de ocupação).

A grande questão metodológica deste projeto tange a dificuldade de se aliar um conjunto teórico de idéias com um processo de instrumentalização destas para gerar formas de se analisar os contextos arqueológicos. A discussão que envolve a percepção da paisagem e formas de produzir conhecimento sobre essas idéias me parece possível, mas ainda frágil. Acredito que através da cartografia, uma porta se abre para tentar gerar formas de entendimento dessa paisagem, juntamente com as idas e vindas de campo, que muito ajudam na formação de uma percepção. Pretendo utilizar a visibilidade, a topografia, os sítios arqueológicos, as possibilidades de caminhos que os conectam, e um conjunto de elementos paisagísticos elencados qualitativamente que possam nos ajudar a pensar em fluxos de pessoas, pinturas, seres, trocas. Buscando regularidades e irregularidades geomorfológicas, regularidades nas ocupações dos sítios na paisagem, dos seus suportes, das formas de ocupar os lugares, pretendo formar possibilidades interpretativas para a ocupação local.

²⁵ Um exemplo recente é o livro “Computational Approaches to the Study of Movement in Archaeology Theory, Practice and Interpretation of Factors and Effects of Long Term Landscape Formation and Transformation” organizado por Silvia Polla e Philip Verhangen, 2014.

Prospecção e experiência

O objetivo de se fazer uma nova prospecção na área foi tentar aumentar o caminhamento na região, buscando conhecer um pouco melhor o contexto dos sítios e o contexto como um todo. Para isso, optamos por delimitar polígonos de caminhamento, que abarcariam, principalmente, a zona de transição entre o Cráton Sanfranciscano e a Serra do Espinhaço. Esse trecho, dentre os conhecidos, é aquele onde menos houve movimentos de prospecção. Tendo em vista ser um trecho de acesso e conexão entre as duas litologias – e que, inclusive, apresenta certa singularidade geológica, por se diferir de ambas – acreditamos ser importante tentar conhecer o trecho em termos de geomorfologia e vegetação, além de pensar possibilidades de ocupação e de movimentação entre os trechos. Assim, foram eleitas três delas na zona de transição. Três delas estavam diretamente na borda da Serra, partindo da margem direita do Córrego das Varas até 5km da margem do rio Pardo Grande. E uma delas adentra cerca de 5km na Serra do Espinhaço. Escolhemos essa área com o intuito de caminhar uma área que ainda apresentava feições muito comuns no Espinhaço e que permeiam os sítios mais próximos de Diamantina (Linke, 2008).

Três delas foram caminhadas: a área 1 está localizada na margem direita do Varas, se estendendo por 2,5km subindo o rio. A área 2 está localizada rente à margem direita do Pardo Grande e se estende 3,6km adentrando a Serra; por fim, a área 3, localizada 5km adentro da Serra, que abarcam zonas de campo e que possibilita um caminho até a zona 3. As áreas foram escolhidas com objetivos específicos, que estavam focados em feições distintas e faixas de transição, assim temos áreas de 2,7km quadrados, até 29km quadrados.

Dentro dos objetivos da prospecção, além, claro, de buscar por novas áreas ocupadas por populações pré-coloniais, está experienciar a paisagem. Em acordo com toda a discussão já citada acima, a experiência é um elemento fundamental de discussão para este texto. A ideia de passar pelos lugares, de caminhar, suar, fazer escolhas que envolvem o movimento por um certo local é fundamental. Muitas vezes abrimos mão de discutir nosso próprio processo com o mundo, mas acredito que esse seja um dos fatores mais marcantes do processo de pesquisa. Como muitos autores já indicam, em especial por conta do grande crescimento do uso do GIS como ferramenta cartográfica (Thomas,

2017, por exemplo), o contato direto com os locais nos quais trabalhamos é essencial. Pesquisar um contexto, trabalhar e falar sobre um lugar exige que estejamos nele com o corpo. Sentir, cheirar, suar, correr, ver, pegar são todos exercícios de conhecimento. Ter experiência faz com que possamos falar e discutir as coisas com entendimentos que estão conectados a formas de perceber o mundo, e o costume, a recorrência, o fazer, refazer, ir, voltar são parte de se conhecer, de estabelecer intimidade e de fazer parte desse lugar. Ingold, ao discutir a ideia de habilidade (*skill*) e de habitar (*dwelling*) fala intensamente da necessidade prática. Compartilho imensamente dessa ideia. Fazer, mover-se, colocar o seu próprio corpo em contato com o mundo e com as atividades – sejam quais forem – é conhecê-los. Esse trabalho é um exercício de conhecer, de perceber. Evidentemente, o conhecimento é contextual e específico, e suas formas de construção não têm a ver apenas com o lugar/atividade/etc., mas também com a pessoa. Como nós conhecemos é também um constructo de como crescemos, vivemos e conhecemos inúmeras outras coisas, logo, a ambição de conhecer pelo ‘outro’ é um exercício utópico. O que propomos, assim como os trabalhos etnográficos da atualidade, é uma tentativa de diálogo, de tentar nos aproximarmos de um mundo que é diferente do nosso, e ser capaz de criar diálogos e aprender com eles. Devidamente dadas as proporções entre fazer isso na arqueologia e na antropologia, temos esforços que caminham em alguma medida em diálogo²⁶.

Assim, a experiência, o movimento, a prática são elementos chave para a construção deste texto, e permeiam a análise e a as escolhas metodológicas.

²⁶ O próprio diálogo entre a arqueologia e antropologia já exige um esforço constante por parte dos interessados.

III. OS CONTEXTOS DOS GRAFISMOS REGIONAIS

O contexto de Monjolos e problemáticas possíveis

As pesquisas na região de Monjolos são recentes. Houve levantamentos realizados pelo IAB na década de 70 e 80. Na década de 1970, Maria Beltrão (pesquisadora do Museu Nacional) chega a trabalhar em um dos sítios do local, porém, após essa investida, as pesquisas foram paradas. No fim dos anos 2000, uma equipe de pesquisadores do Museu de História Natural da UFMG retorna à área, após anos de pesquisa da região de Diamantina, com o interesse de buscar sítios a céu aberto, tendo em vista as questões referentes às ocupações pré-coloniais [ou indígenas] mais recentes na região e a escassez de cerâmica nos sítios por eles conhecidos na Serra do Espinhaço. A partir daí, encontram muitos sítios de pintura na região (cerca de treze) e escolhem por calcar um deles, conhecido como Lapa da Fazenda Velha. Inicia-se aí um esforço de entender a área em termos arqueológicos. Em 2013, Linke discute parte dos conjuntos da região e, em 2016 e 2017, esta dissertação e uma monografia de graduação (Dias, 2017) trabalhando com conjuntos gráficos da região.

Dentre as questões para os grafismos rupestres, tem-se uma evidente diferença de repertório gráfico em relação a outras áreas. Conforme Linke (2013), os conjuntos apresentam semelhanças com outros já caracterizados em outras regiões de Minas Gerais – a saber, Tradição São Francisco, Complexo Montalvânia e Tradição Planalto. A presença intensa de grafismos geométricos (em especial bastonetes, conjuntos de ‘dígitos’) é notável em contraste com os repertórios mais figurativos²⁷ que povoam a região de Diamantina. A presença das gravuras também é marcante dentre o conjunto dos sítios de Monjolos, em contraste com a região diamantinense, em que a técnica não aparece.

Linke (2013) define cinco conjuntos a partir dos dados levantados na Lapa da Fazenda Velha, sendo dois deles de pintura e três de gravuras. O conjunto 1 de pinturas se caracteriza por figuras geométricas lineares e zoomorfos que não ultrapassam 60 cm, além de escassos antropomorfos ocupando tetos e suportes verticais. O conjunto 2 tem

²⁷ Uso figurativo aqui no sentido de serem figuras que eu consigo relacionar e atribuir significados associáveis com o meu repertório cultural, sem que, necessariamente, essas figuras sejam, efetivamente, associadas a esse significado.

zoomorfos maiores que 60 cm e figuras geométricas circulares, que ocupam suportes verticais amplos e tetos, todos acessíveis a partir do piso do abrigo.

O conjunto 3, de gravuras, é formado por pequenos quadrúpedes, bioantropomorfos e antropomorfos. O conjunto 4 é composto por antropomorfos, biomorfos, aves e geométricos lineares, com figuras muito alongadas (Linke, 2013). Por fim, o quinto conjunto está restrito apenas a suportes horizontais, com temática majoritária de geométricos e antropomorfos/bioantropomorfos que ocupam a periferia dos painéis. Segundo a autora, foi possível refletir sobre uma possibilidade de que talvez a região tenha uma outra realidade cultural, pensando a partir dos padrões de relação entre as pinturas e entre as pinturas e suportes (Linke, 2013).

Pensando no conjunto de grafismos das terras altas, em Diamantina, temos hoje, quatro conjuntos estilísticos delineados, atrelados à Tradição Planalto. Irei descrevê-los brevemente. O primeiro momento é composto, segundo Linke e Isnardis (2012), por figuras quase unicamente zoomorfas, que possuem contornos realizados por linhas contínuas e outras linhas de traço que as preenchem, quando há preenchimento. Estas figuras, que giram em torno de 70cm de comprimento, são as primeiras nos sítios, escolhendo painéis amplos, mas não os ocupam com grande intensidade. Tendem a um naturalismo, apesar desse ser menos acentuado do que o segundo momento.

Já no segundo momento, em que as figuras zoomorfas continuam a dominar amplamente, mas já acompanhadas de antropomorfos, o naturalismo é muito marcante, com investimento em pintar referências anatômicas (galhadas, orelhas, caudas, nos cervideomorfos, e genitália e dedos, nos antropomorfos). Característica fundamental também está no modo de fazer: as figuras são feitas por uma sequência de linhas de traço que ora são contorno, ora são preenchimento (Linke & Isnardis, 2012). As figuras variam muito de tamanho (30-100cm).

Este último conjunto está presente em quase todos os sítios e normalmente é feito com linhas paralelas, convergentes e oblíquas (Linke e Isnardis, 2012). Os pintores e pintoras inauguram novos sítios, além de reocupar todos os lugares que o primeiro conjunto grafa, sobrepondo suas figuras às precedentes.

O terceiro conjunto é formado principalmente por zoomorfos, que têm uma proposta de composição similar à do primeiro conjunto, em que as linhas de contorno tendem a ser contínuas e bem delimitadas. Os tamanhos das figuras são em geral inferiores a 50cm e há pouca preocupação com naturalismo (os corpos dos zoomorfos têm volumetria mais simples, em elipse e há pouco investimento em detalhes). As figuras desse conjunto quase só aparecem em sítios já ocupados e costumam estar nas periferias dos painéis e em nichos, e sobrepõem-se pouco às figuras precedentes.

Por fim, o quarto conjunto possui figuras pequenas (não mais que 30cm), também com predominância de zoomorfos, que são chapados (figura completamente preenchida de tinta), que demonstram interesse por detalhes, porém podendo exagerá-los em algumas partes do corpo, como as galhadas muito grandes ou dedos (cascos) muito destacados.

Dentre publicações mais antigas, os pesquisadores da região haviam separado em cinco momentos o repertório gráfico regional (Linke, 2008), porém, com a revisão das cronologias relativas e das pesquisas em geral, resolveram que o quarto momento era, na verdade, formado por figuras que poderiam ser incorporadas ao segundo momento. Estes eram figuras em preto, com o processo de construção parecido ao do segundo momento, pouco numerosas. Além da exclusão desse quarto momento, a revisão fez que outras figuras, especialmente grafismos antropomorfos, que haviam sido provisoriamente atribuídas a outras unidades estilísticas - à da Tradição Agreste e à Tradição Nordeste - fossem incorporadas aos momentos da Tradição Planalto.

Dentre as caracterizações dos conjuntos, os autores perceberam ao longo da pesquisa um elemento muito interessante, que foi agregado à descrição dos conjuntos, que é a forma de relacionamento das figuras de momentos distintos. Em alguns de seus artigos, os autores apontam para o uso de traços mais antigos na parede para a composição das figuras, além de repinturas de algumas figuras (Linke, 2008; Isnardis, 2009; Linke & Isnardis, 2008; Isnardis, Linke & Prous, 2008).

Voltando ao conjunto estilístico que foi integrado ao segundo momento, essa foi uma das motivações da construção desta pesquisa. É um objetivo de análise tentar entender a relação dessas figuras com a presença das figuras zoomorfas que sugerem cervídeos, compostas em tinta preta, na área do Rodeador. A quantidade destas figuras na região é

muito grande em comparação com a totalidade das figuras zoomorfas, pensando em relação à proporção existente para a região de Diamantina. Eles parecem compartilhar uma mesma tinta, tanto na Serra quanto no cráton, além de terem temas similares (apesar de algumas diferenças formais que serão discutidas). Dos sítios pintados, com exceção da Lapa da Fazenda Velha, que é o sítio com maior concentração de grafismos, a proporção entre figuras em preto e em outras cores é muito balanceada. Parece haver uma relação diferente com as disposições e escolhas de inserção dessas figuras que serão discutidas adiante.

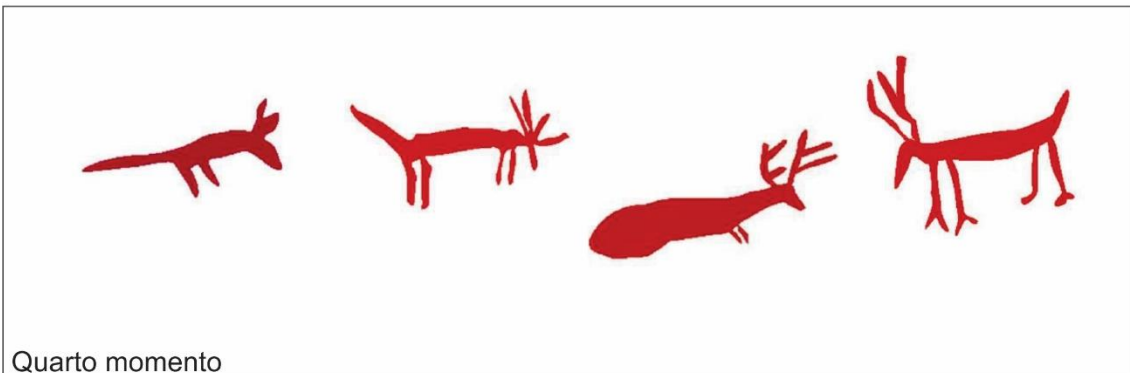
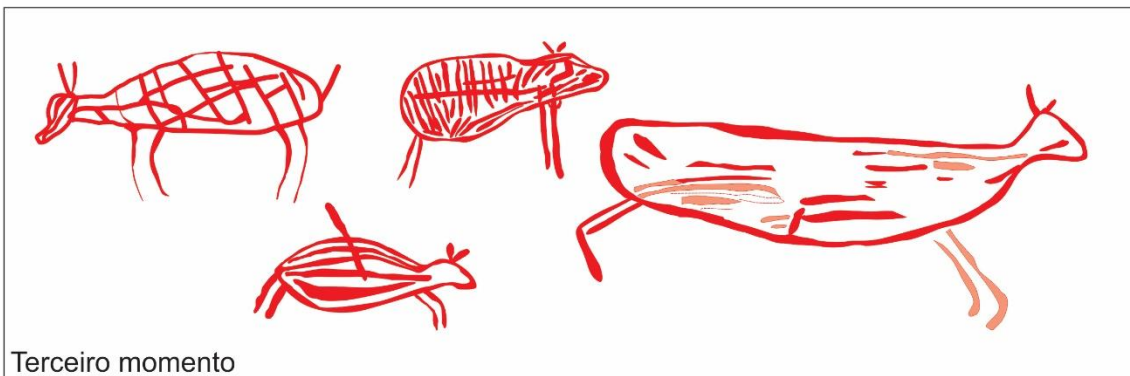
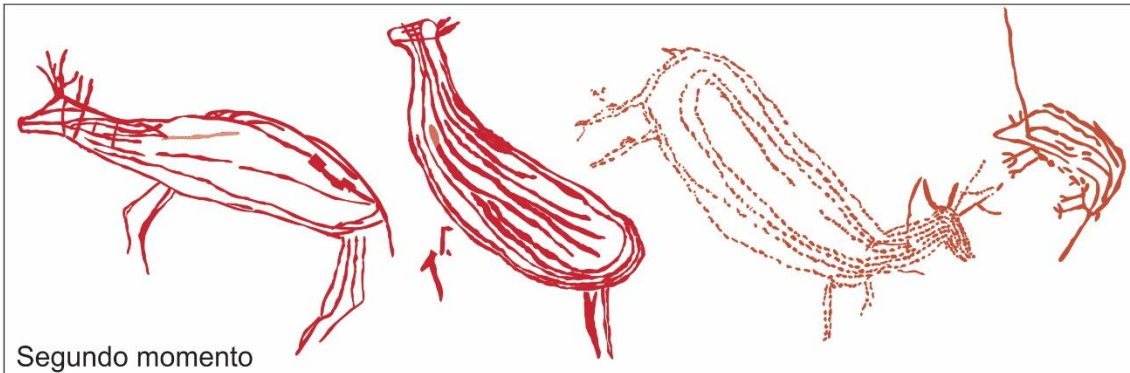
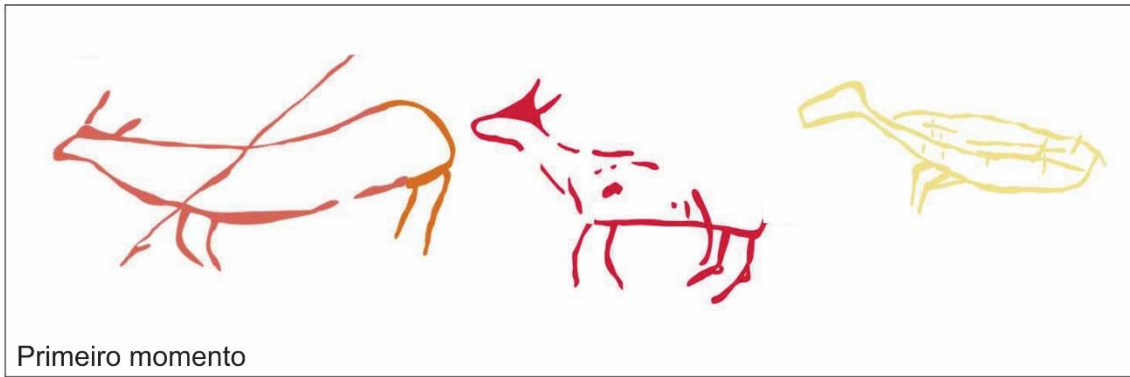


Figura 1 Conjunto Tradição Planalto definidos em Diamantina

Sobes e desces: contextos de Serra e Cráton

A região de Monjolos nos traz uma paisagem convidativa. Vindo de Belo Horizonte, chegando através da estrada que vai de encontro a Corinto, nos voltamos para leste, rumo a Santo Hipólito, seguindo em jornada pelo cráton Sanfranciscano, entremeando entre planícies das pequenas bacias dos rios que se dirigem para norte e seguindo o fluxo do São Francisco, paisagens estas que há muito alimentam a vida de muitos moradores e viajantes. Esse caminho já nos insere no conhecido Supergrupo geológico São Francisco, e nos leva ao nosso primeiro encontro com as águas do rio das Velhas, que irá ainda percorrer muitos quilômetros rumo a noroeste, até desaguar no São Francisco, em Guaicuí.

O rio das Velhas, nesse trecho, divide conosco suas águas calmas, delineando seu leito – mergulhado em depósitos aluvionares – em contato com os argilitos e siltitos da Formação Serra de Santa Helena –, e daí a poucos quilômetros ao norte, irá receber as águas do rio Pardo Grande, que a montante já nascera e percorrera longo caminho sobre os quartzitos do Espinhaço (da formação Galho do Miguel e Rio Pardo Grande), além de metargilitos da F. Santa Rita e das terras arenosas e áreas de campo que povoam o alto da Serra. Ao se deparar com a borda oeste da Serra, o Pardo Grande desce encaixado nos quartzitos da Formação Córrego Pereira, para em seguida cair nos quartzitos, filitos e xistos da Formação Macaúbas, formando um cânion de cerca de sete quilômetros de extensão de leste para oeste, e duzentos metros de altura. Percorre ainda alguns quilômetros sobre os calcários e suas paisagens cársticas, além de metamargas e metalsiltitos até o seu encontro com o rio das Velhas (ver mapa geral em anexo).

Continuando pela estrada, após passarmos por Santo Hipólito, começamos a margear o rio Pardo Pequeno, que se entremeia na planície do cráton, sobre os mesmos calcários, sendo que a cidade de Monjolos está situada em sua margem esquerda. Ao chegar na cidade podemos avistar afloramentos calcários, com cavernas e abrigos, que se formam próximos à margem direita do rio. A jusante, ele se encaminha para derramar suas

águas em seu irmão maior, mas, a montante, também já visitou e esculpiu quartzitos, filitos, siltitos²⁸, além de alimentar longos trechos de formações campestres e turfeiras²⁹.

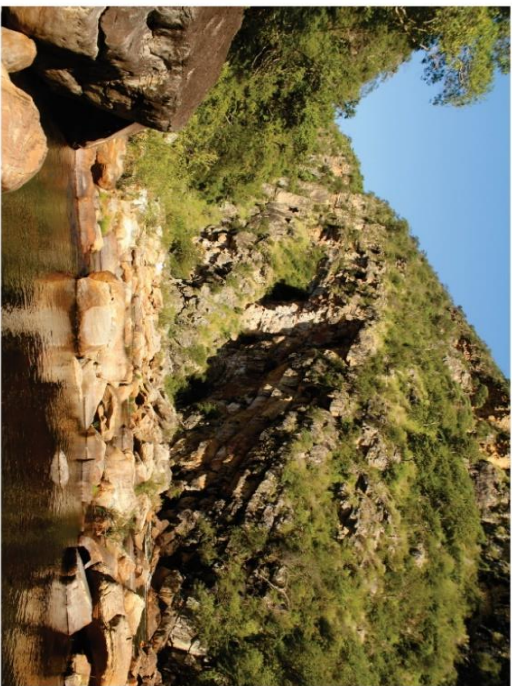
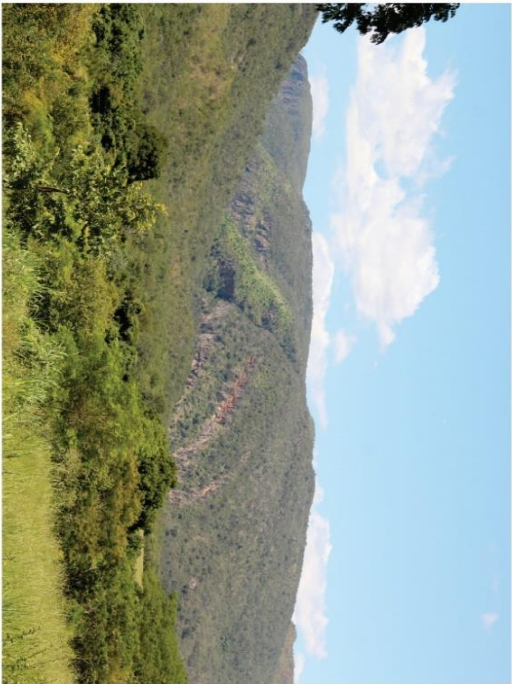
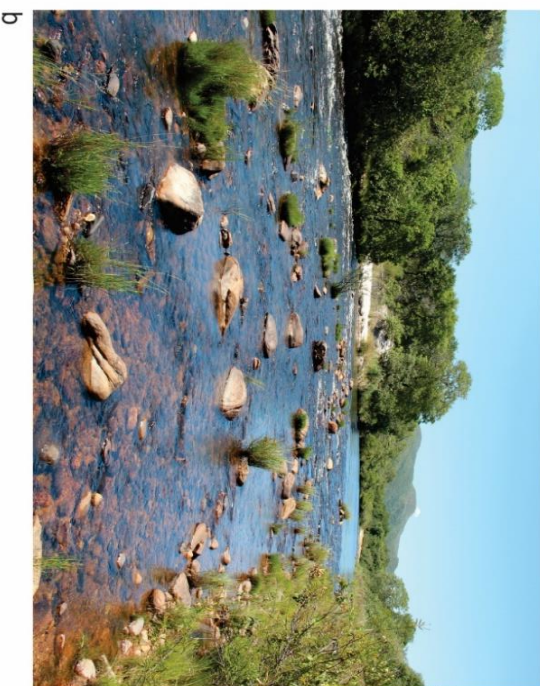
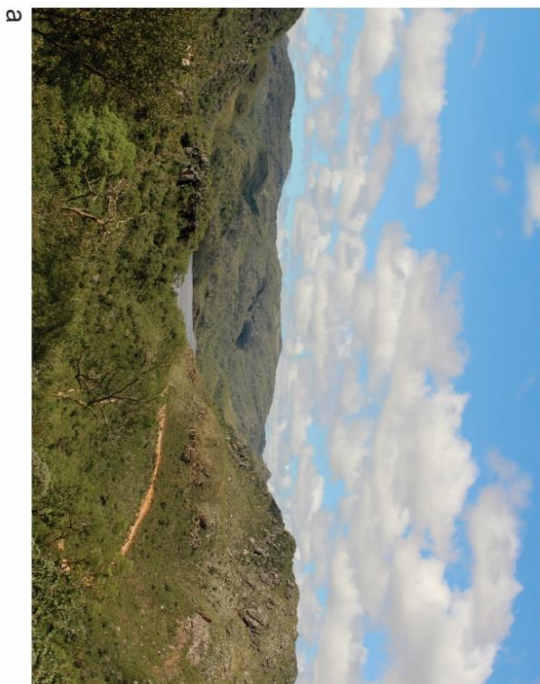
Assim como o Pardo Grande, desce a serra encaixado em um cânion de proporções próximas a 200m de altura e sete quilômetros de extensão, correndo suas águas para oeste. Após passarmos por Monjolos, seguimos para nordeste, em direção ao Rodeador, onde adentramos entre dois dos afloramentos calcários em que encontramos a maior parte dos sítios arqueológicos da região. Chegando no Rodeador³⁰, estamos a cerca de dois quilômetros do limite da serra do Espinhaço, na margem esquerda do córrego do Varas (conhecido também como riachinho). Esse córrego desce o Espinhaço também encaixado em um canion, de menores proporções, e logo que chega no cráton, faz uma abrupta curva para norte – este, como diversos cursos d’água da Serra e do Cráton encaixam-se em falhas litológicas estruturais, condizendo seus percursos em diálogo com as geologias locais –, seguindo em paralelo à serra, a direita, e a um afloramento calcário à esquerda, seguindo por mais oito quilômetros até desaguar no Pardo Grande, próximo à boca de seu cânion.

Ainda no Rodeador, temos uma estrada que sobe a Serra, conectando-se a Conselheiro Mata e Diamantina. Essa estrada, atualmente de terra, aproveitou a presença dos aterros de uma antiga linha férrea, que ligava Corinto a Diamantina, da década de 1910 até os anos 1970, para criar uma ligação rodoviária com Monjolos. Esta linha férrea estava atrelada a uma política de ferroviarização do país, e que tinha objetivo de ligar várias regiões do Brasil. Infelizmente, ao chegar a Corinto (à época, a estação era chamada de Curralinho), se ramificou apenas para Diamantina, Pirapora e Montes Claros, tendo sido

²⁸ O rio Pardo Pequeno nasce na F. Galho do Miguel, passando pela formação Santa Rita, Córrego Bandeira, F. Sete Lagoas e Córrego Pereira.

²⁹ Essa região do Espinhaço é conhecida por formações de Campo Limpo, Campo rupestre, turfeiras, mata ciliares e, cerrado (florestal) e áreas de cerrado amplo (Guimarães, 2012).

³⁰ Essa região possui altitudes que variam entre 570m e 860m



Rios situados na área de pesquisa. Figuras a e b, vistas do Pardo Pequeno (No alto da Serra e após sua descida, respectivamente); c e d, vista do cânion do Pardo Grande e ao fim de sua descida da serra.

Figura 2 Rio Pardo Grande e Pardo Pequeno na área de pesquisa

abandonado o projeto original. O trecho de descida da estrada/linha férrea insere-se em um ambiente litológico diverso, dentro das formações Pardo Grande e Macaúbas, sendo marcantes os afloramentos calcários tomados pelas matas esverdeadas, de maior porte, além de afloramentos mais vistosos, com campos de lapiás extensos. Esse trecho corre em paralelo ao córrego das Varas.



Figura 3 Visão do cráton a partir da subida da Serra do Espinhaço, entre Rodeador e Conselheiro Mata.

Temos, portanto, um contexto inicial. Antes de chegar aos sítios e a cada um dos lugares escolhidos para serem ocupados, um pouco do contexto geomorfológico. Essa formação de Monjolos, por se estruturar com rochas carbonáticas e, por consequência, quimicamente solúveis, associados a outros elementos estruturantes³¹ produz um relevo cárstico, a partir principalmente do processo de dissolução. Para que isso ocorra, é necessário que a rocha possua uma certa porosidade (normalmente maior que 50%) e que exista um sistema hidrológico favorável para as dinâmicas dissolutivas. Os relevos cársticos se caracterizam por formar drenagens subterrâneas, depressões fechadas, cavernas, grandes nascentes e afloramentos com karren (Ford e Williams, 2007). A região de Monjolos encaixa-se nesse contexto. Um carste em atividade, com a presença

³¹ De acordo com Vasconcelos (2014): porosidade secundária desenvolvida, morfologia específica e hidrologia subterrânea, além do próprio solo.

de elementos característicos de processos de carstificação: dolinas, cavernas, pilares, lapiás, poljes. Esse contexto geomorfológico é responsável por formações específicas de abrigos que foram utilizados como suporte para as pinturas, assim como delineiam uma paisagem de habitação.

A região tem um relevo suavizado, com morros de baixa altitude e inclinação, com matas que costumam os recobrir por quase completo, deixando os calcários pouco expostos. Em áreas de maior declividade, em que as estruturas calcárias estão menos desabadas e menos ruiformes, temos a presença de cavernas e abrigos, normalmente tendendo à direção leste (e próximas) para suas aberturas. Em alguns casos, os abrigos são maiores, com paredes altas (quando assim os afloramentos os permitem, como por exemplo na Serra do Rodeador e o afloramento da Lapa da Fazenda Velha), mas também se tem afloramentos de menor estatura e com processos de dissolução que atingiram um grau de ruiformidade maior, promovendo abrigos pequenos, de teto baixo, de área mais restrita.



Figura 4 Vista do Cráton a partir de afloramento no bordo oeste da Serra do Espinhaço

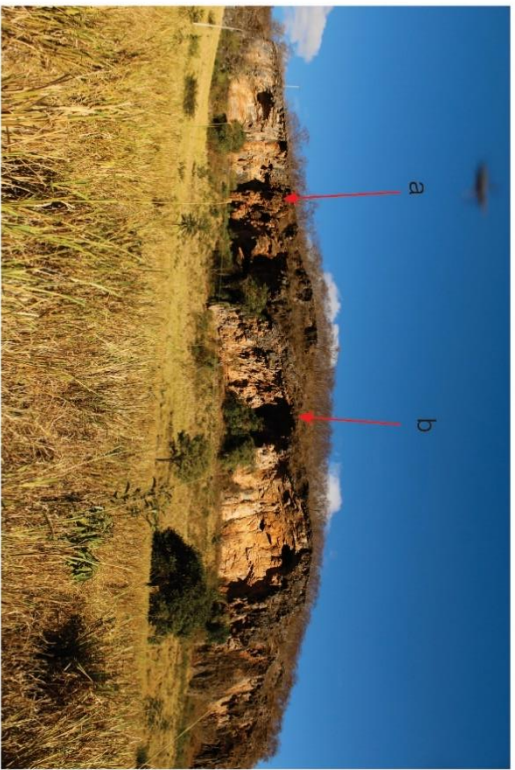
Complexo Maciço do Cafundó

Falemos agora dos sítios arqueológicos e da paisagem em que se inserem com mais proximidade. Em contato direto com Rodeador, um afloramento calcário, conhecido

como Serra do Rodeador ou Cafundó se desenvolve em sentido nor-noroeste e sudeste, com cerca de dois quilômetros de comprimento, maior do que o próprio distrito. Esse afloramento, assim como diversos relevos cársticos, está repleto de cavernas, dutos, espeleotemas e lapiás. A sua face leste é um paredão com cerca de 40 metros de altura, com diversos abrigos e cavernas, que podem ser grandes ou pequenas, com pisos sedimentares ou sem, com muitos blocos desabados, cones de dejeção e processos específicos das rochas (exudações, concreções, por exemplo). Tem-se uma parede quase alinhada no sentido indicado acima em uma macro escala, porém com flutuações côncavo-convexas, o que gera um aspecto de ‘onda’ ao afloramento, quando visto de cima. Os sítios se distribuem especialmente na porção mais a norte, em uma área mais retilínea, na porção mesial, onde alguns dos sítios estão na porção final da crista da onda e no vale, e na porção sul, onde o sítio já se encontra no trecho final do afloramento. Entre estes três conjuntos, temos um espaçamento de aproximadamente quinhentos metros em linha reta entre cada um deles, logo, a área é intensamente ocupada, porém as escolhas dos lugares onde seriam pintados são seletivas no entorno de alguns trechos³².

Podemos acessar sua parte mais a sul através de uma estrada, que desce em direção ao córrego das Varas, e posteriormente irá acompanhá-lo em paralelo. Começamos a descer a estrada e logo atravessamos uma cerca à esquerda, e seguimos acompanhando o afloramento em um terreno semi-inclinado, onde parecemos acompanhar um grande cone de dejeção, que limita a existência das paredes rochosas. Este trecho tem paredões menos evidentes, mais restritos, desabados, com pequenos abrigos, pouco amplos. Em nossa caminhada, não encontramos nenhum sítio arqueológico. A vegetação é de cerrado, contrastando com as zonas de pasto da média-baixa vertente e planície do Varas, bastante agradável e de caminhada fluida, nos enchendo com seus aromas, que são abundantes em zonas de cerrado.

³² Ressaltando aqui que devido ao constante processo erosivo do maciço, é amplamente possível que diversos sítios pintados tenham sido invisibilizados ao nosso reconhecimento, podendo haver uma ocupação mais ampla nos trechos que consideramos sem vestígios de grafismos.



Vista panorâmica do maciço do Cafundó. Setas indicam os abrigos pintados e respectivas vistas aproximadas.

Figura 5 Vista panorâmica do maciço do Cafundó.

Após alguns minutos de caminhada e cerca de duas centenas de metros, chegamos a um grande recuo na parede, em que se forma um paredão mais alto, dissidente da parte mais a sul, pois se forma em uma zona um pouco mais baixa, exigindo que desçamos alguns metros. Chegamos, portanto, a uma abertura voltada para leste (para a Serra), em formato de ‘U’, denominada **Lapa da Ravina**, onde, após descermos, precisamos subir um montículo de alguns metros de altura - o que nos pareceu ser um cone de dejeção da área, que se encaminha para leste –, até chegar na entrada desta abertura. Essa área está repleta de um cerrado mais esparso, possivelmente uma vegetação secundária, com poucas árvores mais altas, e duas gameleiras, que parecem guardar o espaço, uma vez que cada uma delas se localiza em uma das paredes do compartimento (parede sul e norte). Nesse compartimento inicial, temos cerca de treze metros de comprimento, por dez de largura. Essa área possui um tapete de folhas, com pequenas árvores, com um piso sedimentar contínuo, interrompido apenas por conjuntos de blocos desabados, e as paredes chegam próximas dos quinze metros de altura.

Ao fim dessa área circular aberta, chegamos a uma pequena gruta, que dará fim ao compartimento, com cerca de dez metros de altura e comprimento, por oito de largura. Seu piso é irregular, com vários blocos centrais e as áreas próximas das paredes mais baixas, o que dificulta um pouco andar pela gruta. Perto do início da gruta e no meio da parede norte, existem duas caixas de abelha, que tornam a visita ao sítio potencialmente desastrosa. Já fomos expulsos de lá em uma das idas à campo, nos obrigando a voltar ao sítio com roupas de apicultor.

De um modo geral o afloramento é bastante rugoso, acamadado com dobras, além de serem muito recorrentes concreções, exudações e foliação. Aqui, assim como em toda a face leste do afloramento, a vegetação não se sobrepõe aos paredões, estando ele, quase em sua totalidade, visível à distância.

Na parte central na parede sul, temos um painel pintado. Na zona deste único painel visível do sítio, as condições do afloramento não são diferentes. As figuras foram intensamente impactadas por processos tafonômicos como esses, o que fez com que poucas figuras restassem por inteiro, muitas parcialmente e imaginamos que várias delas foram totalmente invisibilizadas. O painel estende-se por cerca de cinco metros por quatro metros de altura. Está repleto de figuras zoomórficas, pelo menos treze delas, que estão mais visíveis, em vermelho, preto e amarelo.

As figuras se dividem formalmente em zoomorfos – cervídeos e peixes – preenchidos com traços e contornos semelhantes aos descritos para Diamantina, feitos de diversos traços que viram preenchimento e se ‘desencontram’, e zoomorfos – quadrúpediformes – sem preenchimento, com contorno contínuo. Infelizmente é muito difícil de diferenciar os zoomorfos preenchidos entre si, pois pouco deles restou no suporte. Assim, a interpretação do contorno destas figuras é uma extensão hipotética a partir de pequenas partes que ainda estão fixadas ao painel, e a partir de um repertório de figuras já conhecidas³³; é possível que o restante do corpo fosse diferente, apesar de me parecer improvável. No geral, as partes mais preservadas são as cabeças e parte do pescoço; em seis das figuras partes do corpo foram preservadas, mas algumas em uma condição muito ruim para a análise de composição.

Dentre os zoomorfos pretos monocromáticos, temos três cervídeos e um peixe. Os cervídeos variam em tamanho: dois deles são grandes, o maior deles com cerca de 3 metros de comprimento por 40 cm de largura de corpo; um deles é pequeno, mas apenas a cabeça restou no suporte, com cerca de 25cm de comprimento por 10cm de largura.

Uma das figuras é bicromática, feita em preto (traços internos) e contornada de vermelho, com o corpo vazado (sem preenchimento de traços ou chapado). Infelizmente não foi possível identificar a cronologia interna à figura.

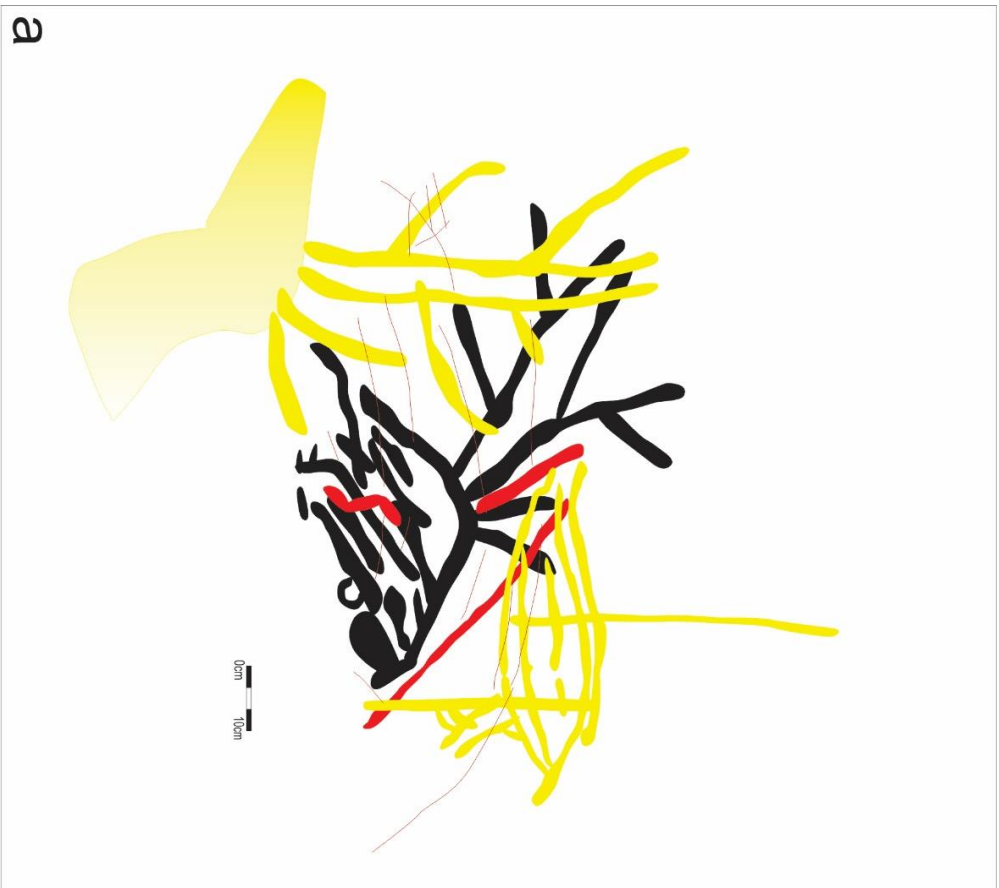
Em amarelo, temos um grande zoomorfo, com galhada, que infelizmente só nos resta a cabeça. As galhadas e orelhas estão bem preservadas, o que não pode ser dito do restante da cabeça. Além dele, temos um outro pequeno zoomorfo, muito próximo em

³³ Aqui, ressalto a necessidade de se compreender que, como em qualquer processo de análise, me alimento de contextos previamente conhecidos. Esses contextos têm conjuntos de formas de se construir as figuras específicos, que geram em mim possíveis entendimentos e projeções das figuras e dos conjuntos. A análise sempre é alimentada pelo repertório dos conjuntos previamente conhecidos e das formas racionalizadas que construímos sobre eles. Assim, nesse caso, o meu repertório envolve, principalmente os conjuntos da região do Peruaçu e Montalvânia, assim como os de Diamantina e Lagoa Santa. No caso específico das análises para Monjolos, devido à proximidade com a região de Diamantina em termos geográficos e estilísticos, muito das interpretações dos conjuntos estão em diálogo constante com este repertório. As formas de construção das figuras, por exemplo (Linke & Isnardis, 2012), são constantes no momento de perceber as figuras no contexto de Monjolos. Assim, em vários momentos do texto o jeito de falar, explicar, interpretar, estão carregadas dessa bagagem, que envolve a minha experiência com conjuntos gráficos variados, e que muitas vezes, mesmo na tentativa de construir novas formas de se falar das coisas, acabo por me firmar em formas recorrentes de descrição e classificação, que podem, em alguma medida, ser incoerentes com o processo teórico que envolvem esse trabalho.

termos de localização no painel (todo seu corpo equivale à cabeça do anterior), com pouco mais de 25 centímetros. Possui contorno bem definido, preenchimento linear horizontal em relação ao eixo do corpo, bem definido, e está ‘flechado’. As figuras pretas e amarelas, no geral, parecem se encaixar bem nas proposições classificatórias de Linke & Isnardis (2012), sendo os zoomorfos maiores coerentes com o segundo momento da Tradição Planalto em Diamantina, e os menores, com o terceiro momento. A atribuição dos grandes zoomorfos é mais difícil, devido à sua incompletude, o que não nos permite avaliar a formação do corpo e de seu preenchimento com mais detalhes.

Por fim, em vermelho, temos a presença de zoomorfos que variam entre cervídeos, peixes e outros quadrúpedes (um deles, muito semelhante à figura bicrômica, porém monocromática), de tamanho mediano (30-40cm) e de difícil reconhecimento dos contornos e preenchimentos.

Tendo em vista a distribuição das figuras e a sua organização, parece-me plausível pensar em um painel intensamente ocupado, com uma temática muito voltada para a construção de figuras de formato zoomórfico. As formas gerais tendem a se assemelhar aos conjuntos diamantinenses, com exceção de um cervídeo em preto, que possui a cabeça com um formato distinto e próximo de outros sítios da Serra do Cafundó, formato esse incomum às regiões do alto da Serra do Espinhaço.



Sítio da Ravina: a, reprodução parcial do painel do Painel Único; b, vista geral do sítio, Painel à esquerda; c, vista geral do Painel Único.



Figura 6 Sítio Lapa da Ravina: digitalização parcial do painel e vista geral do sítio.

Continuando nossa caminhada, passamos por um trecho de centenas de metros em que o afloramento adquire um formato em ‘U’, perpassando uma crista e adentrando um dos vales da onda, como havia descrito acima. Nesse primeiro trecho o afloramento é mais repleto de vegetação mais alta, promovendo maiores dificuldades de locomoção, e onde não encontramos nenhum sítio arqueológico. Comum em nossa prática de campo, ao chegar nesse local, descer até à margem do Varas e caminhar em sua planície, até chegar na direção de outros pontos de cavernas e abrigos que conhecemos. Essa caminhada normalmente nos toma alguns poucos minutos, e nos leva a cerca de quinhentos metros adiante no maciço. Ao avistar mais ou menos as áreas do afloramento que somos capazes de reconhecer como próximas a um dos sítios, começamos nossa subida novamente. Entrepassando o capim fornecido ao gado, começamos a subir a vertente, que é bastante íngreme nesse trecho, e deveras escorregadia, devido aos capins tombados no chão. Ao fim da subida, damos de encontro com um abrigo de cornija de poucos metros (por volta de cinco), chegando até a vinte metros de extensão na parte mais alongada, com paredes perpassando por volta de oito metros de altura e em grande medida tomadas pelas concreções e exsudações, conhecido por nós como **Rodeador 5**. O abrigo se estende por cerca de trinta metros no sentido norte-sul, e possui um compartimento superior (uma pequena caverna, sem vestígios gráficos). Esse abrigo tem um piso plano bastante restrito, de poucos metros de largura, se conectando diretamente com o declive já comentado anteriormente, que oferece pouco afago para uma estadia. Além dessa condição, o sítio, assim como muitos outros, está repleto de abelhas (*Apis mellifera*) com grande disposição para o combate. Portanto, em poucas dezenas de minutos de habitação do local, fomos atacados e evacuados da área. A descida em meio ao capim, desespero e corrida é curiosa e desastrosa. Esse encontro acabou por ocasionar em uma falta de tempo hábil para um registro mais extenso do abrigo, principalmente a parte mais a norte do local. Temos, portanto, um registro parcial das pinturas e da morfologia geral.

Em termos de pinturas, definimos dois painéis na região sul do abrigo. Eles ocupam basicamente concreções nas paredes, sendo o P.I mais a sul e o P.II um pouco mais a norte, havendo uma concreção semi-lunar que os separa e que foi usada enquanto elemento de marcação entre os dois painéis.

O painel I é composto por três conjuntos de bastonetes vermelhos, nas concreções, que variam entre 10-15, alinhados horizontalmente. Dois dos conjuntos mais altos têm tintas

mais densas (ou mais bem conservadas) e são maiores em comprimento, apesar de compartilharem uma largura similar – os menores giram em torno de 5-10cm, enquanto os maiores 15-20cm. Além dos bastonetes, há uma figura geométrica, bastante difícil de ser entendida, pois a migração de pigmento pelo suporte foi intensa. Por fim, existem quatro incisões em uma das extremidades de uma das concreções, próximo aos bastonetes, com comprimentos variando entre 3 e 10cm, com espessuras e profundidades distintas (mais finas e rasas, e mais espessas e profundas) mas que infelizmente não conseguimos olhar mais de perto e fotografar adequadamente, devido às abelhas que não gostaram de compartilhar seus lugares. Esses conjuntos de bastonetes têm umas suposições de dinamismo na minha percepção. São agitados, intensos e constantes. Os lugares de ocupação são de acesso direto, sem grandes dificuldades.

O painel II está a norte da concreção central, em trechos de concreção sobre a parede e algumas áreas de exudação. São no total quatro figuras, três em vermelho e uma em amarelo/ocre. O vermelho é compatível entre si e com o painel I. Dentre as vermelhas uma delas é apenas um traço linear vertical, outra uma figura geométrica ovalada e por fim, uma figura composta por quatro traços, formando um ‘retângulo’. Já a figura amarela/ocre é um pequeno biomorfo, chapado, com três dedos em cada um dos membros superiores.



Figura 7 Rodeador 5: vista geral e painel.

Rodeador V: figura a, painel I, figura b e c, parciais do Painel II.

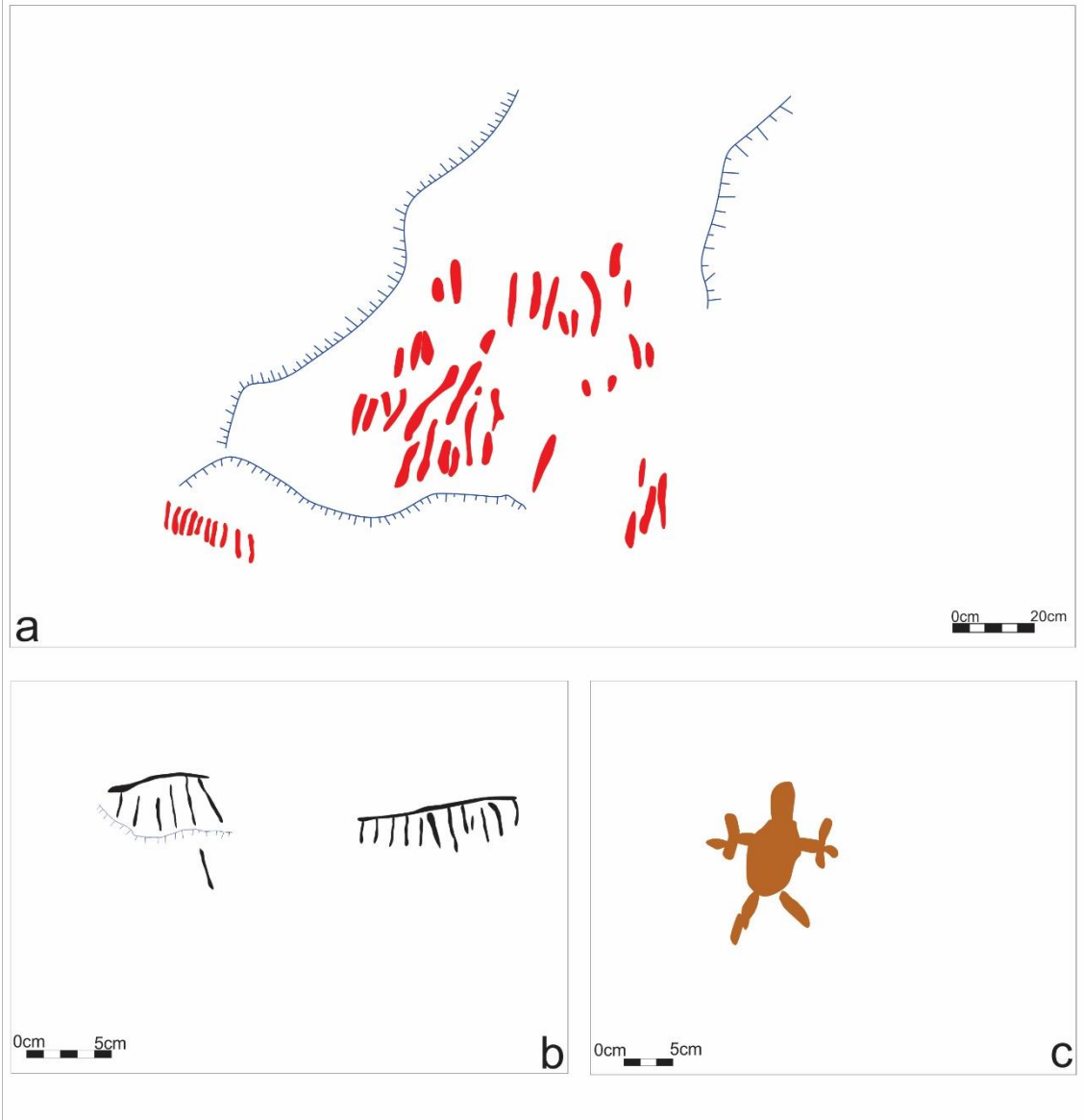


Figura 8 Digitalização parcial dos painéis do Rodeador 5.

Após o afugento das abelhas, continuamos nossa caminhada por mais algumas centenas de metros em direção a norte, acompanhando a linha do afloramento, em meio à mesma mistura de mata e pasto que se estabelece entre as zonas de maior declive e de maior planitude. Logo após o **Rodeador 5**, chegamos a uma área um pouco mais elevada, em média vertente, com um pequeno desnível em patamar, de cerca de cinco metros, em que subimos e adentramos um amplo piso sedimentar, de cerca de dezoito metros de comprimento (em companhia da extensão do abrigo), vinte de altura e nove metros de extensão de sua área abrigada, no primeiro patamar. Trata-se de um abrigo extremamente arejado, amplo, agradável, conhecido como **Rodeador 4**. Seu piso é pouco dominado por grandes blocos, o que é confortável para o caminhar, além de sermos brindados com pequenos blocos que nos oferecem ótimos assentos e encostos. Nesse mesmo piso, encontramos um pequeno fragmento cerâmico de uma parede de pote, muito possivelmente, mas que não nos proviu demasiada informação para além do comunicado de sua existência e de seu possível uso pelos grupos que por ali passaram, e para uma possível busca e interesse para além das paredes e mais para baixo dos nossos pés.



Figura 9 Vista frontal do intervalo do Maciço do Cafundó: continuando à esquerda chegamos à Lapa da Ravina; à direita, o Rodeador V.

No que se configura como o primeiro compartimento, as paredes são altas e o teto se desenvolve em um arco contínuo. Vendo-o no sentido leste-oeste (ou seja, voltado para o afloramento), à esquerda, está localizado o único painel pintado desta área. Um painel alto, denominado painel único do compartimento inferior, tem cerca de dez metros de altura, e só é acessível através de uma pequena escalada por uma fenda ocasionada por um possível desabamento de um grande bloco que anteriormente compunha parte da parede.

Essa fenda nos permite subir, com certa tranquilidade até uma altura acessível às pinturas, apesar de que o ângulo dado ao corpo é um pouco temeroso, considerando que o meu tronco manteve-se curvado para trás, enquanto as pernas e a bacia eram responsáveis por dar equilíbrio à estada. Talvez fosse possível ter mais algum elemento de apoio para a execução das pinturas, ou um processo coletivo de equilíbrio³⁴.

Este painel está bastante impactado por processos erosivos, havendo um impacto parcial do sol, de exudações e escorrimentos. As figuras são visíveis dependendo muito das luzes do dia. Conseguimos visualizar seis figuras. Todas envolvendo temáticas zoomórficas. Três delas (duas em vermelho e uma em preto) tendem aos padrões conhecidos como ‘cervídeos’, com propostas de preenchimento e contorno bem marcadas, o que poderia nos levar a associá-los aos conjuntos de zoomorfos do terceiro momento da tradição planalto descrita para Diamantina (Linke & Isnardis, 2012), assim como os ‘peixes’ (duas figuras).

A última figura parece ter uma estruturação parecida com as normalmente caracterizadas como ‘aves’, também de corpo preenchimento-contorno, porém suas extremidades são duvidosas, dificultando uma percepção mais clara da sua forma e composição.

Este abrigo é dividido em dois compartimentos, através de uma ‘rampa’ de acesso de concreções e calcário, acessamos um patamar superior, coberto por um piso de entupimento, que nos conta um pouco do processo sequencial de abertura dessa cavidade superior, uma vez que, por haver um trecho desabado desse piso, é possível perceber ainda um desnível em relação ao piso original da caverna, sugerindo um nível

³⁴ Evidentemente não desconsidero a possibilidade de que outros corpos, outras experiências. Um corpo treinado e acostumado com certas mobilidades e posturas poderia estar mais confortável e em sincronia com as posições possíveis de acesso.

de deposição e formação de tal piso. Nesse andar se abre um salão interno, com uma parede voltada para leste, ampla, repleta de pinturas. Este salão possui cerca de 20 metros por aproximadamente sete, em sua área mais larga, tendo uma altura de aproximadamente 15 metros. A parte a sul do suporte (Painel II) é mais ocupada, havendo pinturas por quase toda sua extensão, apesar de serem pouco numerosas. Por sua vez, a parte norte (Painel I) é ocupada mais concentradamente, com uma densidade maior de pinturas em sequência, com uma quantidade de figuras é maior do que a parte sul, com uma distribuição, porém, mais desigual.

As temáticas parecem se segregar juntamente com a divisão de painéis, uma vez que o Painel I é povoado em grande parte por figuras geometrizadas (bastonetes, círculos radiados) e uma sequência de antropomorfos. Já o Painel II é ocupado quase que exclusivamente por zoomorfos (quadrúpedes, piciformes e aves).

Painel I

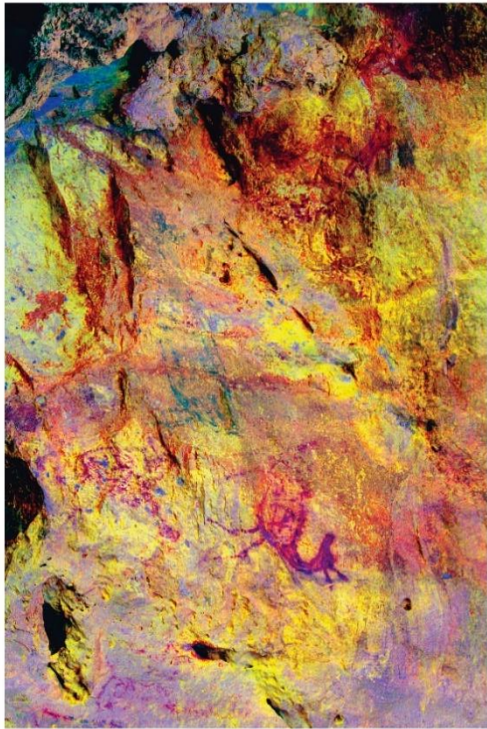
O painel é repleto de concreções, gerando diversos nichos de suportes mais lisos, os quais são os únicos ocupados. Estes nichos são em sua maioria pequenos e restritos, havendo figuras pequenas (cerca de 15-20cm no máximo) que recheiam a parede. No geral, tratam-se de conjuntos de bastonetes vermelhos, que se agrupam em quatro a dez, organizados paralelamente, com dimensões entre 10-20cm de comprimento e cerca de 1cm de largura. Além destes, existe uma sequência de antropomorfos com o formato muito próximo do que se foi tradicionalmente chamado de ‘lambdas’ (Prous e Baeta, 1992/93), em um agrupamento paralelo de cinco, medindo aproximadamente 15cm de comprimento, e seus traços, por volta de 1cm. São figuras que além do formato de lambda, possuem um deslocamento lateral no eixo do tronco, próximo aos ‘membros’ inferiores, gerando um ângulo próximo de 150 graus na altura da ‘cintura’.

Devido às condições tafonômicas dos painéis, que envolvem escorrimentos, concreções e exudações, parte razoável das pinturas é pouco legível aos meus olhos, havendo ‘manchas’ de tinta em trechos da parede que não fui capaz de compreender. No total, devemos ter cerca de doze figuras, considerando os conjuntos de bastonetes e antropomorfos como uma única figura, ou trinta e sete, considerando cada bastonete e cada antropomorfo como uma figura.

As figuras deste painel são majoritariamente em vermelho. O que nos aparenta hoje é que temos dois vermelhos: um vermelho mais claro (VC), mais espesso, que tem uma aderência à parede comprometida – é comum ver falhas de continuidade dentro de um mesmo traço – e pinta os antropomorfos e um geométrico linear; o seguinte, é um vermelho escuro (VE), em que a tinta parece ser mais rala, menos espessa, mas com uma aderência ao suporte mais competente, uma vez que os traços dificilmente estão ‘quebrados’ ou ‘falhos’. Devido à intensa ação tafonômica no painel, é importante ressaltar que essas diferenças podem ocorrer devido a diferenças nos processos erosivos em cada uma das partes do painel, e que podem, afinal, as duas cores serem um mesmo pigmento alterado de múltiplas formas. Além do vermelho, temos uma única figura em amarelo, antropomórfica, que acompanha o conjunto de vermelhos. Esta é uma tinta muito parecida com o VC descrito acima, em termos de textura e estado de conservação

Painel II

O painel II possui uma área sequencial maior em que as concreções não dominaram o suporte; essa área foi ocupada por cerca de dez grafismos, feitos em vermelhos (três cores) e em preto. O painel é dominado por dois grandes quadrúpedes em preto, um com cerca de dois metros e outro com 1,5 metros orientado com suas cabeças para norte. O menor, à frente, está com sua parte traseira abaixo do pescoço e da cabeça do maior, que se estende para sul, parecendo se ‘encaixar’ no formato do suporte e da outra figura (ou vice-versa, uma vez que não sabemos a ordem da feitura). Na parte traseira do maior quadrúpede, há uma concentração de figuras em vermelho, que são posteriores ao ele. São essas uma ‘ave’ (vermelho vinho), que atravessa a figura preta perpendicularmente, uma forma piciforme (vinho) na horizontal, que também está em relação de sobreposição com a ‘ave’, porém não conseguimos ter clareza da cronologia e alguns traços de um vermelho mais alaranjado (vermelho laranja), que aparece também como uma nuvem de pontos (que nos parece possivelmente o corpo de outro quadrúpede) no dorso do mesmo quadrúpede preto.



Rodeador 4: vista do painel único do compartimento inferior, com detalhe das pinturas tratadas em dstretch.

Figura 10 Rodeador 4: vista do painel único do compartimento inferior e detalhes do painel único.



Reprodução parcial painel II (a), painel II (b) e vista geral do painel I e II (c).

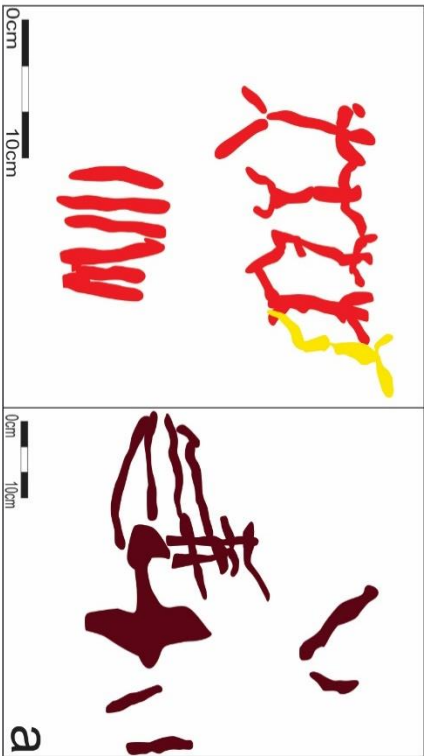


Figura 11 Rodeador 4: reprodução parcial do painel I e II, vista geral dos painéis

Continuando nosso percurso rumo ao norte, caminhamos por um longo trecho em meio à mata e a pequenas cavidades, cavernas e paredões, que pouco nos trazem em termos de vestígios de pintura. Esse trecho possui uma formação bastante compatível com o restante dos afloramentos, e nos parece muito plausível que essas áreas tenham sido habitadas e conhecidas pelos grupos que passaram por ali, porém, em termos de vestígios superficiais e rupestres, nada é conhecido. Apenas a cerca de seiscentos metros, chegamos à conhecida **Gruta do Arco**, que também não apresenta vestígios arqueológicos, mas é uma gruta conhecida na região e que tem um grande destaque visual. Essa gruta, como diz o nome, é formada por um grande arco de calcário, com grande visibilidade e destaque em termos de visada de dentro e de fora do local. Continuemos, portanto. A seguir, e vale ressaltar que esse trecho do afloramento, os acessos começam a se tornar menos íngremes, permitindo que uma caminhada leve em termos de declividade e distância nos aproxime do afloramento, continuamos a caminhada por mais cerca de duzentos metros, e chegamos a uma parede abrigada, bastante vertical, com um piso sedimentar que pouco acomoda grandes blocos desabados, por exceção da sua extremidade norte. Essa parede abrigada, como interpretamos, foi aliada à uma ocupação de pinturas associada com uma Lapa maior, que se desenvolve a poucos metros a norte, denominada **Rodeador 2**. Há um grande bloco desabado a norte, que, conjuntamente com a parede do abrigo, forma uma grande fenda que nos leva a um outro compartimento. Na porção norte deste tem-se a fenda e uma grande gameleira e blocos abatidos de grandes dimensões, bem como concreções. Depois o piso torna-se plano e sedimentar com blocos desabados. Na porção sul deste compartimento vê-se uma grande concreção e uma gameleira modesta.

Os suportes disponíveis, tal como em outros compartimentos, apresentam-se rugosos e alterados por uma camada mineral de cor que varia do amarelo ao vermelho tal como será descrito para o abrigo mais a norte. Trata-se de uma parede que se difere de muitos dos suportes ocupados (e em acordo com a ocupação de pinturas da própria lapa adiante), é uma parede bastante homogênea para os padrões dos outros locais pintados, havendo poucos contextos de concreções, e que, ainda, os locais efetivos escolhidos para serem pintados não são concrecionados. Voltada inteiramente para leste, sua área ocupada por pinturas (Painel I) tem cerca de nove metros de extensão, por dois de altura. Apesar da sua constância calcárea, não são incomuns as esxudações, assim como, em acordo com o afloramento como um todo, é bastante foliada e com dobras

visíveis e marcadas³⁵. Temos alguns bastonetes vestigiais, parecidos com os mais espessos encontrados pelo sítio. Em um pequeno teto no meio do suporte, temos uma grande quantidade de ‘dígitos’ – pequenos traços com cerca de 3-4cm – que se distribuem por toda a área desse pequeno teto.

Seguindo descemos um pequeno patamar de blocos desabados e uma retração da parede, formando um outro abrigo em formato de meia lua, repleto de grandes blocos caídos, que formam alguns patamares para se acessar a parede. Nesse trecho do sítio, há um pequeno painel voltado para leste, com dois conjuntos de longos bastonetes verticais um deles com uma espessura maior (próxima a espessura de um dedo, assim como os dois conjuntos mais altos do painel I) e um mais estreito. Ambos os conjuntos têm entre 10-12 bastonetes e estão cobertos por uma camada de exudação. Além dele, há um outro pequeno teto em que há vestígios de algumas pinturas, mas que não conseguimos identificar. Dentre muitos tetos com um suporte mais liso e homogêneo (cerca de sete), apenas um foi (ou permanece) pintado.

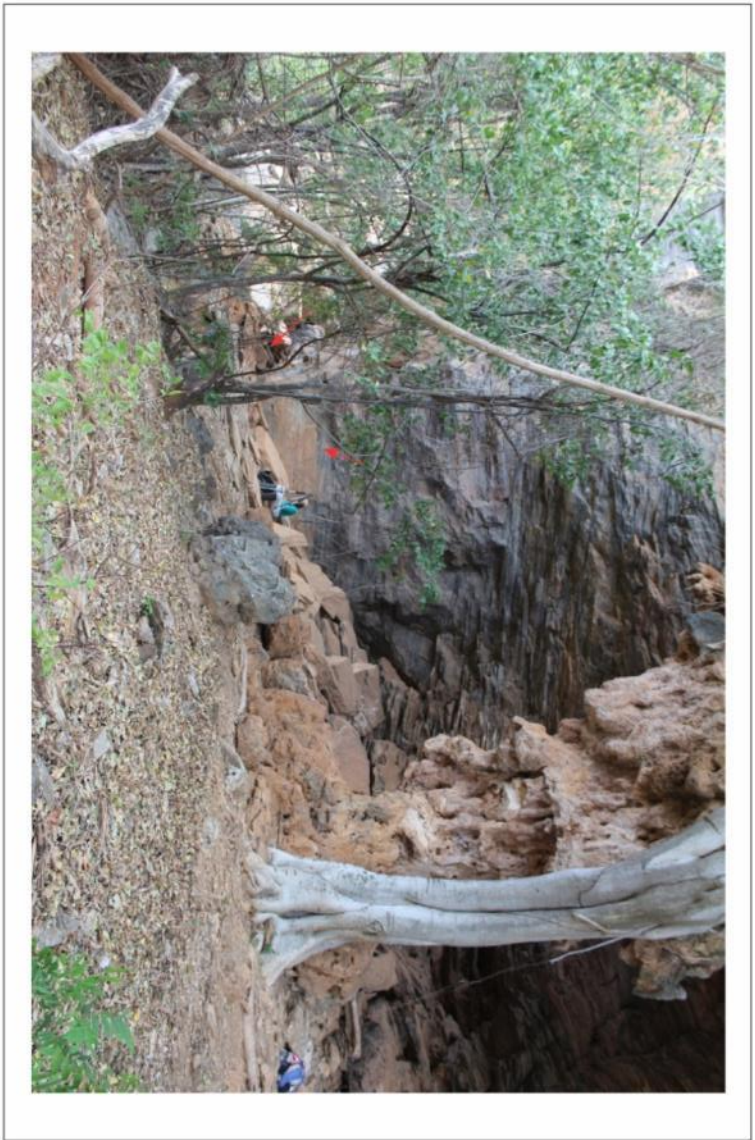
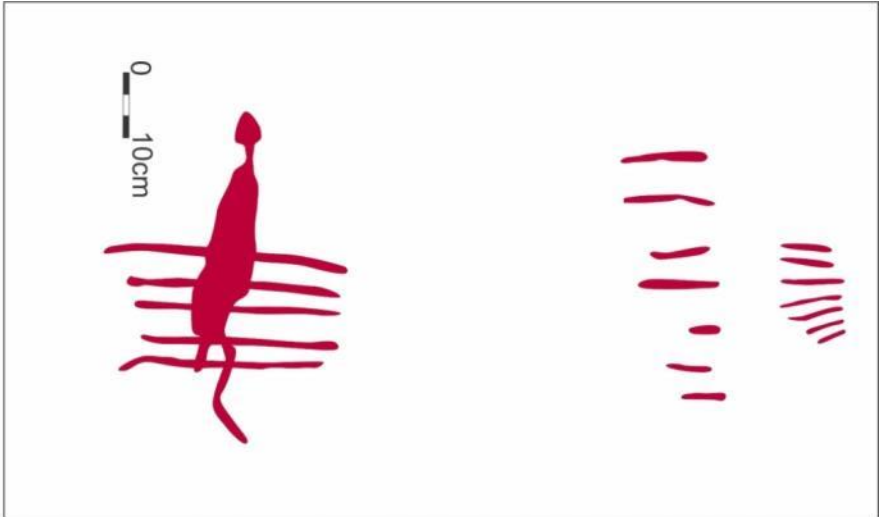
Este sítio, como dito, é composto por mais de um abrigo, que se conectam na continuidade da parede. Seguindo para norte, há um trecho abrigado repleto de grandes blocos desabados que estão rentes à parede, formando patamares e degraus, e onde o afloramento passou por um processo erosivo que evidencia suas formações acamadadas (são muitos as plaquetas e lentes de calcário).

O terceiro e maior abrigo (sentido sul-norte) está voltado para leste, com desenvolvimento norte-sul. A área abrigada tem cerca de 34 metros de comprimento, por 8 metros de profundidade e 6 metros de altura. O piso na área abrigada é de grandes blocos desabados e plaquetas, com uma porção a norte em que há um piso plano e sedimentar. As áreas mais abrigadas são bastante conturbadas, pensando em locais de permanência. Os blocos são pontiagudos, grandes, irregulares, o que não facilita uma estada confortável. Logo à frente do abrigo, há outra área com piso mais plano, com blocos menores, que já oferece um piso mais aconchegante. Além disso, é um piso que a princípio poderia ser escavado. Na área central do abrigo há uma concreção com uma grande gameleira, que, hoje, fornece abrigo de sol, ao menos na área do platô. Este

³⁵ Ver Rose Lane (2012), sobre os processos de dobras e acamamentos.

conjunto (concreção e gameleira) é um marco central ao abrigo, além de ser visível à distância, apesar da pequena mata que ocupa a boca do abrigo.

As áreas de parede do abrigo são extensas, porém os suportes são bastante irregulares e rugosos devido aos extratos de sedimentação da rocha. É marcante que a única parede mais homogênea e de coloração distinta (avermelhada) na parede sul, apresente vestígios de grafismos. Esta parede pintada está repleta de impactos erosivos, como precipitação, exsudação e deposição, o que fez com que parte importante dele fosse recoberto. É possível que a quantidade de grafismos fosse muito maior. Ainda são parcialmente visíveis três conjuntos de bastonetes (de cinco a sete), sendo que os conjuntos se encontram alinhados verticalmente, a alguns centímetros uns dos outros. Os conjuntos mais altos são menores em comprimento, e o mais acima deles possui traços mais estreitos, já os seguintes, abaixo, têm a mesma espessura. No conjunto localizado na parte mais baixa do painel, temos também uma ‘mancha’ vermelha, em sobreposição com os bastonetes. A discussão de tintas para esse sítio é muitocomplicada, uma vez que as ações de outros agentes sobre a tinta são muito intensas.



Rodeador 2: Visão geral do sítio e reprodução parcial do painel I e II.

Figura 12 Rodeador 2: vista geral do sítio e reprodução parcial do painel I e II.

Por fim, esse trecho dos dois últimos sítios já está em um desnível muito menos marcante entre a zona mais plana, próxima do córrego das Varas, e do afloramento, havendo uma variação de vinte a trinta metros, e, juntamente com isso, a área de mata também é bastante reduzida, se restringindo basicamente às entradas dos abrigos. Caminhando cerca de cinquenta metros adiante, chegamos ao finalíssimo abrigo da parede leste.

Esse abrigo, conhecido como **Rodeador 1**, é na verdade um conjunto de áreas abrigadas compartimentadas entre si. Pode-se dizer que há quatro compartimentos. O abrigo está voltado para leste e tem cerca de 15 metros de comprimento, por seis de altura. Seguindo de norte para sul tem-se uma parede subvertical com um teto concrecionado que conforma o piso de uma segunda área abrigada em forma de meia lua (compartimento 1 e 2, respectivamente). Na parte de baixo vêem-se muitos escorrimentos e concreções nas paredes, além de materiais de preenchimento. O suporte rochoso está quase que completamente ocupado por estas concreções e onde não está, apresenta-se rugoso em função do acamamento centimétrico da rocha. O piso é formado por concreções, blocos desabados de concreção, blocos de calcário e sedimento.

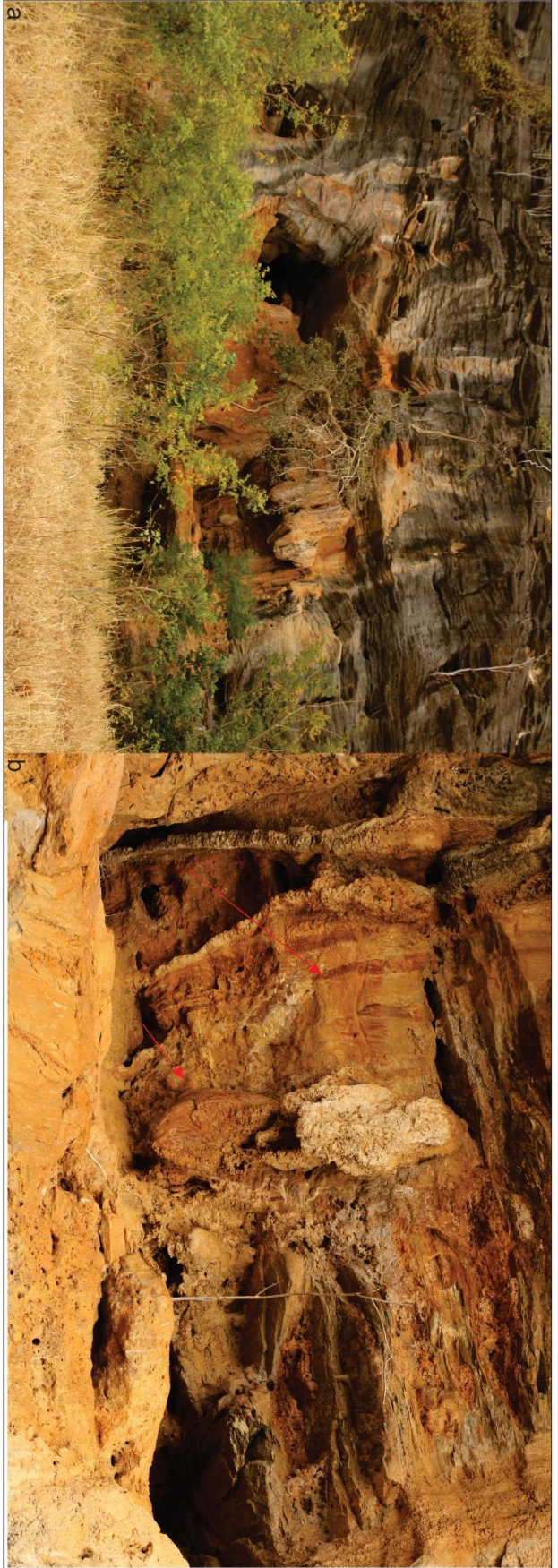
Já no compartimento dois (superior ao primeiro), a parede sul é formada por uma concreção que estabelece o limite desta área e é a parede norte do terceiro compartimento. A parede norte está também repleta de concreções e estabelece o limite da área de piso e parede. A parede oeste é concrecionada, e estas criam nichos, que foram usados como suportes para os grafismos. Estes estão em superfícies rochosas menos rugosas, ainda nas concreções e configuram-se como conjuntos de bastonetes e dígitos em vermelho. O teto desta porção possui mais ou menos 2,5m. E nele também há concreções de calcita.

Esse compartimento foi pintado, e existem dois painéis: Um com uma área de uma pequena concreção de cerca de 60cm de comprimento, por 40 de largura, com formato ovalado, que foi pintada em sua porção frontal e lateral (c). São inúmeros traços que se encaixam no formato da concreção, com orientações variadas – verticais, oblíquos, horizontais – e que se sobrepõem. A parte mais a sul do grafismo está menos conservada, dificultando o entendimento de alguns traços; o segundo (d) está em um suporte vertical, com cerca de um metro de comprimento e 50cm de largura, e são

bastonetes verticais e levemente inclinados, que acompanham uma linha horizontal sinuosa do suporte – há dúvidas se essa linha é antrópica ou não, mas não foi possível conferir devido à inacessibilidade por conta das abelhas que habitavam o abrigo – havendo bastonetes em cima e embaixo da mesma, além de alguns bastonetes que a atravessam.

A parede concrecionada que faz o limite sul deste compartimento, configura-se como a parede de norte do compartimento de conduto. Neste, o acesso é feito escalando-se uma parede sub-vertical, e ele também dá acesso ao compartimento 2. Há alguns grafismos vestigiais em preto e talvez em vermelho e amarelo, porém são muito pouco visíveis, o que dificultou um entendimento das figuras. O piso tem plaquetas de calcário e ao fundo alguns travertinos, com piso plano. O conduto se estende por poucos metros. As pinturas estão em trechos dos tetos em áreas mais planas. Há feições como as escolhidas, mas que não foram pintadas.

Por fim, mais a sul temos um outro conduto menos profundo do que o descrito anteriormente e de menor proporção, porém, inacessível sem uma escalada mais intensa e/ou escadas, portanto, não chegamos a acessar o local e não sabemos há ou não vestígios.



Rodeador 1: Vista geral e Painel I e II. Digitalização a partir das fotos.

Figura 13 Rodeador 1: vista geral do painel I e II e detalhe dos grafismos

A área de pesquisa envolve uma região de contato litogeomorfológico. Localiza-se no limite da borda oeste da Serra do Espinhaço meridional, abarcando a região dos municípios de Monjolos-MG e Diamantina-MG, contabilizando cerca de 360km quadrados. Essa área é recoberta por duas feições marcadamente distintas: o cráton sanfranciscano e a Serra (ou planalto³⁶) do Espinhaço. Esse contato marca diferenças e semelhanças importantes em termos de geologia, geomorfologia, clima e vegetação, que vão ser importantes para se pensar possibilidades de dinâmicas de ocupação na região.

De acordo com Batista *et al.* (1985), nessa zona, em contato direto com a Formação Macaúbas, ocorre uma certa ‘mistura’ na região mais limítrofe da serra do Espinhaço, em que os quartzitos conglomeráticos (ver a descrição da Formação Macaúbas), adquiriram fragmentos das rochas carbonáticas, formando uma área de contato com blocos classificáveis até como matacões.

Todos os sítios descritos acima fazem parte da ocupação de um mesmo maciço, conhecido atualmente como Serra do Cafundó. Trata-se de um maciço calcário da formação Lagoa do Jacaré, no limite leste dessa formação na região, em contato com a formação Macaúbas indiviso. O maciço tem cerca de 660 metros de altitude na parte mais alta, enquanto sua base está próxima da cota de 580 metros. O seu desenvolvimento se dá em sentido norte-sul, com uma linha de abrigos voltada para leste. Nessa face, estão todos os sítios conhecidos do maciço. Eles ocupam a baixa vertente (três deles, na parte mais a norte) e a média-alta vertente (três, na porção meso-sul). As áreas afloradas na parte mais a sul são um pouco mais altas, indicando uma diferença de relevo marcada no que tange o acesso aos sítios. Apesar de não haver nenhum sítio com acesso muito difícil (os acessos chegam a ser íngremes, mas não são demorados, normalmente em 20 minutos chegamos aos sítios, vindo do córrego do Varas), os sítios mais a sul tem um acesso mais íngreme, e os pisos dos sítios, por consequência, são mais restritos e a transição entre eles, mais seccionada e demorada. A Lapa da Ravina, está mais distante dos Rodeadores 4 e 5, com feições mais marcadas entre eles. Difícil avaliar como seria a transição de um local ao outro com uma mata ocupando os lugares que hoje são dominados pelo pasto alto, acredito que facilitaria a

³⁶ Saadi (1995)

visualização e o acesso, permitindo maior acessibilidade entre os lugares. Os sítios no geral compartilham temáticas geométricas (bastonetes, linhas, etc.) e a Lapa da Ravina e o Rodeador 4 a presença de grandes zoomorfos (cervídeos e peixes). Dentre eles, a tinta preta é também compartilhada, o que nos sugere uma associação entre os sítios. Resta-me agora uma análise técnica dos conjuntos, que será realizado na continuação dessa redação, para avaliar as relações de composição e gesto destas figuras.

Complexo da Lapa da Fazenda Velha

Mais a oeste, cerca de cinco quilômetros do maciço do Cafundó, temos o segundo grande complexo de sítios conhecidos na região. Essa área, apesar de compartilhar as condições geológicas e vegetacionais, possui uma disposição geral bastante distinta da área dos sítios da Serra do Cafundó. Indo pelo Rodeador, passamos pela mesma estrada, que nos conduziria de volta à sede de Monjolos, por alguns quilômetros, até nos depararmos com uma entrada no sentido noroeste. Seguindo por menos de cinco quilômetros, chegamos a uma área amplamente ocupada hoje por fazendas, em sua grande maioria com criações de gado. É de se esperar, portanto, que as áreas mais planas estejam amplamente ocupadas por pasto, o que efetivamente acontece, mas as áreas que estão em contato direto com os afloramentos mantêm uma vegetação arbórea, sem a invasão dos capins usados para a criação de bovinos. Assim, temos zonas, entre as partes planas, de afloramentos e mata mais densa. Nesse caso, e por consequência, preservam-se também pequenas nascentes, que se fazem sazonais e intermitentes atualmente.

No caso dos sítios arqueológicos que discutiremos aqui, o afloramento que os abriga tem um desenvolvimento quase norte-sul, com uma curvatura voltada para nordeste em sua parte setentrional, curvatura esta onde estão concentrados os abrigos que serão discutidos aqui. São cerca de três quilômetros de afloramento, chegando até a margem direita do rio Pardo Pequeno, com variações entre 600 e 800 metros de altitude. Infelizmente, só tivemos a oportunidade de caminhar em um trecho restrito do afloramento, na sua porção setentrional. Nesta, temos uma recorrência marcante da disposição do afloramento. Por volta dos 720 metros de altitude, temos a formação de uma linha de desnível, que dá porta para a formação de abrigos e cavernas de pequeno, grande e médio porte. Em consonância com esta formação, temos comumente rampas

de acesso que se constituem de blocos desabados e sedimento, assim como vegetação de médio e baixo porte. Os suportes, no geral, são mais bem conservados (em termos de processos erosivos e de condições gerais litológicas, que os tornam menos acamadados e foliados) do que os da área da Serra do Cafundó, fornecendo zonas mais homogêneas e constantes para a pintura. Apesar disso, existe uma constância na formação de tetos escalonados e paredes (com poucos metros de comprimento contínuo), o que faz com que existam vários ‘núcleos’ pintados que se distribuem pelos sítios.

Chegando pela estrada, estamos quase paralelos ao afloramento. Para nos aproximarmos, basta atravessar algumas centenas de metros de pasto, em um declive suave. No caso dessa área, os sítios conhecidos estão dispostos contornando o afloramento. Chegamos pela sua porção leste e caminhamos para oeste. Após caminhar pelo pasto, chegamos ao afloramento e ao primeiro local de evidente interesse arqueológico.



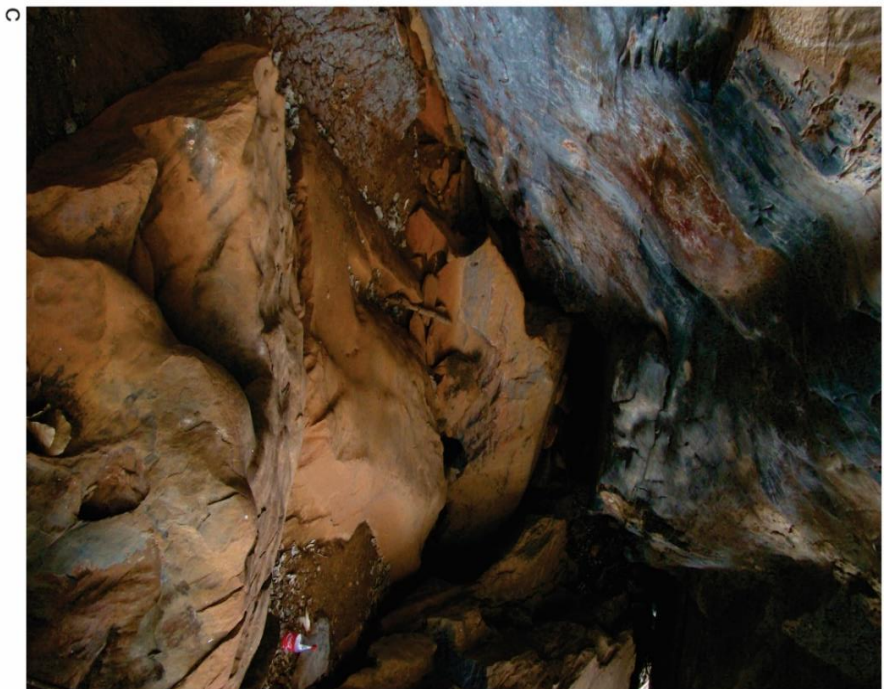
a



b

Maciço da Lapa da Fazenda Velha. A, vista frontal do sítio Lapa da Fazenda Velha; b, vista do afloramento sentido nordeste-sudoeste (Lado da vertente no qual este sítio se situa).

Figura 14 Maciço da Lapa da Fazenda Velha



Lapa da Fazenda Velha. Figura a, vista a partir de nordeste; b, vista para o painel X; c, vista a partir de sul, notar o suporte gravado em frente ao painel X.

Figura 15 Lapa da Fazenda Velha: vista geral do sítio.

Uma Lapa, conhecida como **Lapa da Fazenda Velha**, de cerca de trinta metros de comprimento, com cerca de quatro metros de altura, e cinco metros de profundidade, com abertura para leste. A lapa, apesar de razoavelmente extensa, tem uma área de fluxo restrita, a parte norte possui grandes blocos caídos que restringem um pouco a movimentação, e o mesmo em sua parte sul, onde um conjunto de blocos formam uma ‘parede’ em frente à parede do afloramento. Esse conjunto de blocos abriga parte importante dos grafismos do sítio, em diversos nichos, tetos e paredes. Em consonância com essa área de blocos, o teto do abrigo se estende em harmonia com os mesmos, ‘estendendo’ os painéis para seu teto e espelhos. Na parte centro-norte, existem alguns blocos no chão, que abrigam também gravuras, assim como a parede a sua frente. O abrigo oferece um piso sedimentar bastante conturbado com a constância dos blocos caídos, mas que permite, em especial na área central, locais com maior homogeneidade.

Para a descrição mais detalhada desse sítio, estou em diálogo direto com Dias (2017), que versou sua monografia sobre a Lapa da Fazenda Velha. Foram descritos dezessete painéis para a Lapa, que se distribuem entre paredes, blocos sub-horizontais, tetos. Dentre todos estes painéis, a Lapa agrega uma intensidade grande de pinturas e gravuras, em contraste com o restante da região cárstica de Monjolos. São centenas de grafismos, com painéis exclusivos de pinturas e de gravuras e de ambas juntas em um mesmo suporte, em sobreposição. Os grafismos, em sua abundância, dialogam intensamente com os sítios da região. Dentre antropomorfos, zoomorfos, bastonetes, alinhamentos de pontos, há grande compartilhamento dos temas entre as diversas tintas e técnicas. Irei discutir mais à frente a associação dos temas e a sua diversidade intra e intersítios na região.

O sítio apresenta uma intensa ocupação gráfica que perpassa uma diversidade de formas de composição. São cervídeos chapados (gravados e pintados), cervídeos compostos em um esquema de traços que formam contorno e preenchimento (ambos os jeitos de se fazer aparecem com grandes galhadas), aves alongadas (pintadas e gravadas), círculos, agrupamentos de pontos, conjuntos de bastonetes mais compridos e mais reduzidos, outros pequenos quadrúpedes chapados.

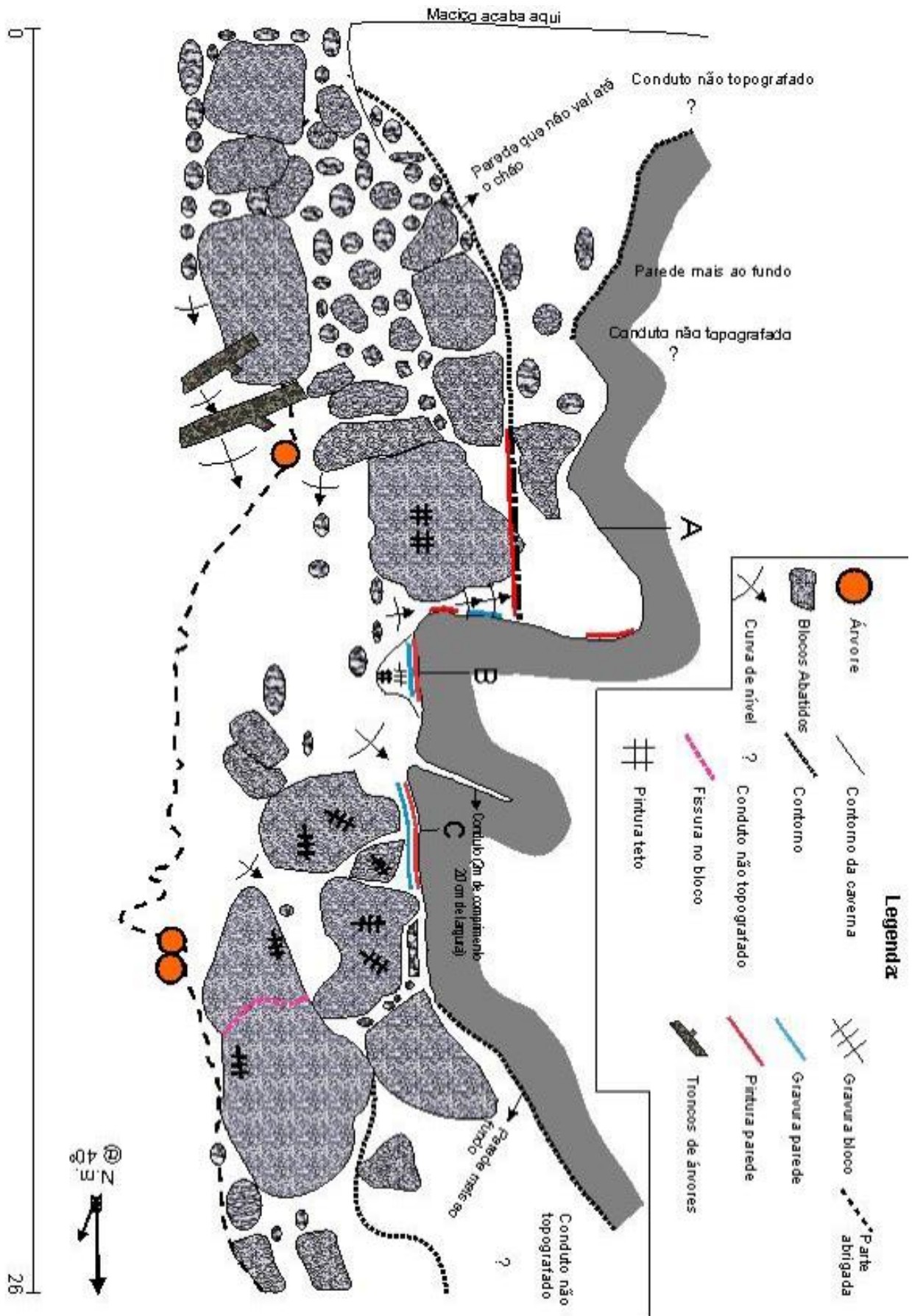
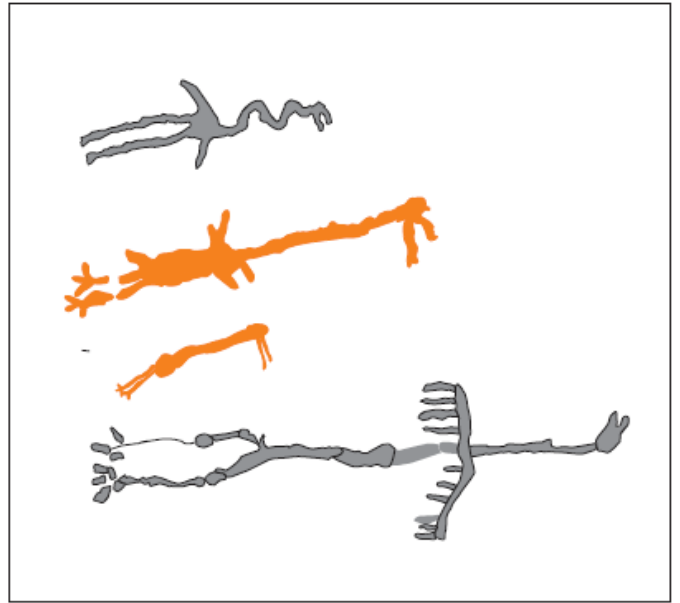


Figura 16 Croqui Lapa da Fazenda Velha, extraído de Dias (2017).



Aves feitas em Laranja (Painel I0) e Gravadas (Painel X)



Cervídeos em Ocre (Painel I0) e em Vermelho Marrrom (Painel I0)



Círculos feitos em Marrrom (Painel Ia), em Vermelho Vinho (Painel VI), em Vermelho Brilhante Ralo (Painel I0) e Gravado (Painel XIV - bloco)



Figuras feitas de pontos acompanhados de traços em Marrrom (Painel Ia e Painel VI) e em Ocre (Painel I0)

Figura 17 Conjunto de temas recorrentes Lapa da Fazenda Velha. Extraído de Dias (2017)

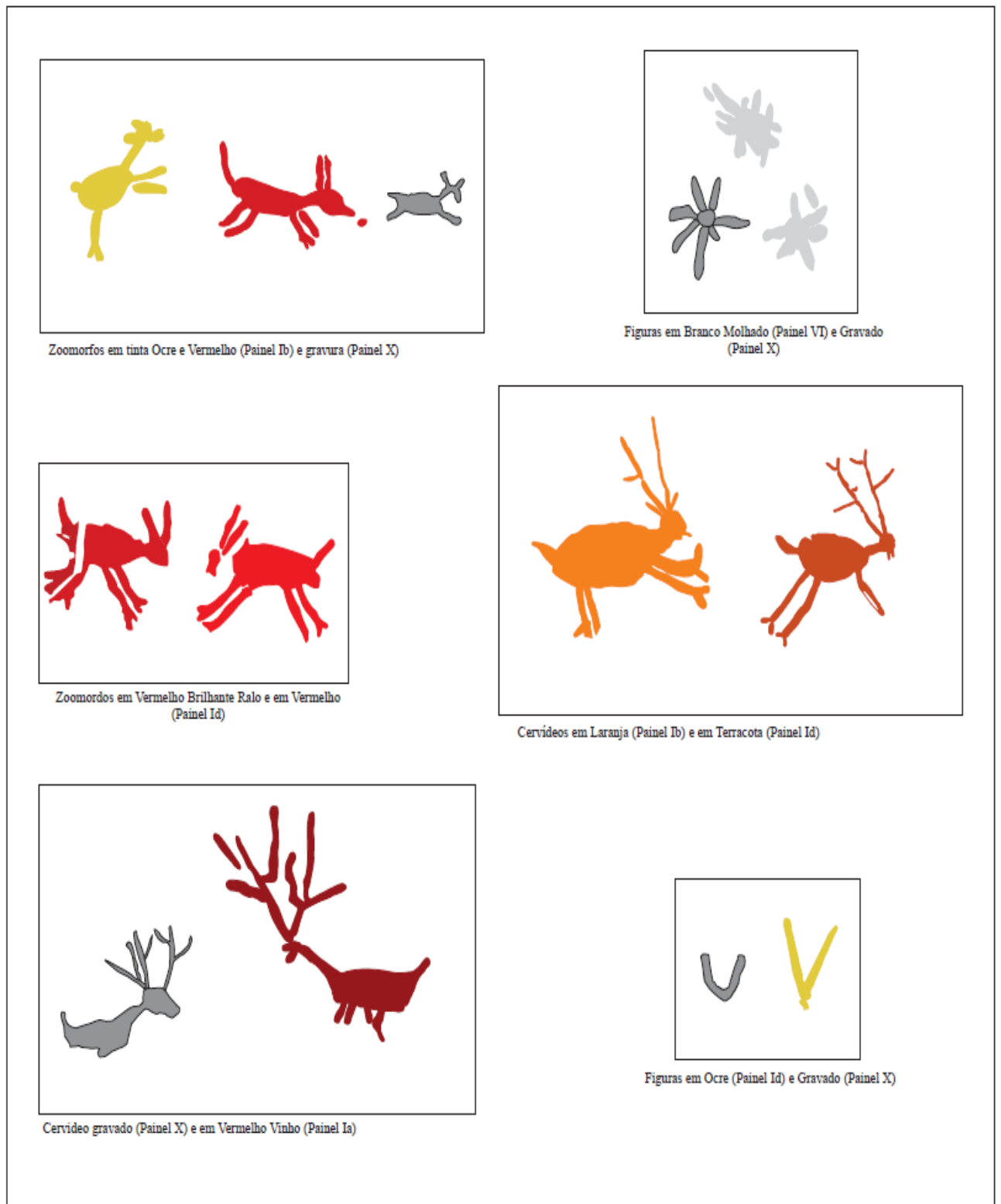


Figura 18 Lapa da Fazenda Velha: variação de temáticas zoomórficas e geométricas



Figura 19 Painel Ia, Lapa da Fazenda Velha.



Figura 20 Painel X, Lapa da Fazenda Velha. Extraído de Dias, 2017



Figura 21 Painel X, Lapa da Fazenda Velha. Extraído de Dias, 2017

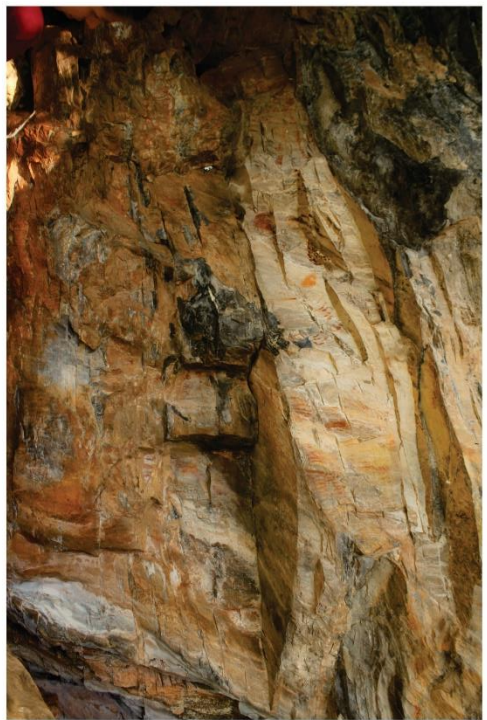
Seguindo rumo a norte, chegamos à extremidade do afloramento após algumas centenas de metros, ainda navegando por dentre a mistura de áreas de pasto e de mata, em um terreno que permite uma vegetação mais fechada, entremeada de blocos de calcário de diversos portes (de matacões a pequenos blocos centimétricos), que estruturam todo o maciço. Chegando em sua extremidade setentrional, nos voltamos para oeste, seguindo sua linha de afloramento mais altos, que habilitam a existência de cavernas e abrigos. Esta área está próxima de diversas fazendas, como a de Seu Mauro, que nos guiou até diversos dos sítios conhecidos. Optamos por, além de ir diretamente aos sítios, caminhar em possíveis acessos entre eles, por isso, a opção de caminhar da Lapa da Fazenda Velha até os sítios no mesmo afloramento.

Após cerca de um quilômetro de caminhada a partir da Lapa da Fazenda Velha, após passar um pequeno trecho em que o afloramento perde as grandes proporções e se torna menos verticalizado, voltamos a uma área em que os calcários formam grandes abrigos, e chegamos a dois deles que são de nosso interesse. Estes abrigos estão lado a lado, a cerca de quinze metros de distância. Trataremos ambos, mantendo a nomeação dos sítios dada anteriormente, como **Salobo 1 e 2**. Para fins de pesquisa, acredito que a separação dos dois abrigos como ‘sítios arqueológicos’ diferentes é ineficaz, por isso, tratarei de ambos como um único sítio (Salobo 1-2). A topografia, porém, foi realizada em separado, devido a questões de logística.

O primeiro deles (**Salobo 1**), mais a leste, exige uma pequena subida, em uma rampa sedimentar com blocos centimétricos e métricos, que nos proporcionam diversos degraus que facilitam a subida. Ao chegar ao pé do afloramento rochoso, nos deparamos com um abrigo voltado para noroeste, em que se forma uma cornija de alguns metros de altura (cerca de sete) sem ocupação rupestre, mas que fornece uma área com alguns blocos no chão e com um abrigo de poucos metros de comprimento (por volta de cinco). Ao lado, a leste, chegamos a uma curva, que adentra o maciço, que está delimitada em sua parte interior por um bloco que se descolou do afloramento, formando uma pequena fenda, e um suporte que nos permitiu subir e atingir níveis mais altos em relação ao solo. Essa parte do maciço segue as mesmas medidas descritas anteriores, com exceção da área abrigada que é mais restrita. O bloco caído possui dimensões métricas e está bem consolidado no local que habita atualmente. Na face voltada para noroeste (majoritariamente) e na face que adentra o afloramento (voltada para sudoeste), existem grafismos que ocupam tetos e possivelmente paredes, sendo eles, basicamente,

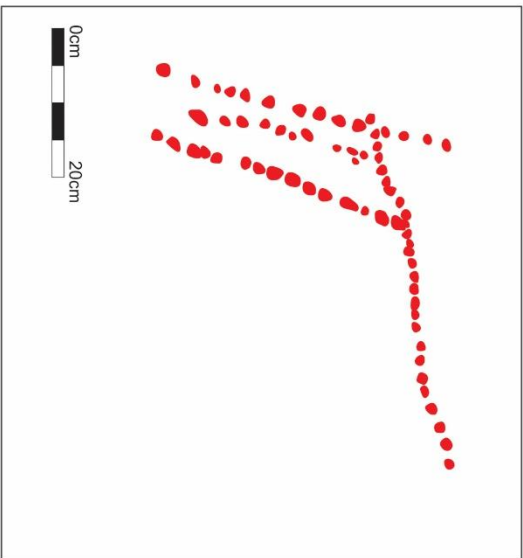
conjuntos de bastonetes (entre três e dez bastonetes sequenciais) e alinhamentos de pontos, que tendem a ser lineares, mas havendo também um deles curvilíneo, além de se cruzarem e formarem ângulos retos. Ao todo, são cerca de vinte grafismos (considerando os conjuntos de pontos e bastonetes como uma única figura). Apesar da disponibilidade dos tetos, pouco há de grafismos nos mesmos; identificamos possíveis vestígios, porém sem grande certeza de sua construção antrópica. Não parece haver uma segregação marcada entre os grafismos, porém, os bastonetes ocupam as partes mais altas entre o limite do meu alcance (considerando minha altura somado ao comprimento dos braços, cerca de dois metros e vinte centímetros) e zonas mais altas. Nesse sítio, diferente dos outros descritos até então, há uma ocorrência de um conjunto de bastonetes associados a um traço perpendicular, o que é conhecido em algumas definições como “pentes”– nesse caso, são bastonetes mais finos e longos (cerca de quinze-vinte centímetros de comprimento e um centímetro de largura).

As tintas são basicamente vermelhas, com algumas variações de cor, que possivelmente são fruto de processos erosivos. De todo modo, duas tintas parecem se distinguir mais claramente: um vermelho vivo, homogêneo, que faz boa parte dos bastonetes; um vermelho amarronzado, mais ralo, também homogêneo, que faz uma das figuras de linhas de pontos. Para além das cores vermelhas, há alguns vestígios de figuras em preto, mas de difícil identificação.



Vista frontal do sítio Salobo 1

Figura 22 Vista frontal sítio Salobo 1



Grafismos Sítio Salobo 1,
Monjolos-MG



Figura 23 Grafismos Sítio Salobo 1.

Continuando nossa caminhada para sudoeste, cerca de trinta metros, chegamos ao conhecido **Salobo 2**. Este, um abrigo de cerca de trinta e cinco metros de comprimento e cerca de doze metros de altura, com uma cornija de poucos metros de desenvolvimento. Possui um piso em dois patamares irregulares, sendo o mais alto e mais plano, repleto de blocos e sedimento. Quase em seu centro, há uma pequena reentrância, que dá lugar a um bloco inclinado, que mergulha no chão, e que está repleto de grafismos. Suas paredes são bastante deslaquetadas e intemperizadas, com uma intensa cobertura negra (possivelmente fuligem?) que recobre boa parte da rocha. Há muitos escorrimentos e depósitos de calcita. Essa intensa modificação parece ter ocasionado sérios impactos às pinturas.

Atualmente, o sítio é um ambiente bastante hostil à nossa presença, devido às grandes caixas de abelha que se perpetuam há alguns anos no local. Conseguimos apenas em um dos campos nos aproximar das gravuras e pinturas, ao fim do dia, com roupa de apicultor. O abrigo é sereno, amistoso, e nos traz uma bela vista do por do sol. Apesar de agradável, seu espaço de ocupação é restrito, especialmente em termos de cobertura de sol e chuva.

Quanto aos grafismos, temos uma coerência formal interna ao sítio, e em grande medida com os outros sítios regionais, ocupação de suporte e posição relativa: primeiramente as pinturas estão todas localizadas nas paredes, em sua extensa maioria, bastonetes, que ocupam a parede orientados paralelamente, e se agrupam em conjuntos entre quatro e dez. Em alguns casos, assim como no Salobo 1, há ‘pentes’, porém, com menor quantidade de bastonetes (variando entre quatro e sete, em oposição aos quatorze do Salobo 1) e com a inserção de novos traços entre eles, de cor distinta, formando uma figura bicrômica.

As cores são uma questão séria para esse sítio. O alto índice de processos erosivos faz com que as cores sejam muito variadas. Os amarelos parecem poder ser vermelhos, os vermelhos amarelos, os pretos idem. A apresentação de tintas das paredes é muito diversa e muito distinta do restante dos sítios. Apesar disso, é possível distinguir vermelhos, amarelos e pretos, mas sem grandes caracterizações.

Já as gravuras compartilham sua existência apenas com a Lapa da Fazenda Velha. Diferente desta, as gravuras estão apenas em dois blocos sub-horizontais, no chão. O compartilhamento temático é evidente: círculos, antropomorfos, alguns círculos

radiados, biomorfos alongados, somando cerca de quarenta figuras. Além da semelhança formal, os aspectos técnicos parecem ser compartilhados, o que será discutido no capítulo seguinte.

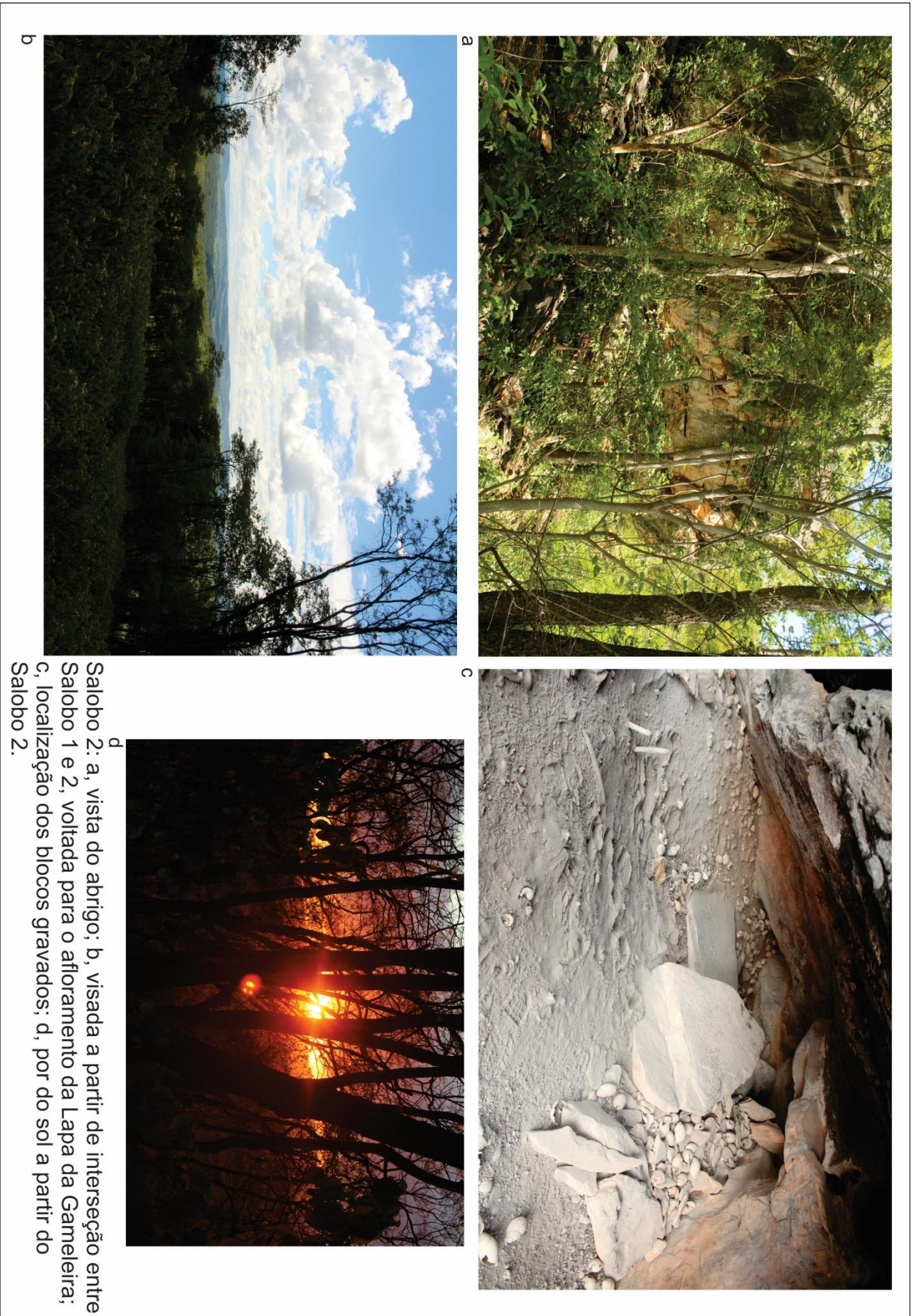
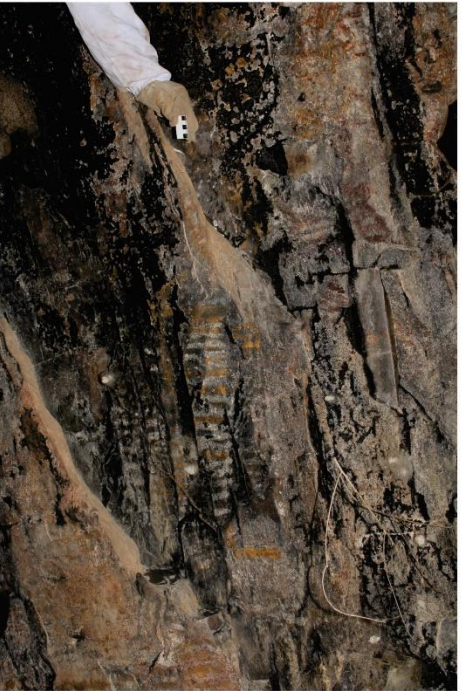
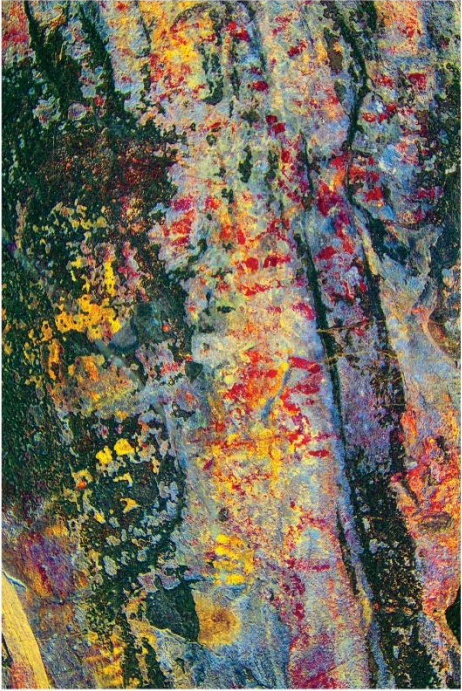


Figura 24 Informações gerais sobre Salobo 1 e 2.



Grafismos Sítio
Salobo 2,
Monjolos-MG

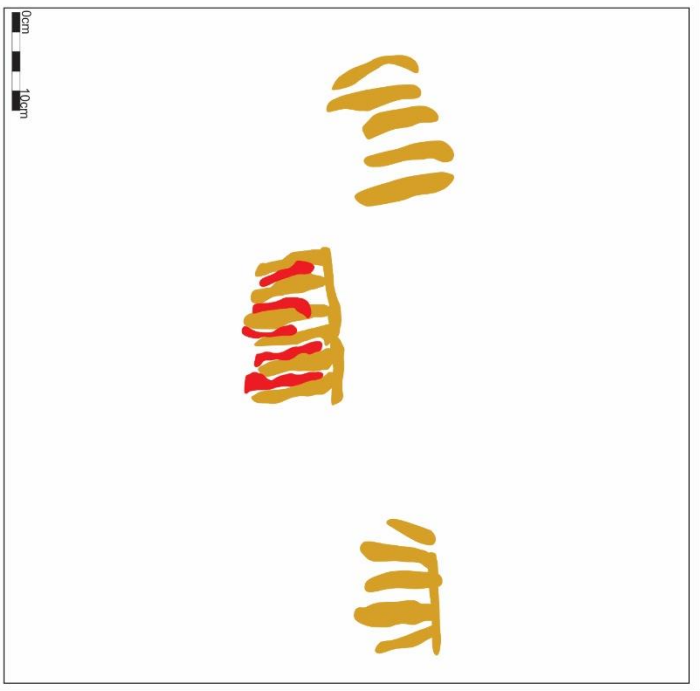
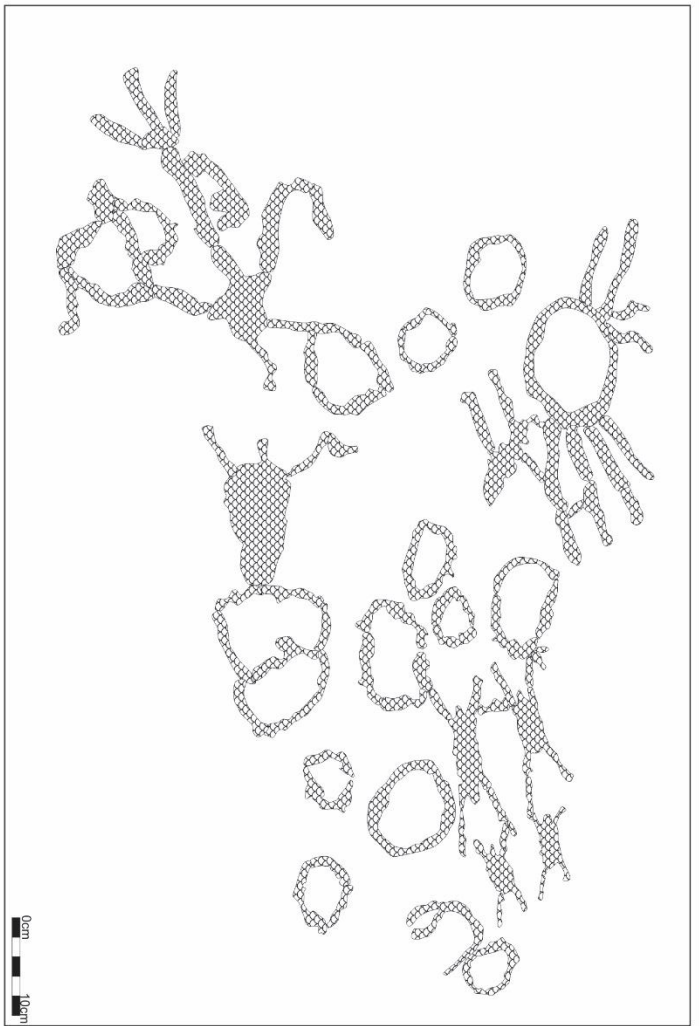


Figura 25 Grafismos sítio Salobo 2.



Figura 26 Vista Geral do Maciço da Lapa da Fazenda Velha, face onde se localizam Salobo 1 e 2.

Lapa da Gameleira

Trata-se de uma pequena lapa calcária, inserida na Formação Lagoa do Jacaré, com dimensões aproximadas de nove metros de comprimento por sete metros de profundidade e 1,70m de altura, com abertura sudoeste-nordeste. localiza-se em uma zona de cerrado, em um afloramento de pequenas proporções, sem grande visibilidade à distância (após cerca de 300 ou 400m). Vindo de nordeste, sua parede é sub vertical, côncava, formando um arco que é responsável por quase toda a área do sítio. Há uma descontinuidade mais a sul na parede (um ângulo mais agudo) que produz uma convexidade, formando a parte restante do abrigo, que possui gravuras, em uma parede vertical mais restrita. Voltando de sudoeste para nordeste, temos um grande bloco sub-horizontal mergulhando para nordeste, quase totalmente gravado, e em contato com este tem-se um conjunto de blocos alinhados com a cornija, adentrando alguns metros para a parte abrigada do sítio. O piso é sedimentar, com presença de blocos maiores, como os citados acima, além de seixos e blocos de menores proporções (próximos de 50 cm). A

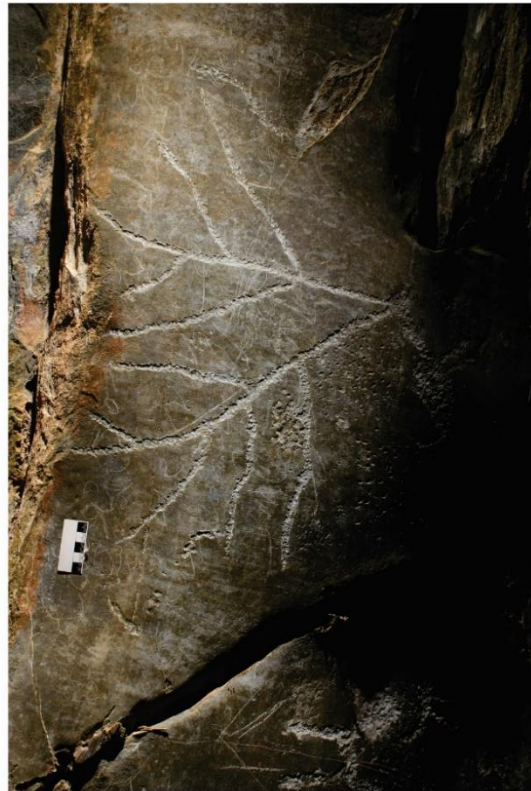
sul, é possível perceber que parte do sedimento e blocos recebidos pelo abrigo vêm de um pequeno cone de dejeção da parte superior do afloramento.

Foram divididos seis painéis, partindo de sudoeste, a partir da parte inferior da parede, subindo-a e caminhando para norte. O critério utilizado é o de divisões morfológicas internas ao suporte. Cada diáclase ou marco afim que construísse um rompimento na continuidade do suporte foi usado enquanto elemento delimitante dos painéis. Temos portanto o Painel I, II e III alocados uns sobre os outros de baixo para cima, mais a norte desses, o painel IV, próximo ao centro do abrigo, onde a calcita esparramou-se pela parede, que aqui adentra o maciço, formando um nicho com suportes laterais, em U. O painel V estende-se do fim desse nicho até o limite final da parede e, por fim, o P. VI está localizado acima do painel V.

Depois da Lapa da Fazenda Velha, é o sítio com mais figuras conhecido na região. São cerca de uma centena de grafismos gravados, em que a temática dos cervídeos é muito numerosa e visualmente dominante, associada com formas geométricas e antropomorfos, sendo o último muito pouco numeroso. O suporte é bastante homogêneo, com exceção da parte mais baixa, que parece ter sido mais impactado por intempéries. É corriqueira a presença de depósito de calcita e ‘manchas’ que provavelmente são oriundas de exudações, que por vezes atingem as gravuras. Percebe-se uma diversidade técnica e aparentemente de instrumentália utilizada na realização dos mesmos. Há conjuntos com picoteamentos muito adensados, pouco adensados, mais profundos e menos profundos, picotes maiores e menores, com formatos mais arredondados ou lineares. É comum em algumas figuras que os relevos internos das mesmas estejam mais homogeneizados, pois com o processo de picoteamento pequenas plaquetas parecem terem sido retiradas, fazendo com que o formato do picote sumisse, e em partes das figuras, zonas mais homogêneas e maiores aparecessem (conforme descrito também em Alcantara, 2015). Corriqueiro em alguns dos painéis (em especial no Painel III) haver picotes ‘soltos’ pelo suporte, criando ‘nuvens’ de pontos no entorno das figuras.

Os cervídeos, no geral, são feitos com um corpo todo preenchido (não há linha de contorno), com quatro membros sem grandes detalhes anatômicos (são basicamente segmentos lineares), a cabeça varia entre um formato ovalado ou, em que dois segmentos dão um formato que nos dá a impressão de uma ‘boca aberta’ (Prous, Baeta e

Rubbioli, 2003). O que mais se destaca são as galhadas: costumam ser superdimensionadas em relação ao corpo (as vezes do mesmo tamanho dele ou até maiores), muito ramificadas. Em um dos casos, as orelhas, sem galhadas, são menores e mais arredondadas.



Lapa da Gameleira: Visão geral da lapa e detalhes das gravuras que ocupam suas paredes.

Figura 27 Lapa da Gameleira: visão geral da Lapa e detalhes das gravuras.

IV. CAPÍTULO QUARTO: ANÁLISES DOS GRAFISMOS E DA PAISAGEM

Tendo em vista as características dos conjuntos da região de Monjolos e as questões levantadas durante esta dissertação no que tange as áreas no entorno que são passíveis de comparação, optei aqui por fazer uma análise sequencial e em grande medida, dialética.

Optei por fazer uma discussão que englobe todos os conjuntos gráficos que foram feitos nos sítios, discutindo as gravuras, pinturas, e em grande medida, realizando comparações com outros conjuntos regionais que se assemelham ou se diferem de Monjolos, considerando em especial as regiões em que a Tradição Planalto fora caracterizada.

Entendo que a formação e delimitação das Tradições no Brasil partiu, majoritariamente, de uma inicial segregação técnica, que por ventura teve respaldos em outros critérios analíticos, como a temática, escolha de suportes, etc (Prous, 1992; Gabriela Martin, 2013). Pretendo aqui pôr em discussão essas formas de classificação e estabelecer um diálogo sobre esta separação na região de Monjolos. Uma vez que os conjuntos da região (pelo menos parcialmente) se inserem em uma discussão de maior longevidade em especial sobre a Tradição Planalto e São Francisco, me pareceu fundamental que fosse levado em consideração estas pesquisas e seus resultados e quais seriam as possibilidades de diálogos com outros núcleos de grafismos, como Lagoa Santa, Diamantina, Serra do Cabral e Jequitaiá. Não esgotarei as comparações, assim como não irei dar conta de lidar com todas estas regiões, porém, é um processo inicial de diálogo. Nesta dissertação, o foco será comparar com os conjuntos de Diamantina.

Assim, após as comparações dos conjuntos, pretende-se uma análise paisagística, levando em consideração as ponderações sobre os sítios e os grafismos, discutindo possibilidades de relação espacial de ocupação e na medida no possível, comparações com as inserções dos mesmos com a região diamantinense³⁷.

³⁷ Esta área foi escolhida dentre as outras por conter trabalhos específicos voltados para análises paisagísticas, que nos nutre com dados sistematizados sobre características dos sítios e organização espacial (ver Linke, 2008).

O universo gráfico

A Região de Monjolos possui, de início, uma distribuição de sítios que se estrutura de maneira a estabelecer núcleos em microescala. Como é possível perceber no formato proposto para a descrição, parte dos sítios são próximos e formam unidades escalares delimitadas por elementos de relevo, com exceção da Lapa da Gameleira, que se insere em um afloramento distinto. Dentre todos os sítios da Serra do Cafundó, nenhum apresenta conjuntos de gravuras, apenas no Rodeador 5 aparecem algumas incisões no Painel I. Já os sítios da região do afloramento da Fazenda Velha, tanto a Lapa da Fazenda Velha quanto o Salobo 2, possuem conjuntos de gravuras e pinturas. No caso mais radical, do primeiro, as pinturas e gravuras compartilham porções expressivas dos suportes e interagem diretamente (com sobreposição). No restante dos abrigos pintados desta área, as pinturas são exclusivas.

O caso da Lapa da Gameleira é um desvio em termos de inserção e de conteúdo gráfico, considerando apenas a técnica, por se tratar do único abrigo que contempla apenas gravuras, com um modelo de inserção na paisagem bem distinto dos demais. Mas ainda saberemos, no decorrer deste capítulo, se se trata também de um desvio estilístico.

Começaremos por onde couber. Gostaria de começar discutindo os sítios mais intensamente pintados, para então estender o diálogo aos mais restritos em termos de grafismos. Porém, para discordar da minha própria escolha, não começarei pela Lapa da Fazenda Velha, e sim pelos sítios com maior expressão gráfica seguintes. Antes, um panorama e impressões gerais que compõem minha percepção de todos os sítios.

Como já dito, os sítios parecem ter preferências temáticas marcadas, apesar de vários deles terem a presença de vários temas distintos, mas que aparecem em lugares específicos e em quantidades específicas. As pinturas zoomórficas são marcantes nos sítios em que aparecem (Lapa da Fazenda Velha, Lapa da Gameleira, Rodeador 4, Lapa da Ravina), mas não são dominantes na primeira, por exemplo e dividem o espaço com certo equilíbrio na segunda. Tendem a ocupar grandes espaços nos painéis - o que não

quer dizer necessariamente que existam muitas figuras, mas que também podem ser figuras compridas e largas³⁸.

São raros os sítios em que as figuras zoomorfas aparecem em áreas muito restritas ou de baixa visibilidade direta³⁹, o que não ocorre para as figuras geometrizadas, em que há uma maior fluabilidade na escolha dos suportes: há painéis bastante visíveis (inclusive compartilhados com as figuras zoomórficas), e painéis com visibilidade indireta (espelhos, tetos, pequenos nichos, e áreas angulosas e áreas facilmente obstruídas por outros elementos do suporte).

Os geométricos, ao contrário, tendem a ter tamanho reduzido (cinco a vinte centímetros, no geral)⁴⁰ e ocupam diversas áreas de espaço restrito nos suportes. A pequenez dos nichos e as restrições de áreas por variações de relevo e forma dos suportes não aparecem como grandes limites à inserção destas figuras, que parecem se ajustar aos suporte apresentados, facilitando os ‘encaixes’. A exceção à regra, mais uma vez, é a Lapa da Fazenda Velha, que possui grandes painéis quase inteiramente ocupados por grafismos geometrizados de grande porte.

Os grupos autores destes grafismos, tenderam, no meu entendimento, a separações espaciais dos conjuntos temáticos. As figuras zoomórficas e geométricas tendem em sua maioria a ocupar espaços distintos dentro do sítio. Evidentemente, essa separação não é total e é constante a relação entre as figuras nos suportes, mas os painéis tendem a ser seccionados, em termos de espaço ocupado e em termos quantitativos. Esse dado é restrito a alguns sítios da amostra, quando se considera que parte importante deles (cinco, do total) possuem apenas figuras geométricas ou zoomórficas (Salobo 1 e 2, Lapa da Ravina, Rodeador 1 e 2).

No geral, alguns sítios (Rodeador 4, Lapa da Ravina em especial) dão grande ênfase nas pinturas zoomórficas, como dito acima, escolhendo pintá-las grandes, em lugares

³⁸ Posso citar por exemplo, o contraste entre o Rodeador 4 e a Lapa da Gameleira. A primeira, em termos quantitativos, possui mais figuras geométricas, porém as figuras zoomórficas tendem a ser bem maiores em termos de tamanho, e ocuparem longos trechos contínuos dos painéis, enquanto a segunda é ocupada intensamente por figuras de pequeno porte, mas que povoam e preenchem as paredes com grande continuidade, entremeadas por figuras geometrizadas.

³⁹ O sítio Rodeador 4, possui um painel de figuras zoomórficas na sua parte externa e um painel em uma cavidade superior. Ressalto que apesar da limitação de visualização das figuras da cavidade de fora da mesma, quando a adentramos, não há obstruções para enxergá-las com clareza.

⁴⁰ Com exceção dos grafismos geométricos da Lapa da Fazenda Velha, que em contraste com a maioria dos outros sítios, possui figuras grandes, que ocupam painéis mais amplos de áreas homogêneas mais extensas.

visíveis, mais homogêneos. Apenas em dois casos os painéis são comunitários (na Lapa da Fazenda Velha e Lapa da Gameleira), sendo que, no primeiro, outros grafismos (geométricos e antropomorfos) são quantitativamente mais abundantes – em especial os geométricos – e tendem a ter uma estrutura que beneficia a dominância destas figuras⁴¹.

Rodeador 1, 2, 5, Salobo 1 e 2

Para tratar das pinturas, irei falar inicialmente dos sítios menos povoados em termos gráficos, para então chegar aos sítios que abarcam uma diversidade e intensidade maior de grafismos. Esta escolha é exatamente em busca de uma organização que facilite o estabelecimento de coerência interpretativa entre os conjuntos, tendo em vista a quantidade de sítios em análise. Consideraremos, de início, os sítios Rodeador 1, 2, 5 e Salobos 1 e 2.

Juntos, abrigam cerca de quarenta e seis figuras pintadas⁴², considerando os conjuntos de bastonetes e pontilhados como figuras únicas – em uma contabilização individualizando cada um dos bastonetes e pontos, temos cerca de 481 figuras, porém essa contagem é altamente problemática, pois gera uma grande impressão de sítios altamente ocupados, quando na verdade não o são. Entendo aqui que os conjuntos de cada uma das formas citadas são unidades gráficas, e que devem ser contabilizadas como tal. Assim como não considero que cada um dos traços de uma figura zoomórfica é uma figura individualizada, não considero aqui que estas figuras geometrizadas devam ser desmanteladas em unidades menores. Entendendo aqui que o bastonete se apresenta em conjunto. A idéia da unidade do bastonete individualmente me parece dúbia. Ao mesmo tempo, como seria possível qualificar um traço como bastonete ou outra coisa? Aqui assumo a idéia de bastonete enquanto parte do conjunto.

Assim, dentro das quarenta e seis figuras, temos majoritariamente conjuntos de bastonetes, seguidos de conjuntos de pontos e dígitos, ‘pentes’ e por fim uma única figura biomorfa (Rodeador 5). Em termos técnicos, as figuras variam pouco: no geral os

⁴¹ Essa afirmação é contraditória. Quando falo em dominância, quero dizer que a minha impressão para o conjunto dos painéis e a sua organização parece se voltar principalmente às figuras geométricas em alguns casos, e às antropomorfos/biomórfas em outros. Diferente dos grandes painéis de zoomorfos da Lapa da Ravina e do Rodeador 4.

⁴² O Salobo 2 possui, ainda, cerca de cinquenta figuras gravadas.

bastonetes são feitos com um ou dois traços sobrepostos, sendo difícil estabelecer a direção gestual utilizada (se de baixo para cima ou de cima para baixo, por exemplo) devido às condições de conservação dos painéis. As espessuras são condizentes com traços entendidos recorrentemente na bibliografia como feitos com os dedos. Ocupam especialmente paredes, homogêneas ou não, e há também ocorrência em concreções (Rodeador 1 e 5). Ressalto aqui que as pinturas que foram feitas em concreções são exclusivamente conjuntos geométricos. Estes suportes, apesar de apresentar concreções, reentrâncias e relevos pouco favoráveis, estão sempre em áreas de alta visibilidade dos sítios, o que não faz com que as pinturas necessariamente o sejam, uma vez que seu tamanho e ‘encaixe’ nas formas dos painéis muitas vezes as tornam discretas à distância. Apesar disso, a escolha por painéis de fácil visualização nos sítios é comum.

Assim como entre quase todas as outras figuras destes sítios as sobreposições são incomuns, dificilmente as identificamos, e quando elas parecem existir, estão em trechos dos suportes em que a intensidade dos processos tafonômicos é alta, ocasionando uma certa dificuldade na leitura dos traços, movimentação de pigmento e, conseqüentemente, da própria sobreposição. Interessante que, nos sítios em que a maioria dos grafismos são geometrizados, isso ocorra. O mesmo acontece no Rodeador 4 e na Lapa da Fazenda Velha, onde os painéis ocupados principalmente por grafismos geométricos tendem a evitar sobreposições entre si. O mesmo não é verdade entre geométricos e zoomorfos, mas será explorado a seguir.

Os conjuntos de pontos e dígitos aparecem de formas distintas. Existem conjuntos que me parecem ser organizados de formas lineares⁴³, que se concentram no sítio Salobo 1, assim como na Lapa da Fazenda Velha, e outros que tendem a seguir organizações menos padronizadas, com traços oblíquos, paralelos, lineares, em franca mistura, aparecendo no Rodeador 1 e 2.

Os pentes são divididos entre a recorrência da técnica de pintura com dedo e crayon – dois conjuntos, um no Rodeador 5 (painel II) e outro no Salobo 1 (painel único). Eles não são tão abundantes – cerca de sete conjuntos, no total –, mas aparecem em três dos sítios (Rodeador 5, Salobo 1 e 2). No primeiro, aparecem dois conjuntos em preto e

⁴³ Ver Figura 19. O mesmo ocorre na Lapa da Fazenda Velha, que será discutido adiante.

crayon (ver Figura 8), nos últimos, são conjuntos feitos em vermelho e amarelo (e em bicromia), possivelmente pintados com o dedo (Figura 23, Figura 25).

Estas figuras, como dito acima, ocupam suportes heterogêneos. Além disso, a sua ocupação é fluida entre pequenas alterações de relevo que os suportes possuem. É comum, por exemplo, que bastonetes que se iniciam em uma área do suporte, caminhem e se estendam passando por ‘degraus’ naturais do suporte rochoso, assim como aproveitam superfícies curvas para povoar de traços, por exemplo.

Considerando as gravuras do Salobo 2, tem-se uma semelhança grande com os outros sítios com suportes sub-horizontais gravados (Gameleira e Faz. Velha), que é a presença por todo o suporte de círculos, ora com ramificações, ora com algum outro segmento no seu interior, não havendo, porém, círculos concêntricos, como é comum nas outras lapas. Outra diferença é a presença de quatro biomorfos (que muito se assemelham a uma das formas mais recorrente de antropomorfos na região) associados, que se tocam por seus membros e por um ‘elemento de ligação’ conforme (Silva, 2002).

Rodeador 4

O sítio Rodeador 4, conforme já descrito, possui dois patamares, em que há um painel único no patamar externo e dois painéis no patamar superior. O painel único é constituído basicamente de figuras zoomórficas, sendo três cervídeos, dois peixes e uma ave. Dos cervídeos, dois deles são vermelhos e um preto. Em termos morfológicos e técnicos, eles muito se assemelham a figuras do contexto Diamantinense, em especial a figuras do segundo e terceiro momentos já descritos acima (em especial com o último). As figuras são feitas com conjuntos de traços, que formam o corpo, com contorno bem delimitado, formas de cabeça, orelhas e patas bastante semelhantes às dos conjuntos diamantinenses. Os preenchimentos tendem ou a padrões geometrizados, com traços formando uma miríade de formas anguladas (próximas a quadrados e retângulos) ou a linhas paralelas/semi-paralelas às linhas que delimitam o contorno.



Figura 28 Comparação entre cervídeos do Voador Sul e Rodeador 4.

Para além dos cervídeos, temos dois pisciformes, de difícil entendimento. Suas formas são também, a priori, muito parecidas com as figuras encontradas em Diamantina e arredores, mas precisar seu formato e forma de construção é difícil. Porém, em termos gerais, são figuras ovaladas, com uma das extremidades mais arredondada, cujo preenchimento parece seguir o maior eixo do corpo. São feitas em vermelho, e uma delas em sobreposição direta com um dos cervídeos.

Por fim, a 'ave' do painel também está em condições de visualização muito ruins, sendo muito difícil precisar seu formato e detalhes de composição. Ela é a figura mais baixa do conjunto, em vermelho.

Em termos gerais, como já discutido para o conjunto de sítios anteriores, o Rodeador 4 também se enquadra em um modelo de escolha de suportes, em partes. A escolha dos suportes em termos de visibilidade me parecem ser as mesmas. É um painel bem visível de dentro do sítio e de uma certa distância do suporte. Atualmente a visão à distância é bloqueada pelo que foi deixado da vegetação mais alta que recobre toda a entrada do sítio. Assim como para os outros sítios, esse painel é ocupado apenas com figuras zoomórficas, em um contexto de um suporte com áreas homogêneas mais amplas (capazes, ao menos, de abarcar as figuras inteiras). Exceção, dentre o universo de sítios, é o seu acesso e altura. Este é o local pintado mais alto dentre os sítios conhecidos, com acesso mais difícil, exigindo uma pequena escalada e uma postura corporal pouco confortável.

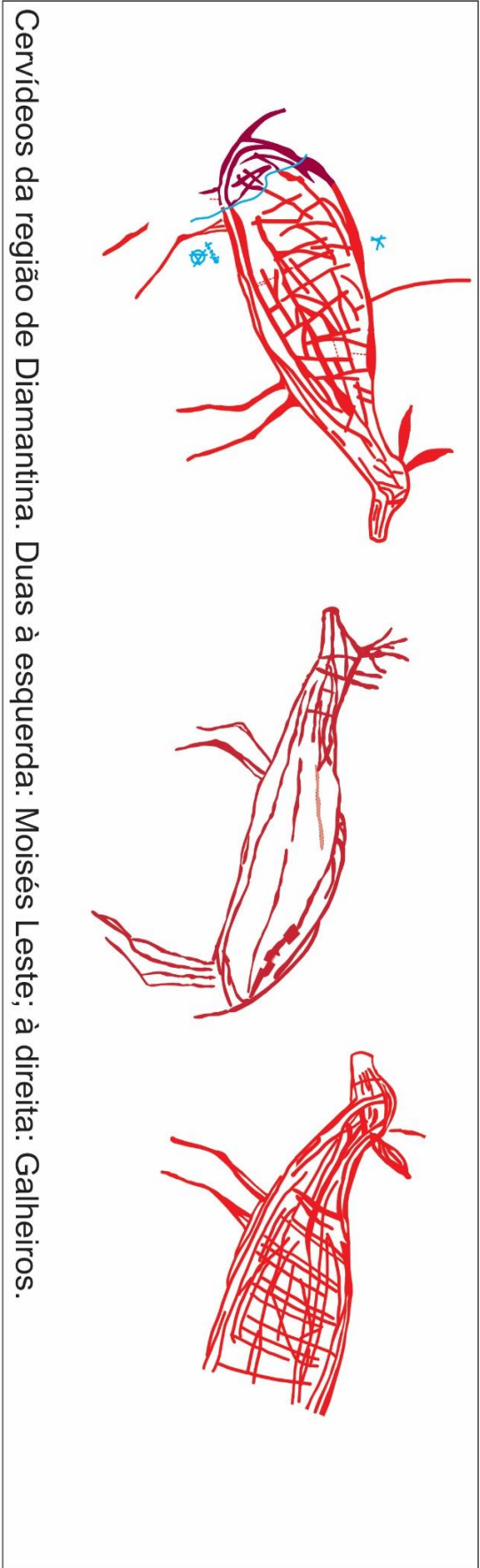
Já sobre as figuras do segundo patamar (Painéis I e II), temos maior variedade e intensidade. Como já descrito acima, o painel I é praticamente constituído de figuras geométricas, com algumas exceções de conjuntos de antropomorfos. O suporte é amplamente ocupado por concreções, o que o torna continuamente seccionado e setorizado por trechos da rocha e trechos de concreções. Os grafismos interagem diretamente com estas concreções, seja pintando-as – o que ocorre ocasionalmente e em pequena proporção – ou esquivando-se delas para ocupar as áreas de rocha calcária. Dentre esse conjunto de fatores, ao observar o painel que mais me faz sentido é a de contínuos e ao mesmo tempo descontínuos conjuntos pintados, saltando por cima das concreções, em busca de pequenos nichos mais homogêneos.

Não me parece haver uma diferença de escolhas de inserção das figuras neste painel; a temática, como um todo, não é muito variada – predominam os bastonetes –, e os lugares de escolha para se pintar são diversificados dentro da relação rocha-concreção já explicitada acima.

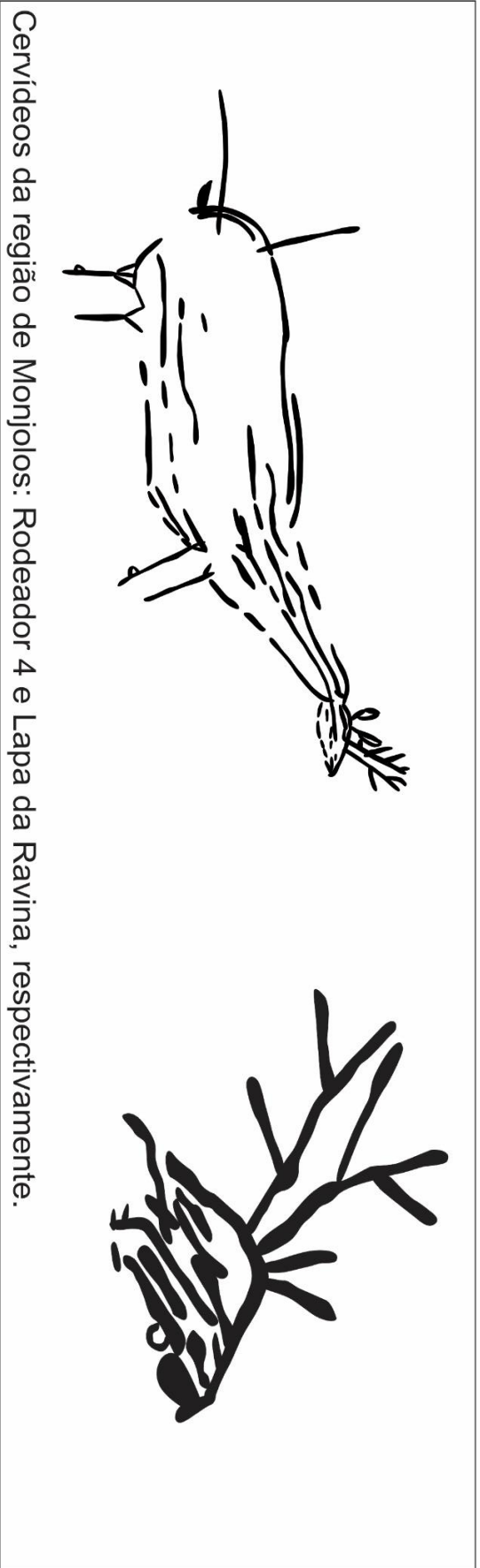
Como já discutido, o painel II apresenta quatro figuras zoomórficas, estas em coerência com os conjuntos de monjolos e diamantinenses, apesar de algumas diferenças que serão discutidas. Em termos de ocupação do suporte, a idéia construída até então, parece se fortalecer com este sítio. Os zoomorfos estão basicamente sozinhos nesta parte do suporte, e de quatro figuras, três estão em sobreposição.

O maior quadrúpede (Figura 11) é conformado por uma sequência de traços e que, em alguns casos, são contorno e preenchimento, como já discutido para a região de Diamantina por Linke e Isnardis (2012), modo de construção de figuras associado ao segundo momento da Tradição Planalto da região. Alguns traços do contorno adentram para a parte interna do corpo, assim como o inverso. A figura é feita por muitos traços que se interconectam (se tocando ou não). A cabeça é bastante distinta das cabeças descritas para Diamantina, pois possui um formato oval, em que traços marcantes do estilo de representação das cabeças de cervídeos não aparecem. O formato, em comparação com as pinturas diamantinenses, parece mais ‘simples’, ao mesmo tempo que apresenta orelhas e uma galhada repleta de ramificações (ver Figura 11). Suas patas possuem um formato triangular saindo do corpo, composta por três traços, sendo um deles perpendicular ao corpo, que formará o restante da perna (traseiras), ou por dois

traços, sendo um oblíquo e outro perpendicular ao corpo, sendo o segundo o responsável pelo restante da pata.



Cervídeos da região de Diamantina. Duas à esquerda: Moisés Leste; à direita: Galheiros.



Cervídeos da região de Monjolos: Rodeador 4 e Lapa da Ravina, respectivamente.

Figura 29 Comparação entre cervídeos de Diamantina e Monjolos.

O mesmo vale para o outro quadrúpede, porém, este não apresenta orelhas e galhadas, mas a forma de se construir a figura é bastante parecida em termos da organização dos traços. Em ambos é presente uma duplicidade de camadas de traços que formam a traseira da figura, pois são, nos dois casos, feitas com dois traços curvados em paralelo, sendo que em um caso, o traço mais longo é o de fora (cervídeo maior) e em outro o traço mais longo é o de dentro (menor). Ambos os quadrúpedes possuem a mesma tinta preta: espessa, oleosa, homogênea em termos de cor, mas que se aplica mal à parede, possui certo brilho característico.

No caso da ‘ave’, a forma de se fazer é distinta. Ela apresenta um contorno marcado, linear, que delimita todo o corpo da figura. Dentro, há pequenos traços que compõem o seu preenchimento, sem haver a troca entre traços que cumprem ambas as posições. Suas pernas têm a mesma construção das pernas dos cervídeos próximo ao corpo (traços oblíquos associados a um traço que constrói a perna), porém, as pernas são articuladas, e são finalizadas com três ‘dedos’, diferente das descritas anteriores, que não possuem nenhum anexo ao traço principal. Esta figura muito se assemelha com a forma de construção descrita para o terceiro conjunto da tradição Planalto de Diamantina, apesar de ser um conjunto em que essa temática não aparece no alto da Serra (ver Figura 11.)

A figura pisciforme parece ser feita de forma que os traços que delineiam o corpo se unem em uma de suas extremidades, juntamente com um traço de preenchimento, formando a ‘nadadeira’ caudal.

Aqui, parece haver uma escolha recorrente em que as figuras nos suportes têm suas partes frontais voltadas para o mesmo lado. No painel I, os cervídeos estão voltados para a esquerda – nesse padrão é notável o caso da Figura 25, cujo corpo se orienta em sentido contrário, mas que possui a cabeça voltada para o lado esquerdo. Enquanto no painel II, os dois cervídeos e a ave estão voltados para direita.

Lapa da Ravina

Este sítio possui um dos painéis mais difíceis de se trabalhar do conjunto aqui analisado. São, a partir dos vestígios que ainda restam, muitas figuras zoomórficas (e apenas elas), ocupando uma grande extensão de parede. A questão para esse sítio é que a maior parte delas foi perdida, ao menos parcialmente. Minha impressão é a de que existiam ainda muitas figuras além das que vemos hoje. Em um aspecto geral, os

grafismos parecem dialogar com partes da parede que estão pouco impactadas por exsudações e outras formas de processos tafonômicos, assim como partes que já haviam sido recobertas por estas camadas. Em alguns casos, o que resta das figuras é exatamente o que está sobre a parte alterada, imaginando eu que o restante já fora seguir seu curso em outras partes do mundo.

Assim, em seu conjunto, temos muito pouca informação. Irei discutir aqui algumas impressões e possibilidades para o conjunto e propor algumas interpretações. Primeiramente, me parece constante o interesse da sobreposição. Dos sete cervídeos ainda visíveis pintados no painel, cinco deles se sobrepõem de alguma maneira. A sobreposição ocorre entre figuras em vermelho, preto e amarelo. O restante dos zoomorfos (quadrúpedes e pisciformes) não aparentam se sobrepor, estando apenas próximos de outras figuras

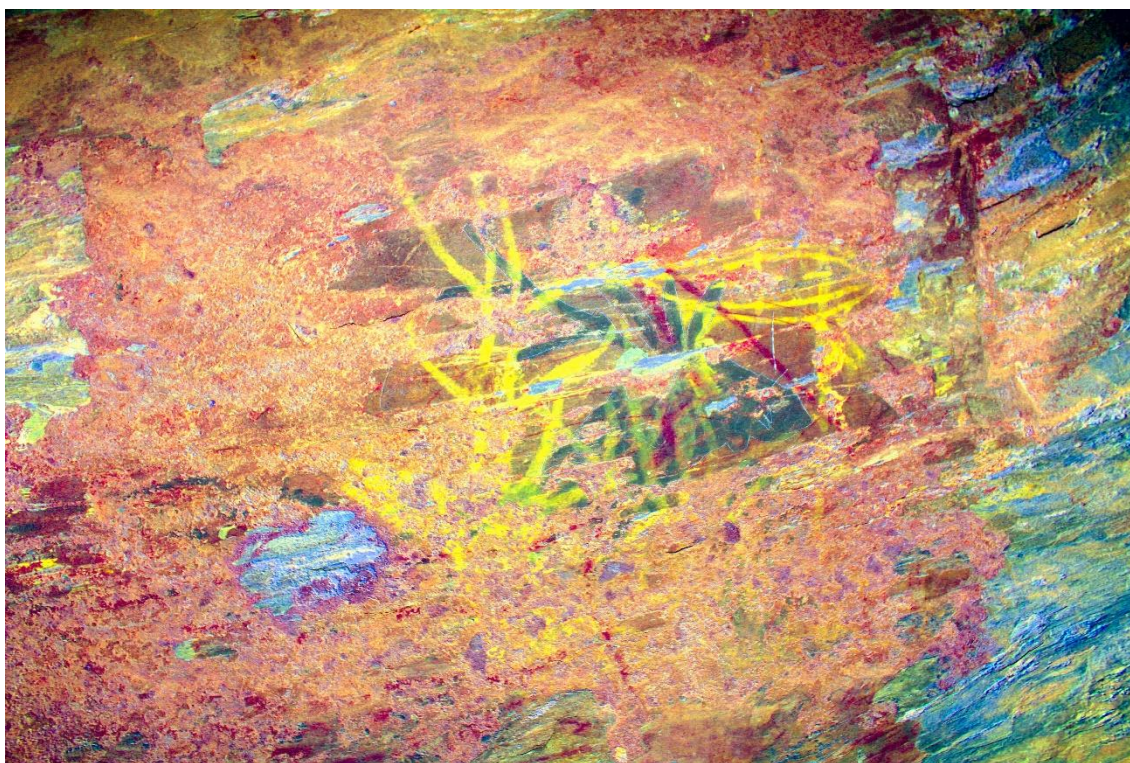


Figura 30 Detalhes das sobreposições entre três cervídeos na Lapa da Ravina.

Não parece haver uma pré-disposição direcional das figuras (por exemplo, todas viradas para um lado ou para o outro), os cervídeos e quadrupediformes aparecem voltados tanto para a esquerda quanto para a direita.

Em termos técnicos, o que resta dos grafismos me parece coerente com os conjuntos traçados para Diamantina, assim como o maior dos cervídeos parece ter uma formação

estilística de sua parte frontal (cabeça e demais componentes) que dialoga diretamente com as formas encontradas no Rodeador 4 (ver Figura 26). Mais uma vez, me parece que os cervídeos poderiam ser associados com o segundo momento da tradição Planalto em Diamantina, considerando as escolhas de cor, forma e composição. Dentre as figuras, o pequeno cervídeo em amarelo e os grandes feitos em preto, são bastante coerente em termos de composição com o segundo momento estilístico.

Além destas, os quadrupediformes são pouco comuns nos contextos de Diamantina, com uma formação apenas do contorno, e morfologia geral bastante distinta, com a cabeça mais curta, arredondada, com pequenas orelhas. Aparecem figuras parecidas em termos estilísticos em Diamantina e na região de Lagoa Santa.

Lapa da Fazenda Velha

Chegamos, por fim, ao sítio mais vasto e quantitativamente mais abundante em termos de ocupação gráfica. Foram definidos dez painéis, para além de suas subdivisões, todos eles, em maior ou menor medida, compondo as possibilidades interpretativas sugeridas aqui.

Inicialmente, algumas considerações. Os conjuntos de grafismos ocupam intensamente as paredes e alguns blocos horizontais, formando grandes painéis, que combinam, diferentemente dos sítios até então descritos, grafismos geométricos e figurativos (zoomórficos e antropomórficos, em especial). Percebe-se que, em termos de segmentação dos painéis a partir de escolhas formais, esta forma de distribuição dos grafismos se difere da grande maioria dos sítios encontrados na região.

Apesar desta situação atípica, acho importante ressaltar que na minha percepção, o que muda, fundamentalmente, não é necessariamente a escolha pela interação direta ou não, mas a forma de manutenção de certas preferências e interesses na disposição e nas formas de se ocupar os suportes.

Para além disso, este sítio traz, seja nas pinturas, seja nas gravuras, um repertório formal que se difere, em termos, de diversos outros sítios regionais. O que quero dizer é que temos variações formais em temas recorrentes (como os cervídeos, por exemplo), ao mesmo tempo que alguns temas que apareciam exclusivamente em gravuras, em outros contextos, , aparecem pintados na Fazenda Velha.

Para além da variação formal e diversificação técnica, temos temas relativamente exclusivos à lapa, no contexto de Monjolos, assim como associações entre figuras que são pouco frequentes em outros locais. E, por fim, um dos maiores contrastes, considerando a intensidade de ocupação do sítio é a baixa quantidade de zoomorfos em padrões semelhantes aos encontrados na região e em Diamantina. Nos sítios pintados onde aparecem em Monjolos, as figuras com formas de cervídeo são sempre dominantes em tamanho, composição e, em geral, constroem painéis exclusivos. Quando chegamos à Lapa da Fazenda Velha, esse perfil muda por completo.

Apesar de diversas diferenças, o sítio é concordante e integrado com a região, e nos permite navegar dentre estas diversas potenciais contradições estruturais, que me parecem uma nova oportunidade de colocar em debate também, nossos aportes analíticos para enxergar constância, semelhança, coerência e diferença.

Prosseguirei com a análise dos painéis do sítio, que irá retornar constantemente nas sugestões acima. Para tal, uma breve descrição, associada com uma manutenção desses entendimentos, aqui, prévios, será realizada para alguns dos painéis considerados mais relevantes na presente análise. Importante lembrar que as cores utilizadas na descrição são coerentes entre todos os painéis.

Começando pelos painéis Ia, b, e d. O painel Ia, o ‘teto’, é emblemático e marcante dentro do circuito de suportes pintados e bastante importante na minha percepção do conjunto gráfico da Lapa. De acordo com Dias (2017), oito tintas⁴⁴ se espalham por esse suporte, formando uma sequência cronológica⁴⁵ de pelo menos quatro momentos de pintura (que, evidentemente, não exigem uma distância temporal entre si, mas apenas indicam uma sequência de sobreposição)⁴⁶.

O primeiro momento (“vermelho muito patinado”, conforme designada a tinta por Nathalia Dias [2017]), é uma ocupação basicamente formada por pequenos quadrupedeformes, que foram anteriormente entendidos como conjuntos de traços não

⁴⁴ Ressalta-se aqui, que na nomenclatura das tintas prevalece a cor, porém, para sua definição outros atributos foram utilizados.

⁴⁵ Sendo a sequência cronológica Vermelho muito patinado, vermelho vinho, marrom, branco amarelo/ocre/vermelho brilhante, e amarelo branco sobre vermelho.

⁴⁶ Importante aqui, que algumas figuras foram identificadas posteriormente ao calque e a conferência, assim como ao trabalho de Dias, logo, sua inserção em termos de sequência cronológica e sua tinta serão feitas a partir da atribuição realizada para partes das figuras que foram identificadas durante o calque e inicialmente caracterizadas como conjuntos de traços não figurativos.

figurativos (Dias, 2017). Estes, são pequenos, com cerca de vinte centímetros de comprimento, compostos no recorrente esquema de preenchimento e contorno (podem ser associados, talvez, com o terceiro momento planalto, apesar de um deles parecer ser composto com o uso do preenchimento também como contorno). Eles estão em uma parte um tanto quanto central ao painel, e são diretamente sobrepostos, seja parcialmente, seja quase que totalmente, por figuras geometrizadas e um deles, por um outro pequeno zoomorfo.

O segundo momento de ocupação (“vermelho vinho”), começa a delinear o formato final do painel em termos de organização e ocupação da área disponível. Essa tinta pinta uma certa diversidade formal, havendo conjuntos de grandes bastonetes paralelos, semi-paralelos e perpendiculares entre si, conjunto de pontos associado também aos bastonetes, um zoomorfo (cervídeo, com grande galhada, ‘boca em v’, patas curtas e corpo retangular, muito concordante formalmente com os cervídeos gravados na Lapa da Gameleira, que serão discutidos a seguir), alguns biomorfos, que aparentam corpo linear, quase sempre apenas com dois dos membros (considerando que tendem a um formato tradicionalmente entendido como antropomorfos), com exceção de um deles, em que o corpo é ovalado, com quatro membros.

Essa etapa de pintura já inicia um processo que é muito interessante e marcante enquanto organização desta área pintada, que é uma sistemática ocupação de áreas não pintadas (encaixe entre as figuras), em especial entre as figuras geométricas, que estabelece uma sequência de figuras que se tocam marginalmente, ou apenas se encaixam, sem sobreposição. Os grafismos se organizam de forma a respeitar intensamente os grafismos anteriores, assim como os grafismos de mesma tinta. Há sequência de bastonetes horizontais, por exemplo, em que são feitos ao seu lado, bastonetes verticais, que chegam ao limite dos anteriores, sem se sobrepor e inclusive, parecem continuar, após a interrupção ocasionada.

O terceiro momento (“marrom”), continua, em grande medida, seguindo o mesmo caminho do momento anterior, evitando sobreposições intensas com outras figuras, porém, esse evitamento se estende apenas às figuras do segundo momento. Os zoomorfos da primeira ocupação do suporte são, alguns deles, quase que totalmente sobrepostos por estas. Esse conjunto em marrom, também diferentemente dos anteriores, é constituído apenas de figuras geométricas, sem a presença de nenhum

biomorfo. Trata-se basicamente de conjuntos de bastonetes, alinhamentos de pontos, uma figura feita de círculos concêntricos (que está apenas parcialmente calcada) e uma figura composta por um traço linear de onde se ramificam traços oblíquos espelhados (três conjuntos), o que muito se assemelha a uma galhada de cervídeo.

De modo geral, a ocupação desta tinta está direcionada a ocupar espaços vazios entre biomorfos e bastonetes, encaixando-se entre eles, e interagindo diretamente com eles, ora completando alinhamentos de pontos, ora se inserindo (pontos) entre traços de vermelho vinho. Além disso, estendem-se para uma porção mais a direita do suporte, formando uma sequência quase que alinhada de grafismos. Tenho a impressão de que parte das áreas mais a direita deste trecho também foram pintadas pela mesma tinta, mas que não estão abarcadas no calque, que não foi total neste painel.

No quarto momento aparecem quatro tintas. Da mesma forma, mantém-se um modo de interação constante com as pinturas anteriores, sendo marcante, nesse caso, em especial entre as tintas amarelas, a inserção de pontos e bastonetes entre os bastonetes de tinta vermelho vinho e marrom, formando figuras bicrômicas.

Painel Ia, Lapa da Fazenda Velha: reconstrução cronológica relativa.

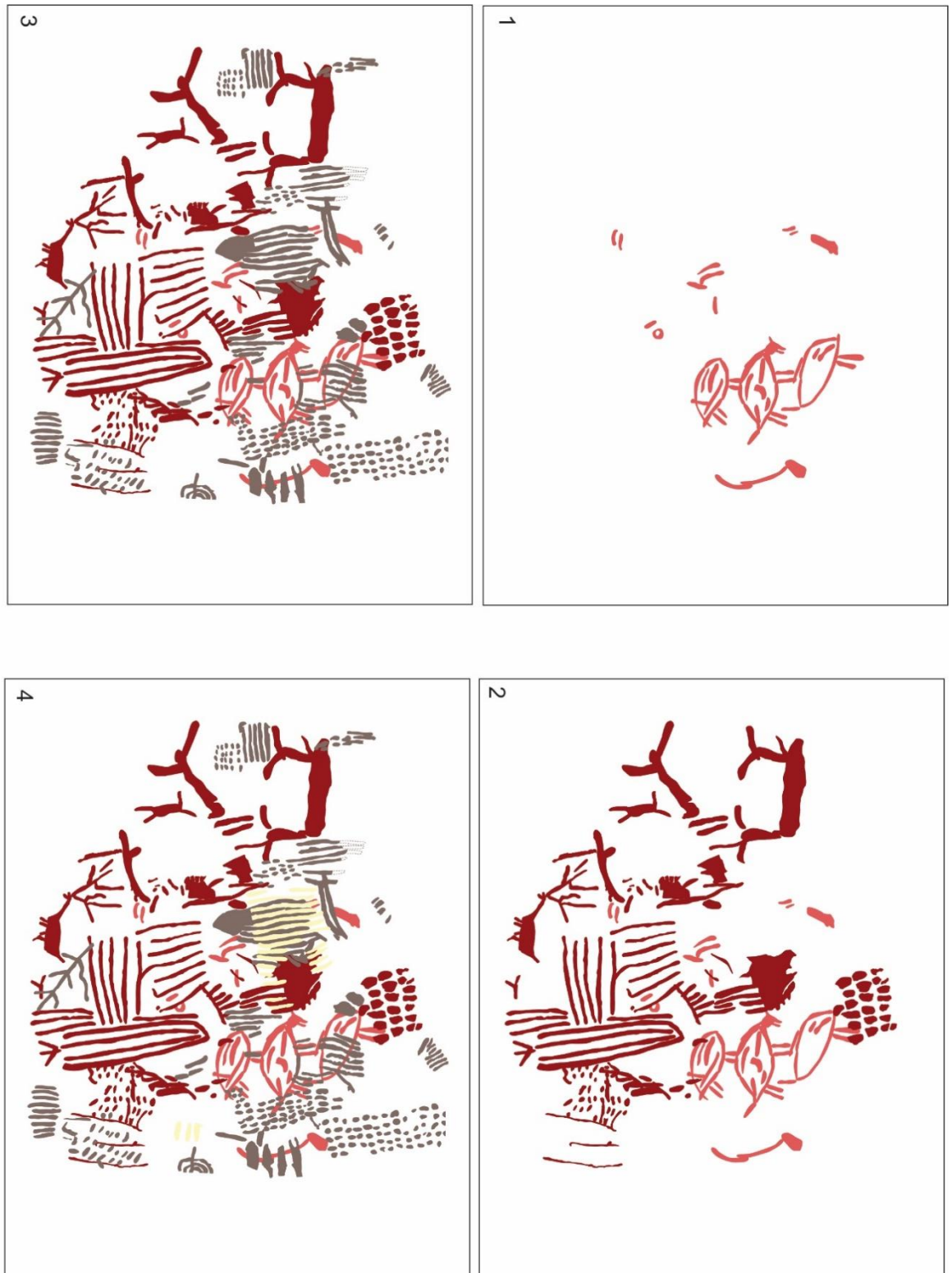
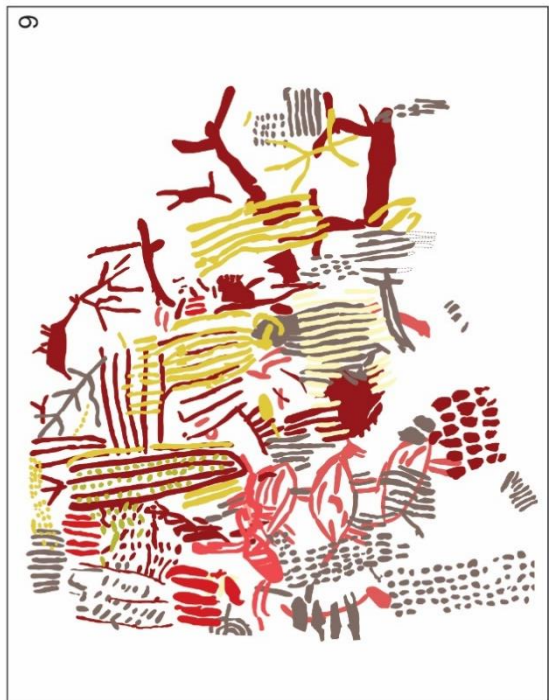
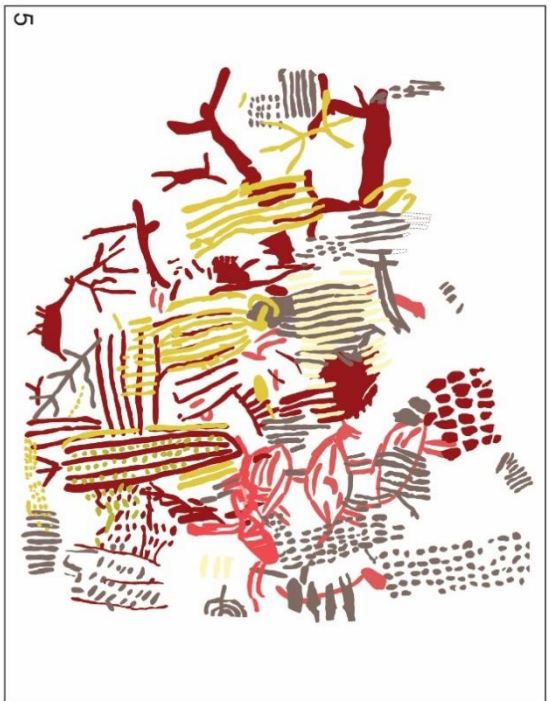


Figura 31 Painel Ia, Lapa da Fazenda Velha, reconstrução cronológica.



Painel Ia, Lapa da Fazenda Velha: final da reconstrução cronológica e mosaico do painel.

Digitalizações de Nathália Dias,
mosaico de Rogerio Tobias.

Figura 32 Painel Ia, Lapa da Fazenda Velha, reconstrução cronológica e mosaico do painel.

Seguindo para o Painel Ib, temos uma forma de organização em relação de interação entre as figuras que se mantém, em grande medida, porém em um painel formado por temáticas mais equilibradas entre si, considerando a presença de zoomorfos (em especial quadrupedeformes) e de agrupamentos de pontos. O painel é ocupado por nove tintas distintas⁴⁷. Não irei fazer a mesma digressão realizada para o painel anterior, por achar desnecessário enquanto conteúdo analítico, uma vez que as escolhas que envolvem as interações sequenciais entre as figuras é muito semelhante ao painel anterior. Ressalto, porém, que a sequência cronológica aqui é em grande medida reestruturada, onde tintas que antes eram posteriores, inauguram o painel, como a tinta ocre, e tintas que eram iniciais no painel Ia se tornam finais no Ib (como o vermelho vinho). Essa variação na sequência de sobreposição me faz assumir a contemporaneidade, de forma geral, da ocupação dos suportes e entender ao menos esse trecho do sítio enquanto quase que completamente sincrônico.

Continuando, o painel Ib deixa de ser um teto, para ser a continuação da parede que está diretamente em contato com o painel Ia. É uma painel de ocupação menos densa do que o anterior, porém onde os zoomorfos aparecem com mais intensidade numérica e estilística, havendo momentos de ocupação em que geométricos e zoomorfos são feitos com a mesma tinta, e momentos em que as tintas pintam exclusivamente zoomorfos. O universo geométrico se restringe basicamente a agrupamentos de pontos.

Além disso, tintas variadas pintam zoomorfos estilisticamente coerentes entre si – tamanho reduzido, chapados, com alguns detalhes anatômicos – em contraste com zoomorfos que são feitos com contorno-preenchimento, que aparacem juntos, com composição concordante com o segundo momento da Tradição Planalto em Diamantina, onde partes do preenchimento se tornam parte do corpo das figuras, assim como há detalhes anatômicos nas pernas, orelhas e galhadas. Estas últimas, em um dos casos é bem grande, chegando a ter tamanhos próximos do tamanho do corpo do cervídeo.

Em termos de organização do painel, as figuras tendem a manter algumas lógicas de interação, como já dito, porém, há algumas diferenças que valem a pena serem

⁴⁷ A saber, em ordem cronológica, ocre, vermelho, amarelo ralo, marrom, Vermelho marrom/vermelho vinho, laranja/vermelho brilhante, e o branco, que não se relaciona através de sobreposições (apenas com o amarelo ralo e anteriores).

levantadas. Primeiramente, os zoomorfos são mais abundantes e marcantes, o que faz com que parte importante da organização dos grafismos tenha a ver com os mesmos. Parte das propostas de encaixe e de não sobreposição tem a ver diretamente com eles – um dos grandes zoomorfos de preenchimento-contorno se encaixa entre outras duas figuras, respeitando seus limites. No casos dos geométricos, há interações diretas entre agrupamentos de pontos que se completam com distintas tintas. Entre os conjuntos temáticos distintos, a relação é também marcante. Um dos cervídeos grandes também se encaixa sobre um agrupamento de pontos, onde foram colocados os seus membros inferiores e seu corpo em concordância com o mesmo; outro cervídeo chapado é encaixado em um traço circular em amarelo, que contorna o formato de sua cabeça. Para além destas sobreposições, um aviforme é inserido dentro de outro cervídeo preenchido, prática recorrente em outros sítios.

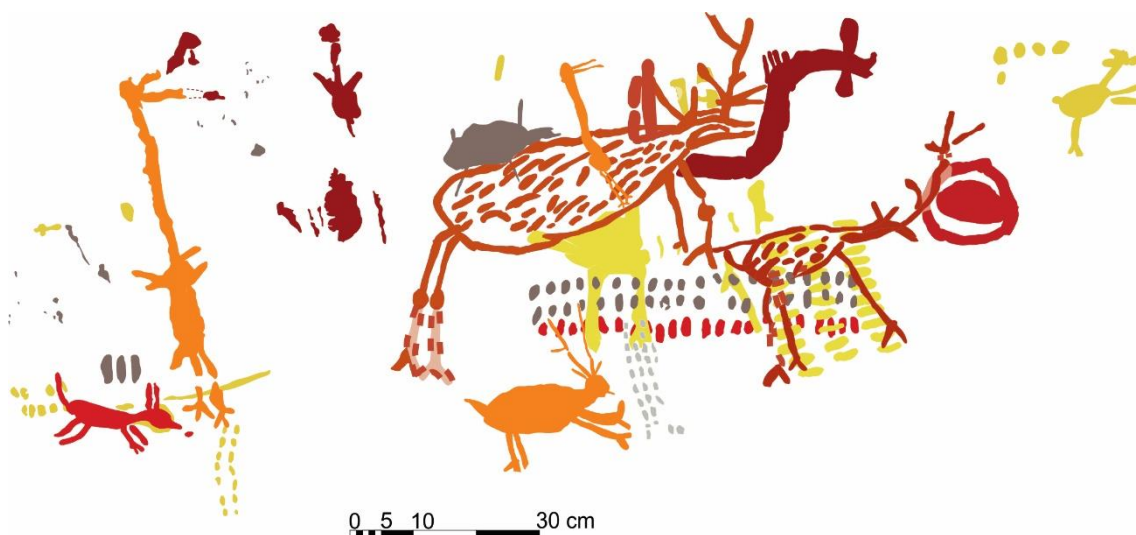


Figura 33 Painel Ib, Lapa da Fazenda Velha.

As pinturas dos painéis Ic e Id continuam a seguir lógicas de construção similares, que visam a inserção das figuras e uma harmonização sem sobreposições. O segundo, continua a estabelecer o diálogo entre os grafismos geométricos e zoomórficos, com encaixes e associações entre os temas que seguem uma lógica de proximidade e não de sobreposição. A única sobreposição observada é entre um conjunto de bastonetes e um agrupamento de pontos, e alguns traços sobre um dos cervídeos pintados. Em termos temático-formais e estilísticos, a presença de zoomorfos chapados e preenchidos-contornados continua, assim como os bastonetes e agrupamentos de pontos. Há um caso de um antropomorfo com detalhes anatômicos mais abundantes (dedo, volumetria do

corpo). No caso do Painel Ic, poucas são as sobreposições (agrupamento de pontos sobre agrupamento de pontos), havendo uma inserção de uma ‘escada’ entre bastonetes.

Os painéis II a IX foram secundarizados nesta análise, por opção logística, pois, após análise, achei válido e possível discutir os elementos que me pareceram relevantes e fundamentais ao sítio a partir dos painéis aqui apresentados. Isso não faz com que os painéis que não figuram neste texto sejam menos importantes ou não contenham especificidades próprias, mas para o argumento desta análise, seu conteúdo é compartilhado com os que aqui figuram.

Chegamos ao maior dos painéis. O painel X é o maior painel do sítio, em termos de quantidade e densidade de figuras, ao mesmo tempo em que sua grande maioria de grafismos é gravada. Estas gravuras estão em painel subvertical, o que é pouco comum na região. As pinturas são pouco numerosas, porém, parte delas ocupa parcelas importantes (em termos de tamanho) do suporte. As temáticas pintadas variam entre zoomorfos (aviformes e cervídeos), biomorfos, bastonetes, conjuntos de traços, pentes e agrupamentos de pontos.

As pinturas, conforme Dias (2017), são todas posteriores às gravuras, e interagem, em diversos casos, diretamente com as gravuras anteriores. Já estas últimas, em termos temáticos, são bem diversificadas. Os antropomorfos aparecem abundantemente, assim como zoomorfos (em especial aves, que são muito numerosas, e cervídeos), além de ‘escadas’, pequenas figuras em forma de ‘U’, ‘pentas’, ‘halteres’ e pequenos biomorfos. (Figura 20, Figura 21)

As gravuras, em especial devido à morfologia das aves e de alguns antropomorfos, tendem a organizar o painel seguindo um processo de ‘linearização’ da área ocupada. O que quero dizer é que há um sentido na organização das figuras, em que um dos focos do uso do espaço grafado se distribui de cima para baixo ou de baixo para cima, com longas figuras com corpo linear. Assim, temos grandes aves, cujo corpo povoa grandes porções do painel, assim como antropomorfos, escadas, e, inclusive, conjuntos de figuras que se encaixam, às vezes formando corpos de figuras maiores, e que se estendem por longos trechos (Figura 35)

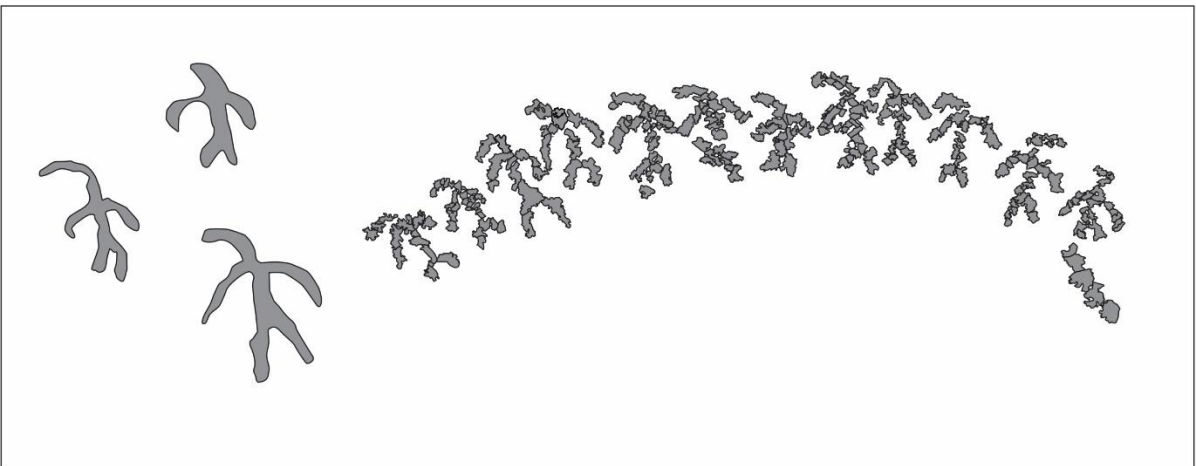
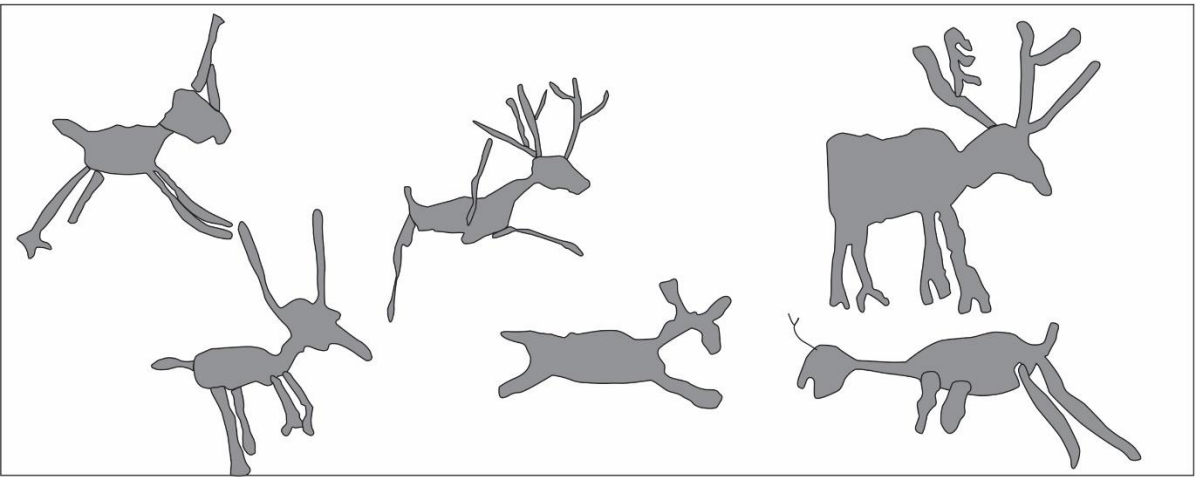
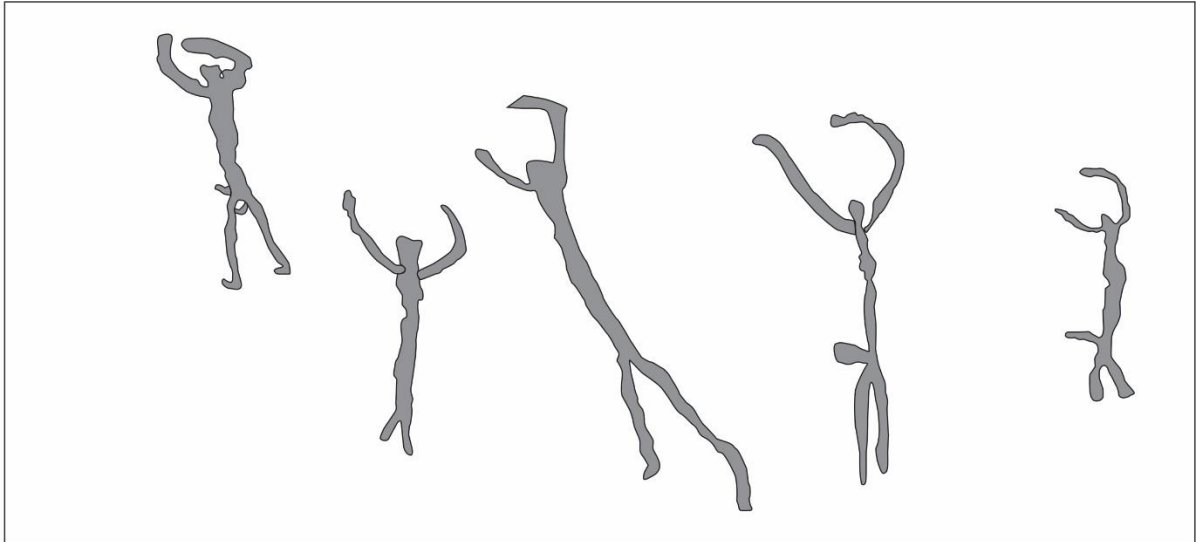
Nas pinturas, além de haver figuras que ocupam novas partes do suporte e que se sobrepõe parcialmente a gravuras anteriores, há também aquelas em que se escolheu

uma interação mais evidente à minha percepção. São figuras que sobrepõem totalmente as gravuras, mas não as invisibilizando, ressaltando-as, já que a sobreposição visa ‘refazer’⁴⁸ as figuras. Refazer aqui, não significa, ao pé da letra, que as figuras foram refeitas, mas sim que foram banhadas por uma camada de tinta, e que seus autores estavam preocupados e interessados em recobrir a figura anterior dando manutenção à sua morfologia. Além desse interesse em pintar figuras gravadas, há também a associação de novas pinturas com as anteriores, adicionando membros, mudando o formato, estendendo as figuras.

Em termos formais, as gravuras antropomórficas apresentam algumas variações. Há figuras com corpos muito alongados, lineares, normalmente com os membros superiores erguidos acima do tronco. Estas figuras estão normalmente associadas com outros antropomorfos menores, que conformam uma morfologia muito semelhante, apenas com a possível adição fálica. Essa adição, porém, é capaz de criar novas possibilidades de interpretação sobre a figura estar de perfil, de costas, ou de frente (ver Figura 34) e é compartilhada, inclusive, com os suportes sub-horizontais. Estas figuras se distribuem por quase todo o painel, ocupando mais intensamente a parte central-superior esquerda, próximas à uma concentração de figuras pintadas, e a parte mais a direita. Além destas, há figuras antropomórficas com o corpo arredondado e membros abertos em ângulos oblíquos, que se encontram também em regiões similares às citadas acima, apesar de também aparecerem em porções mais baixas do painel. Por fim, um conjunto muito característico, que possui um corpo levemente retangular, com seus quatro membros, e a cabeça em curva, que aparece concentrado na porção esquerda do painel, sozinho ou em pares. Em outro trecho do suporte rochoso deste sítio, há um grande conjunto destas figuras postas sequencialmente (Figura 34)

Os antropomorfos, como um todo, parecem se associar bastante entre si, havendo jogos de encaixe entre elas – algumas figuras são conectadas entre si por parte de seus membros, se encaixam modificando sua forma para que não haja sobreposição, ainda assim, se mantendo perto e em diálogo com outra figura já posta no suporte. Há também conformações formais muito similares para alguns casos (posição dos braços, por

exemplo). Esse jogo ocorre também entre antropomorfos e outros temas, como os pentes, traços pintados, escadas...

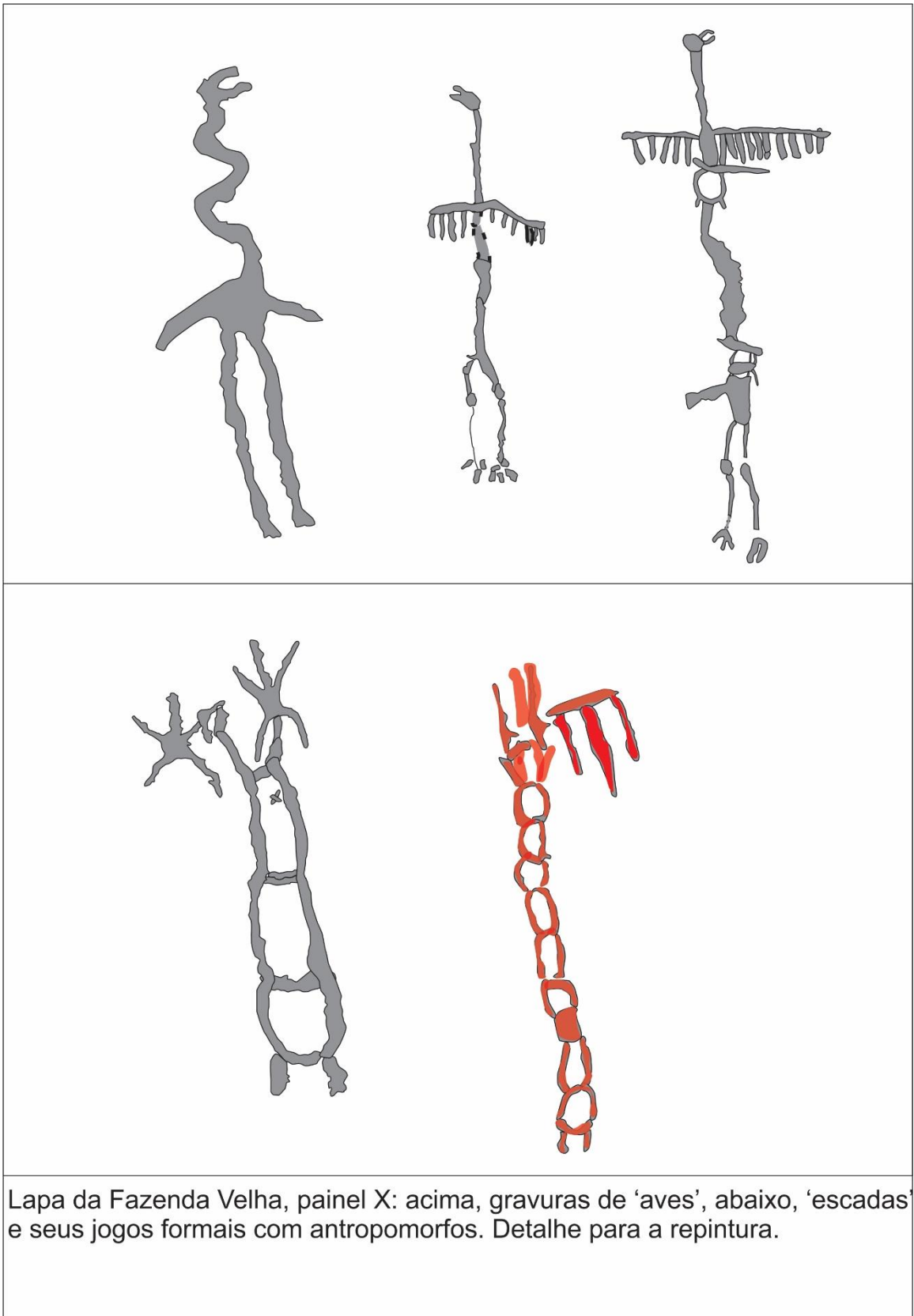


Lapa da Fazenda Velha: morfologia de zoomorfos e antropomorfos
Figura 34 Lapa da Fazenda Velha: morfologia dos zoomorfos e antropomorfos gravados.

Quanto aos zoomorfos, temos algumas características que me parecem ser específicas desse painel, em concordância, ao mesmo tempo, com uma certa forma de construir as figuras que é compartilhado. Os cervídeos gravados são em diversos aspectos parecidos com as pequenas figuras chapadas pintadas, com corpo retangular, membros com poucos detalhes anatômicos (quando há, são bifurcações nas ‘patas’, por exemplo), e com frequência tendo orelhas e galhadas (Figura 34). O que mais me chama atenção em termos de diferença entre as figuras pintadas e estas (inclusive também para os cervídeos gravados na Lapa da Gameleira, que serão discutidos adiante) é que a composição, como um todo, tende a ter segmentos (Alcantara, 2015) mais fluidos (podendo-se entender como uma menor precisão, apesar de não acreditar ser essa a melhor forma de descrever/entender o fenômeno), logo, as formas tendem a não ser modeladas como esperamos e consideramos quando os grafismos são ‘bem feitos’, ou ‘cuidadosos’. Temos cabeças algo quadradas, com os limites menos delineados, eventual ‘desencaixes’ entre o pescoço e a cabeça, segmentos curvilíneos para a formação das galhadas e orelhas.

No caso das ‘aves’, temos alguns aspectos muito particulares. Primeiramente, estas figuras ‘cortam’ o painel verticalmente, de cima a baixo, de baixo a cima. São, no geral, figuras grandes, com corpo estreitos, lineares (suscetíveis a curvas comuns aos corpos), com cabeça em formato de ‘caju’, pernas longas, que podem ter representação de articulação (joelho), e patas com três dedos. As asas normalmente são representadas por figuras com formato muito semelhante aos ‘pentes’, que se estendem em ambos os lados do tronco.

Em termos de especificidades deste painel, duas são importantes de ressaltar: uma das figuras, apresenta o pescoço em zigue-zague, com corpo arredondado, com as ‘asas’ com formato distinto (segmentos lineares oblíquos). O que me faz pensar na possibilidade de que talvez seja uma figura distinta em termos de conjunto das demais. Num segundo caso, há um ‘jogo’ muito interessante na formação de alguns dos corpos, em que parece haver associações sequenciais de figuras distintas, que dão comprimento e compõem a maior parte do seu tronco, até chegar às pernas (Figura 35)



Lapa da Fazenda Velha, painel X: acima, gravuras de 'aves', abaixo, 'escadas' e seus jogos formais com antropomorfos. Detalhe para a repintura.

Figura 35 Lapa da Fazenda Velha, painel X. Detalhes dos temas de 'aves e 'escadas'

Outros temas são as ‘escadas’, que são retangulares, formando uma sequencia destas formas uma sobre as outras. É recorrente que tenham extremidades que parecem ser pernas, sugerindo que poderiam ser formas antropomórficas seriadas. Em termos individuais, cada um dos ‘degraus’ da escada se parecem muito, em alguns casos, com figuras em formato de ‘V’ e ‘U’, que são basicamente um pequeno círculo gravado, do qual saem dois segmentos lineares, o que já levou pesquisadores em outras áreas considerar a possibilidade das escadas serem representações antropomórficas (Ribeiro, 1996/97).

Por fim, algumas considerações sobre as pinturas. Elas ocupam, majoritariamente, a parte superior-esquerda do painel onde se concentram um grande pente, alguns bastonetes, algumas figuras geometrizadas com diversos traços associados, e um grande cervídeo, em estilo preenchimento-contorno, onde o segundo compõe o primeiro, sendo um padrão de preenchimento com traços paralelos e oblíquos. A grande diferença é que sua cabeça é totalmente pintada, o que ocorre ocasionalmente na região de Diamantina, mas em Monjolos, é figura única. Outro grafismo único é um zoomorfo em amarelo, que, aos meus olhos, parece uma pequena ave.

Os painéis sub-horizontais se destacam do restante do conjunto que ocupa as paredes verticais. Primeiramente as condições de conservação me parecem bastante distintas, considerando os diferentes processos tafonômicos pelos quais cada um dos contextos passou. O bloco que dá espaço para os suportes horizontais utilizados está fraturado em diversos ângulos. Os grafismos que aí estão variam pouco em termos formais, apesar de me parecerem formar alguns temas variados. São círculos, círculos concêntricos, círculo com dois segmentos perpendiculares, formas curvilíneas, lineares, tridáctilos, pequenos biomorfos semelhantes aos dos suportes verticais, semi-círculos sequenciais. Os círculos concêntricos, inclusive, são uma temática também partilhada com as pinturas, apenas na Lapa da Fazenda Velha (Figura 36).

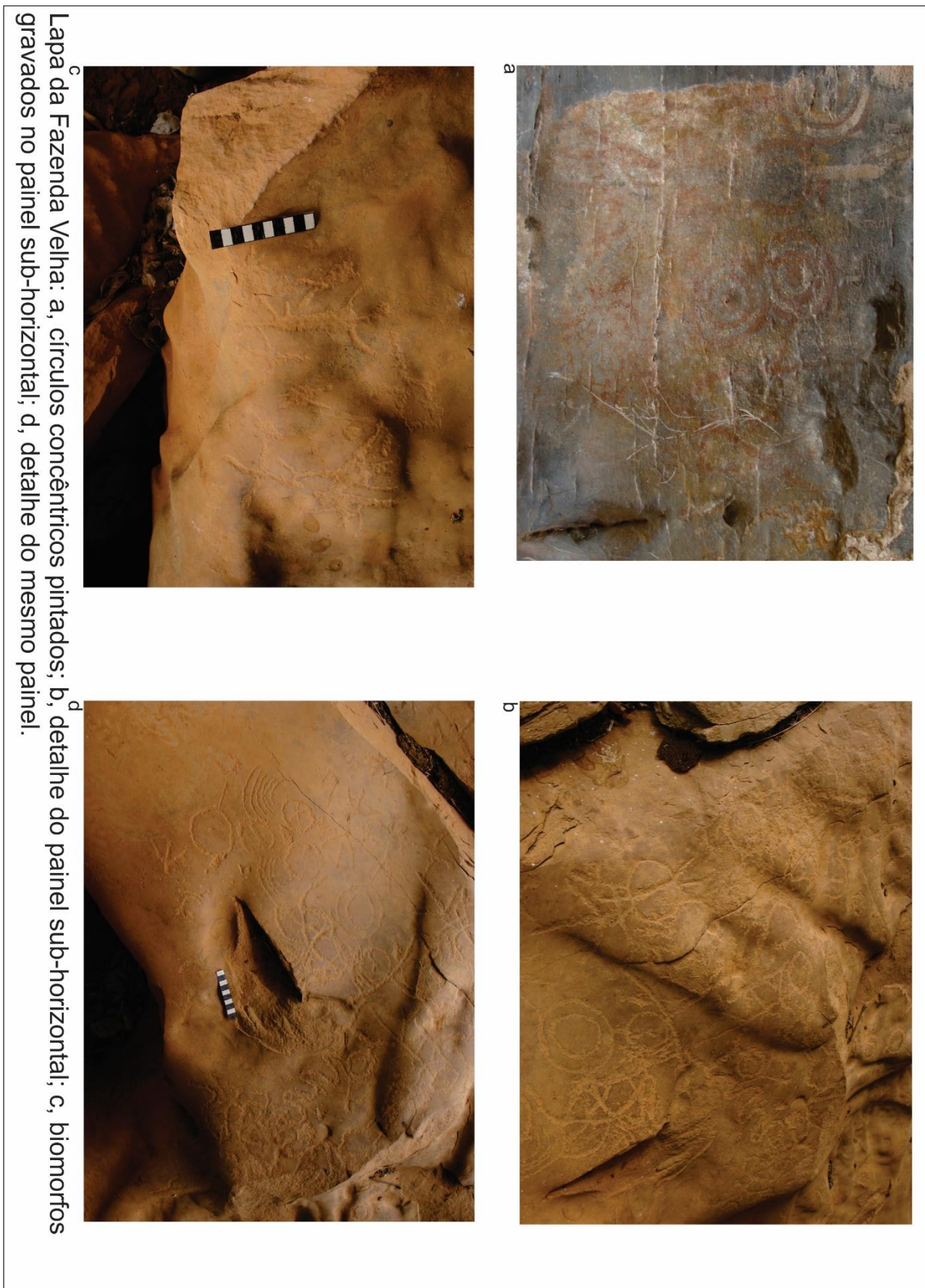


Figura 36 Lapa da Fazenda Velha. Detalhe dos círculos concêntricos pintados e gravados, detalhe do suporte sub-horizontal.

Ocasionalmente, aparecem alguns antropomorfos com corpos lineares, cabeça e membros. Alguns deles se assemelham com os conjuntos gráficos das paredes, e associam-se em grande harmonia com os demais conjuntos que se encontram em blocos sub-horizontais na Lapa da Gameleira e no Salobo 2. Todos eles apresentam especificidades, como formas diferentes de fazer certos temas, mas compartilham a abundância de círculos, concêntricos, longos segmentos curvilíneos e lineares; a maior diferença talvez seja a quantidade de biomorfos associados que aparecem no Salobo 2, que não é recorrente nos outros sítios.

Quando considerando os conjuntos gráficos pintados de Monjolos-MG em comparação com o trabalho de Linke (2008), temos um panorama de escolhas de inserção para o trecho no Espinheiro. Mais recentemente, com Oliveira (2016), sítios de grafismos mais próximos da borda oeste da serra foram estudados⁴⁹, todos eles inseridos na bacia do Pardo Pequeno. Estes, conforme a análise de Oliveira (2016), compartilham, também, diversas características com a região mais interna à serra, próximo de Diamantina, no que tange seus conjuntos gráficos e inserção paisagística.

Ao mesmo tempo, surgem sítios que abrigam elementos gráficos mais divergentes dos conjuntos tradicionais delimitados. Os conjuntos geométricos encontrados na região de Monjolos-MG parecem compartilhar alguns aspectos com conjunto PP4 para o alto curso do Pardo Pequeno, definido por Oliveira (2016). O conjunto parece agrupar uma diversidade de formas geométricas (bastonetes, pentes, alinhamentos de pontos), que se concentram na Lapa da Onça 1, Andorinhas 3, Tatu 2, Alforjes 6 e Andorinha 1. Dentre as características desse conjunto, está a preferência por ocupar espelhos, tetos restritos, paredes restritas; há grandes semelhanças formais entre conjuntos de bastonetes, de pequenos traços inseridos em espelhos, e, o sítio Andorinha 3 é um sítio exclusivo de geométricos, que muito se assemelha a sítios de Monjolos.

⁴⁹ A saber, Mendes 1 e 2, Lapa do Chumbinho, Lapa dos Peixes, Lapa da Onça 1, Lapa da Onça 4, Lapa da Contagem 1 a 6, Serra do Taião 1 e 2, Lapa do Tatu 1 e 2, Lapa dos Alforjes 1 a 6, Andorinha 1 e 3. A partir da Lapa da Onça, todos eles estão mais próximos da borda do que sítios previamente estudados e citados aqui. O último fora do eixo do Pardo Pequeno é a Lapa do Caboclo

Lapa da Gameleira

Esta lapa, como descrito anteriormente, é restrita, porém, grande parte do suporte correspondente à parede do fundo da lapa foi utilizado para ser gravado. Este é o único sítio em que as gravuras são quase exclusivas, há apenas vestígios de uma única pintura, que aparenta ser a parte final de uma galhada. As paredes são amplamente tomadas por cervídeos e as já citadas figuras em ‘U’ ou ‘V’, havendo também algumas diferenças formais das anteriores. Além destas, em bem menor quantidade, há algumas figuras biomorfas, que se assemelham a antropomorfos.

As figuras em ‘u’ aparecem agrupadas em ao menos duas (mais comum em conjuntos maiores), e variam em termos de forma. Há figuras que são exclusivamente segmentos curvilíneos, gerando formas em que a espessura é homogênea por toda a figura, enquanto em outras a parte central é na verdade um pequeno círculo gravado, que ganha dois segmentos, que dão a conformação final ao grafismo. Este círculo, por vezes é maior, mais ovalado, ou bastante arredondado. Essas variantes de forma aparecem inclusive associadas, mas, na maioria das vezes, cada conjunto (cada série de figuras em “U”) apresenta uma única variante. As figuras em “U” aparecem associadas entre si e associadas com os cervídeos, seja por proximidade, seja por sobreposição. Em termos de ocupação do painel, é recorrente que grandes conjuntos destas figuras aproveitem quebras lineares do suporte, como ocorre no painel I, II e III.

Estas formas, devido ao diálogo entre diferentes morfologias, nos fizeram pensar que poderia estar acontecendo um ‘trocadilho’ das gravuras, em que ora se hiper-simplificava o motivo, ora se estendia o investimento técnico e de tempo a médio e complexo. Assim, teríamos várias possibilidades formais para um mesmo ‘conceito’ de figura. Um conjunto de figuras do painel sub-horizontal da Fazenda Velha parece argumentar em favor. É possível notar em sua cronologia interna, que primeiro uma figura deveras semelhante à estas figuras em ‘U’, ganha corpo e membros inferiores (ver Figura 36, figura c).

Quanto aos cervídeos, temos algumas variantes, que irei discutir a partir da setorização de painéis. O painel III concentra a maior parte dos cervídeos, além de ser onde estas figuras estão mais intensamente sobrepostas. Todas elas apresentam quatro membros,

sem detalhes de articulação, apenas ocasionais ‘dedos’ ou ‘cascos’, seus corpos possuem volumetrias parecidas, apesar de uma certa variação formal (corpos mais arredondados, retangulares ou mais ovalados, pescoço e cabeça – esta última, que também permite uma variação razoável, indo de cabeças bastante lineares a mais volumosas. Por fim, quase todos eles – exceção de um cervídeo com apenas orelhas – possuem galhadas, estas bastante avantajadas, ramificadas e feitas duas galhadas por cervídeo. Estas são normalmente ao menos mais do que $\frac{3}{4}$ do corpo, havendo várias que são maiores. Um dos cervídeos, na zona mais extrema à direita, possui uma galhada por volta dos trinta centímetros de comprimento, enquanto seu corpo tem no máximo quinze. É comum a presença de rabos.

As sobreposições acontecem de ao menos duas formas: a primeira, e muito recorrente, me parece ser uma maneira de organização dos grafismos no suporte. Há uma sequência de nove cervídeos, em que as galhadas e os rabos são sobrepostos. Estas figuras estão quase enfileiradas, havendo algumas abaixo das outras, dando manutenção ao mesmo esquema de sobreposição. Algumas das que rodeiam este núcleo, acabam por sobrepor as galhadas às pernas dos outros grafismos.

Já os cervídeos do painel V são bastante distintos. Seus corpos são mais alongados, alguns sem pescoço, com dois ramos de galhadas quase paralelos (diferente do painel III em que são mais abauladas), ou apenas um tronco de galhada ramificado, com longos rabos com um ângulo entre nove e quarenta e cinco graus saindo do corpo. Estas figuras, assim como as do painel III se sobrepõem entre si na relação rabo-galhada ou pata-galhada.

No painel IV, uma associação temática se faz evidente, entre um cervídeo com cerca de vinte e cinco centímetros e duas figuras em ‘u’, que se encaixam entre suas pernas. Para além deles há um conjunto de segmentos formando algumas formas geometrizadas, que se sobrepõe aos membros traseiros do cervídeo.

Em termos formais, as figuras muito se parecem com os cervídeos gravados na Lapa da Fazenda Velha, mas aqui, me parece haver um rigor estilístico maior, e uma ocupação mais sistemática do tema. Os painéis na Lapa da Gameleira foram feitos com um interesse muito específico pelos cervídeos e as figuras em ‘u’. O interesse pelo

picoteamento de grandes galhadas também é mais marcante neste sítio, apesar de que alguns dos cervídeos na Faz. Velha possuem galhadas coerentes com este conjunto.

Quanto às figuras nos blocos no chão, há grandes concentrações de círculos e círculos concêntricos, muito em acordo com o Salobo 2 e a Lapa da Fazenda Velha, porém, na Gameleira há um interesse também por grandes figuras curvilíneas, muito comum em zigue-zague, alguns traços semi-paralelos, que eventualmente se sobrepõem aos círculos. Este painel possui algumas zonas bastante erodidas, o que dificulta em partes a percepção das figuras, assim, há possibilidades de figuras não terem sido entendidas e/ou interpretadas.

No geral, os grafismos parecem ter um picote preciso, contínuo, onde as figuras, diferentemente de outros contextos com que trabalhei (Alcantara, 2015), não possuem nenhum esquema de preenchimento-contorno nas gravuras. Os corpos são feitos todos sem contorno, de onde saem os membros, pescoço e cabeça. As figuras me parecem ser feitas com percussão indireta (a partir dos argumentos apresentados em Alcantara, 2015), devido à precisão e profundidade dos picotes. É possível perceber algumas diferenças entre os picotes, como por exemplo, figuras em que parte dos picotes foi perdida devido à desplaquetamentos de partes do suporte durante o picoteamento (ver Alcantara, 2015). Em alguns painéis, inclusive, é comum haver nuvens de pontos de picote espalhadas entre as figuras, que me parecem serem antrópicas.

As principais diferenças de pátina me parecem ser apenas entre todo o sítio e o painel IV, em que é evidente o impacto de um recobrimento de calcita, que, por consequência acabou por mudar intensamente diversas características dos picotes, mas que me aparenta ser oriunda apenas de uma dinâmica do próprio abrigo, não sendo relacionado a uma diferença cronológica.

V. PENSANDO SOBRE A PAISAGEM: POSSIBILIDADES ANALÍTICAS E DIÁLOGOS ENTRE FERRAMENTAS.

Para a análise paisagística, temos uma seleção que precisa ser indicada. Optei por fazer na dissertação uma análise de paisagem muito restrita. Essa restrição advém de múltiplas escolhas e limitações. Primeiramente, o aprendizado junto aos softwares de processamento de dados georreferenciados me foi longo. Suas portas vão se abrindo aos poucos, conforme seguimos nos acostumando a eles, e eles a nós. A concepção paisagística a partir da cartografia digital ganhou formas muito distintas a mim, conforme aprendi a lidar com o conjunto de informações passíveis de serem cruzadas, processadas e transformadas em imagem.

Assim como a fotografia, o processo de aproximação com o uso, com a prática constante, conversando com pessoas que possuem conhecimentos outros que o seu, vídeos explicativos, troca de e-mails, conversas, dúvidas, com o tempo criamos novas percepções e maior intimidade com a ferramenta (entendendo aqui o SIG⁵⁰ como um todo). Foram longos dias e noites em busca da compreensão da forma na qual os softwares funcionam, que tipo de informação são capazes de entender, qual o diálogo necessário a se criar com os mesmos para que nossas capacidades criativas fossem sintonizadas de alguma maneira.

O processo intenso do uso destas ferramentas acabou por gerar, inicialmente, um entendimento mínimo de como cada uma delas é capaz de operar, e uma tentativa maçante de tentar moldar as ferramentas do programa aos meus interesses. Isso, obviamente, não deu certo, mas ao mesmo tempo permitiu que eu chegasse a possibilidades que mais se aproximavam de meus interesses gerais. Assim, chegamos a um acordo momentâneo. Esta análise foi realizada utilizando os programas Grass GIS 7.4, QGIS 2.18.17, Google Earth Pro, Geosetter 3.4.16 e GPS trackmaker 13.9⁵¹, todos eles são ou possuem versões livres e públicas ao uso de qualquer pessoa com acesso aos recursos demandados.

⁵⁰ Sistema de informação geográfica.

⁵¹ <https://grass.osgeo.org>, https://www.qgis.org/pt_BR/site/, <https://www.google.com/earth/download/gep/agree.html>, <http://www.geosetter.de/en> e www.trackmaker.com para acesso aos sites de cada um dos softwares

A maior parte do processamento de dados foi realizado no Grass e transferido para o QGIS para a composição dos mapas. Quanto ao trackmaker, seu uso foi restrito à organização dos dados de GPS e o Geosetter, responsável pela associação das trilhas geradas pelo gps com as fotografias em campo. As informações mais detalhadas serão discutidas ao longo das análises, para serem melhor compreendidas associadas aos seus exemplos de aplicação gerados aqui.

Uma das principais questões que permeiam o uso do SIG enquanto ferramenta neste trabalho é sua proposta teórico-metodológica. Se partirmos de uma discussão fenomenológica, a idéia do uso de uma cartografia padronizada parece estranha. Sim, ela é, em toda sua história, contraditória, ao meu ver. A concepção de uma cartografia ‘universal’, constituída em busca de capacidade representativa de realidades tridimensionais em elementos geoprocessados em bidimensionalidade me parece pouco reflexiva, quando considerados os aspectos de cada uma das experiências (do mapa e da paisagem) e suas diferenças mais cruciais: considero aqui, entre elas, a diferença entre uma experiência em campo e uma experiência cartográfica e todos os sentidos envolvidos e suas formas de envolvimento em cada uma das atividades, assim como a bidimensionalidade versus uma tridimensionalidade – que também é válida para o uso da fotografia enquanto recurso analítico.

As duas metodologias trazem contrastes ímpares, que impactam diretamente na forma de se aproximar de um contexto. O que gostaria de argumentar aqui, assim como discutido no capítulo segundo, é que ambas as formas de olhar para um lugar *são* experiência. De natureza muito distinta, de conteúdos muito distintos, mas continuam o sendo. Não pretendo, aliás, dizer que em alguma medida uma ou outra é melhor ou pior do que a outra, mas elas, efetivamente, lidam com perspectivas-no-mundo e com possibilidades de ‘conhecer’ lugares por perspectivas diferentes e com limites muito diferentes. Em hipótese alguma acredito que uma experiência em laboratório, a partir do geoprocessamento é capaz de por em diálogo informações que em campo, em corpo, em movimento, poderíamos construir. A presença, a relação com o ambiente é fundamental, uma vez que é aí, fundamentalmente, que iremos construir diversas das nossas percepções sobre a paisagem, as pessoas, os lugares, cheiros; é ai que criaremos uma série de laços, sentimentos e memórias.

Ao mesmo tempo, no momento em que vejo uma paisagem na qual já andei, caminhei, com que me familiarizei em modelos cartográficos, tenho a oportunidade de cruzar formas de experiência distintas. O mapa, a rigor, poderá dar informações em macro-escala, que com certeza irão indicar diversas áreas a que nunca cheguei, nunca vi com meus próprios olhos, em que não construí memórias. Ao mesmo tempo, irá me apontar para áreas nas quais meus próprios pés já pisaram, o que me traz um certo entendimento, a partir daí, de diversas outras áreas do próprio mapa. Acaba funcionando com uma projeção experiencial, que faz com que parte dos meus entendimentos de certas locais de uma paisagem funcionem como elementos comparativos para pensar sobre áreas que eu ainda não conheço diretamente. Pensando nos termos de Gibson (1986), e seus modelos de visadas diretas e indiretas (quando os objetos não precisam ser vistos completamente, ou mesmo vistos para se projetar possibilidades sobre eles), o mesmo me parece valer para as paisagens, em alguma medida⁵².

Na junção das idéias, o que me parece é que, na constante contradição deste trabalho, estamos em mais uma delas. Consciente, experimental e em construção, trabalhar a cartografia ‘tradicional’ com a perspectiva da experiência parece ser possível, em alguma medida, quando se assume a incompletude e as limitações da idéia de uma cartografia representativa. O mapa é um recorte, uma interpretação, o estabelecimento de um discurso sobre uma paisagem. E precisa, ao meu ver, ser entendido assim. As discussões das cartografias sociais (ver ACSELRAD, 2013, por exemplo) tem caminhado para um entendimento dos processos de construção cartográficos que estão muito atrelados à experiência das pessoas que habitam aqueles lugares. O trabalho de Basso (1996), por exemplo, trata o território e estabelece uma possibilidade etnográfica de construção cartográfica bastante interessante nestes termos.

Talvez, aqui, eu devesse ter feito uma tentativa de criar mapas a partir da minha própria perspectiva, e talvez venha a fazê-lo no futuro, porém, dentro do escopo estabelecido para este trabalho, o entendimento das metodologias desta cartografia dita mais tradicional foram escolhidos. Escolhidos porque havia uma necessidade pessoal de entender e conhecer melhor seus mecanismos e possibilidades para lidar com seus

⁵² Mais uma vez, toda essa reflexão está diretamente conectada com a minha experiência e percepção dos meus processos de associação e estabelecimento de relação com a paisagem.

resultados e discussões possíveis. Portanto, esta é a ‘cara’ deste capítulo. O contato, em mim, de possibilidades que caminham em direções próximas e distantes, de formas de caracterização, formalização, desformalização e aberturas de si.

Pensando a paisagem e seus fluxos

Pois bem, chegamos, após essa introdução, ao nosso contexto de pesquisa. A área de pesquisa focada fora a região de Monjolos, até então. Para a análise paisagística, meu interesse se expande, considerando o limitado número de sítios conhecidos nesta área. Expande-se, porém, para uma área específica e com interesses específicos. Como se sabe, a Serra do Cabral, Jequitaí, Lagoa Santa e Diamantina circundam Monjolos, e em todos os contextos, os grafismos rupestres foram mais ou menos intensamente estudados, porém, para este texto, meus esforços vão se voltar para discutir a relação com a região diamantinense.

Mas por que Diamantina? Primeiramente, parte fundamental do meu conhecimento sobre os grafismos da dita Tradição Planalto está atrelado a esta área. Ao mesmo tempo, Monjolos se tornou foco de minha pesquisa em diálogo constante com as problemáticas geradas para a área Serrana a partir dos anos de pesquisa. Assim, cheguei à borda da Serra para conhecer e estudar os sítios que ali já ocupavam o calcário, sempre tendo em mente as suas possíveis relações com o Espinhaço meridional.

Com isso em mente, eu tinha algumas opções, que foram, durante o tempo de mestrado, sendo selecionadas associadas às liberdades e limitações da pesquisa. A duração e quantidade de campos foi um fator fundamental nesse quesito. A expectativa de campos mais longos e duradouros foi restringida a campos curtos e muito focados em conhecer os sítios e as áreas no entorno próximo. Em apenas um dos campos o esforço foi voltado para uma prospecção, que foi feita, em especial, na região do contato entre o Cráton e a Serra, devido à falta de informação sobre esta área. Ainda assim, os caminhamentos foram muito limitados, apesar de serem amostras bem distribuídas em termos de área e feições.

Logo, a possibilidade de uma discussão mais extensa de paisagem baseada em caminhamentos em extensas áreas, de idas e vindas aos sítios e locais próximos, a prospecções intensas não foi possível. Outro movimento foi possível, e este foi o

casamento entre discussões que envolvessem a experiência e os caminhamentos em campo com uma discussão cartográfica a partir do geoprocessamento.

Zedeño, Hollenback e Grinnel (2017), em diálogo constante com Basso (1996), apontam para a importância de se pensar não só os lugares, mas também os caminhos, considerando-os partes fundamentais do estabelecimento de territórios e são trechos de primeira relevância em termos de cognição, atribuição de significado e de manejo social de recursos e interesses. Os caminhos podem ser formados seguindo diversas possibilidades, que podem estar associadas a recursos básicos, como água e caça, mas também com elementos da forma em que percebem as pessoas a paisagem, significados que os lugares vão cultivando e estabelecendo laços.

Trabalhando, portanto, com o limite do meu conhecimento sobre SIGs, optei por fazer algumas análises de ferramentas com algoritmos e scripts prontos, que ou faziam parte do Grass, ou eram add-ons⁵³. O que foi feito, portanto, é se extrair um conjunto de informações topográficas a partir de imagens de satélite (rasters SRTM), dentre elas declividade, curvas de nível e hidrologia, para então, a partir dos pontos dos sítios, criar estimativas de gastos temporais para movimentação, irradiando de um ponto específico e caminhos que conectavam pontos a outros. Cada uma dessas ferramentas está baseada em dados brutos fornecidos pelas imagens, que são computados e analisados a partir de um algoritmo que estima, por exemplo, no primeiro caso, o gasto em segundos de uma pessoa caminhando por aquela paisagem, fazendo uma análise de declive da área indicada. Esse cálculo é possível porque o algoritmo utilizado, além de já estar lidando com os dados de declividade extraído anteriormente e de elevação, possui um cálculo de estimativa de movimentação sobre o terreno, levando em conta as declividades e possivelmente outros elementos que sejam contundentes para a avaliação de gasto temporal de deslocamento.

Além desta análise, foi feita uma análise de visibilidade, que permitia, a partir da elevação do relevo, criar mapas de visibilidade dos sítios (individualmente e em conjunto), das áreas do arredor, e inclusive entre os sítios⁵⁴.

⁵³ Por se tratar de um software livre, é comum a elaboração de ferramentas por parte dos usuários, que disponibilizam ao uso público.

⁵⁴ A saber, as ferramentas utilizadas no Grass são as seguintes: `r.cost`, `r.walk`, `r.drain`, `r.viewshed` e `r.viewshed.cva` para as análises e `r.contour`, `r.slope.aspect`, `r.watershed`, `r.extract.stream`.

Estas são, no geral, formas analíticas de relevo amplamente conhecidas, e de certa maneira, já utilizadas em diversos trabalhos arqueológicos. A minha intenção, porém, é utilizá-las em um diálogo constante com outras perspectivas da paisagem, buscando aqui, lidar com as incongruências das análises ‘duras’ que dialogam diretamente com expectativas de representação da realidade, com perspectivas experienciais.

Experiência e cartografia em diálogo: quais caminhos seguir?

Como já descrito anteriormente, os conjuntos de sítios, da região de Monjolos se localizam no cráton. Estes sítios, de maneira geral, se concentram em certos conjuntos, anucleados no entorno de dois afloramentos, com exceção da Lapa da Gameleira. Entre os núcleos do maciço do Cafundó e o da Fazenda Velha, há apenas 5km em linha reta, e 8km entre a Lapa da Gameleira e o primeiro. Entre a Fazenda Velha e a Gameleira, são menos de 3km. Em todos os casos, considerando a extração a partir da topografia dos cursos d’água da região⁵⁵, as áreas possuem conformações de relevo que indicam a existência de antigas cabeceiras (que hoje podem ser cursos intermitentes, pois desconheço a região em períodos de chuva). Além das cabeceiras próximas, os sítios estão circundados, em um raio de poucos quilômetros, por três rios perenes, sendo eles, a leste (na borda da Serra do Espinhaço), o rio Varas, a Sul, Pardo pequeno, e a Norte, Pardo Grande. A área circunscrita por estes, tem cerca de 15km por 10km.

A convergência geral da drenagem segue pelo Pardo Grande (que recebe tanto o Varas quanto o Pardo Pequeno), até desaguar no rio das Velhas. Ainda em consideração às drenagens, os sítios do maciço da Fazenda Velha e a Lapa da Gameleira se localizam – Gameleira para o Pardo Grande e sítios da Fz. Velha para o Pardo Pequeno – no interflúvio das microbacias dos referidos rios, e também de uma pequena drenagem que alimenta o córrego do Varas, que em poucos quilômetros se encontra com o P. Grande.

Esta associação com o interflúvio implica em que os sítios do Maciço da Faz. Velha se localizam nas áreas mais altas desse “triângulo” terrestre delimitado por estes três rios, em cotas próximas de 730 metros, seguido da Lapa da Gameleira a 610 metros e por

⁵⁵ Extração da hidrologia a partir de algoritmo.

fim, os sítios do maciço do Cafundó, quase à margem do Varas, a 580 metros.
Considerando

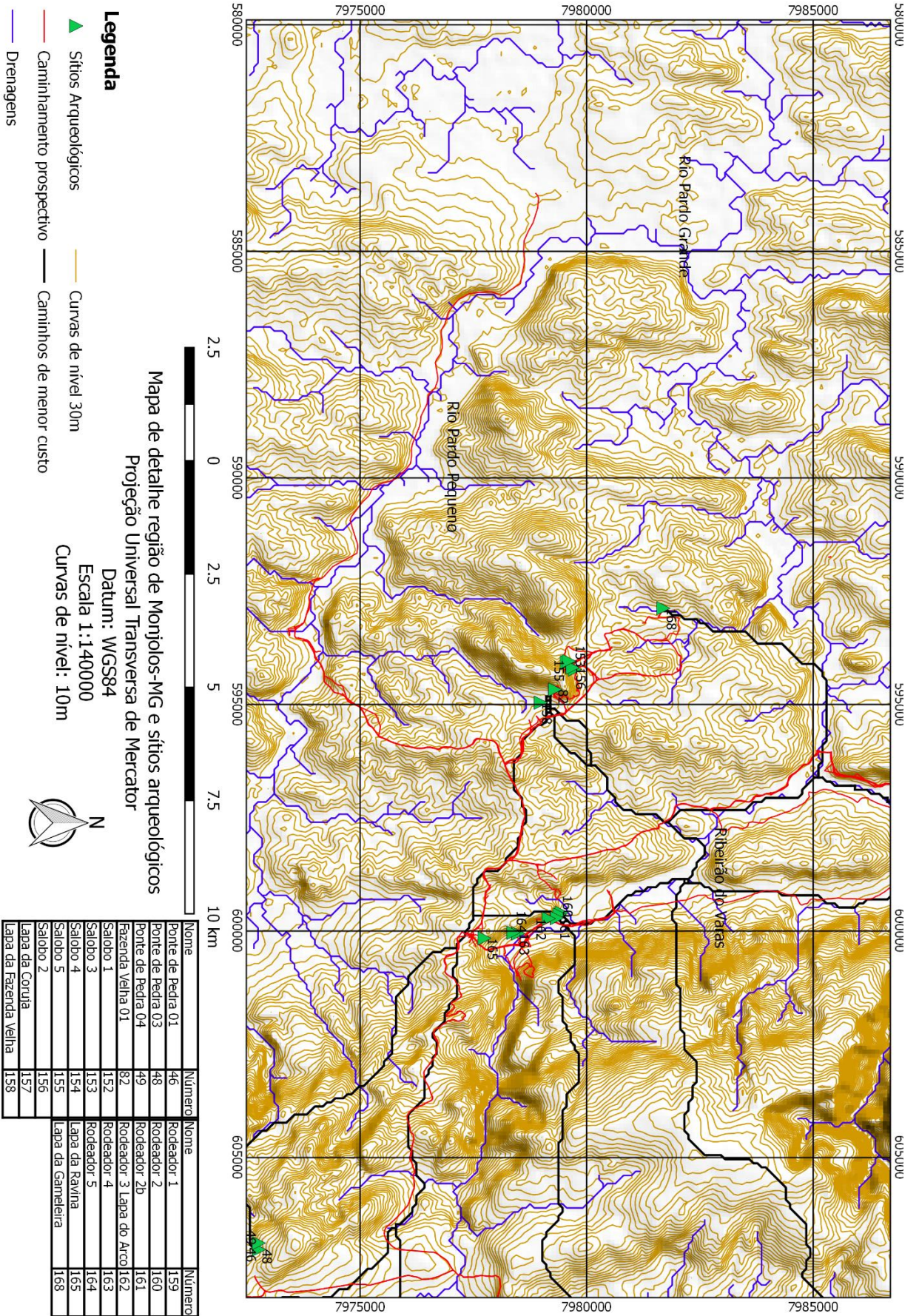


Figura 37 Mapa de detalhe da região de Monjolos-MG e Rodeador-MG.

a zona mais alta deste trecho, que seria o topo do afloramento referente à Fazenda Velha, com uma altitude de 810m, teríamos uma das áreas de maior visada disponíveis, que chega a 60km em direção oeste, para o cráton sanfranciscano, vendo parte da Serra do Cabral e das Serras do Repartimento e Gerais, que definem um limite topográfico em termos de altitude de drenagens nascentes que dali só conhecem o contato com as águas do rio São Francisco, próximo a Três Marias. Já para o lado do Espinhaço, sua visada tem uma média de 12km, considerando o contato da Serra com o cráton, adentrando-a, chegando até, nos pontos máximos, 16km, bem próximo à Lapa do Caboclo. Considerando aqui uma diferença nítida entre estar no ponto mais alto do afloramento, versus a localização dos sítios, que possuem uma visão muito mais limitada, conforme o mapa da Figura 39.

A área do maciço do Cafundó já possui uma área de visada muito mais restrita, considerando suas cotas muito mais baixas. Em cima do afloramento, ou na visada de alguns dos sítios (no Mapa da Figura 40, temos o exemplo do Rodeador 2), as distâncias e áreas visíveis são quase as mesmas, com algumas exceções de inserção (os sítios mais a sul teriam uma visada menor da parte norte), que se estende quase que exclusivamente para Norte (cerca de 16km), porém com poucas áreas nestes trechos visíveis, e apenas alguns quilômetros (2-3km) em direção ao Espinhaço. Quando estamos nos sítios, a visada me parece bastante coerente com a análise cartográfica de elevação, pois as áreas a norte são bastante visíveis, em especial devido à suavidade do relevo e uma grande dolina bem próxima do afloramento. As vistas alcançam longa distância rumo ao Norte, bordeando a Serra e pequenos maciços calcários (ver Figura 38). É bastante evidente o quanto a área da serra do Espinhaço chama nossa atenção, com centenas de metros de desnível e uma mata mais alta, fechada, com seus pequenos rios descendo e marcando muito claramente partes dos trechos nos quais estão navegando para chegar ao Cráton.



Figura 38 Vista a partir da extremidade norte do maciço do Cafundó. Possível ver a presença marcante da Serra do Espinhaço na paisagem, assim como de relevos mais suavizados por parte do calcário.

No caso dos Salobos (visada feita a partir do Salobo 1), sua visada está muito voltada para Nor-Noroeste, vendo parte dos afloramentos na margem direita do Pardo Grande e a parte sul da Serra do Cabral. Com a Fazenda Velha, diferentemente no topo do afloramento, a visada é bem mais restrita a trechos a leste e a sul, apesar de ter uma faixa visível até cerca de 20km. No geral, o esquema de visibilidade nas áreas dos Salobos me parece um pouco mais restrito do que a proposta a partir das cotas de elevação. As áreas mais altas do afloramento e mesmo em seu entorno em cotas mais baixas apresentam uma

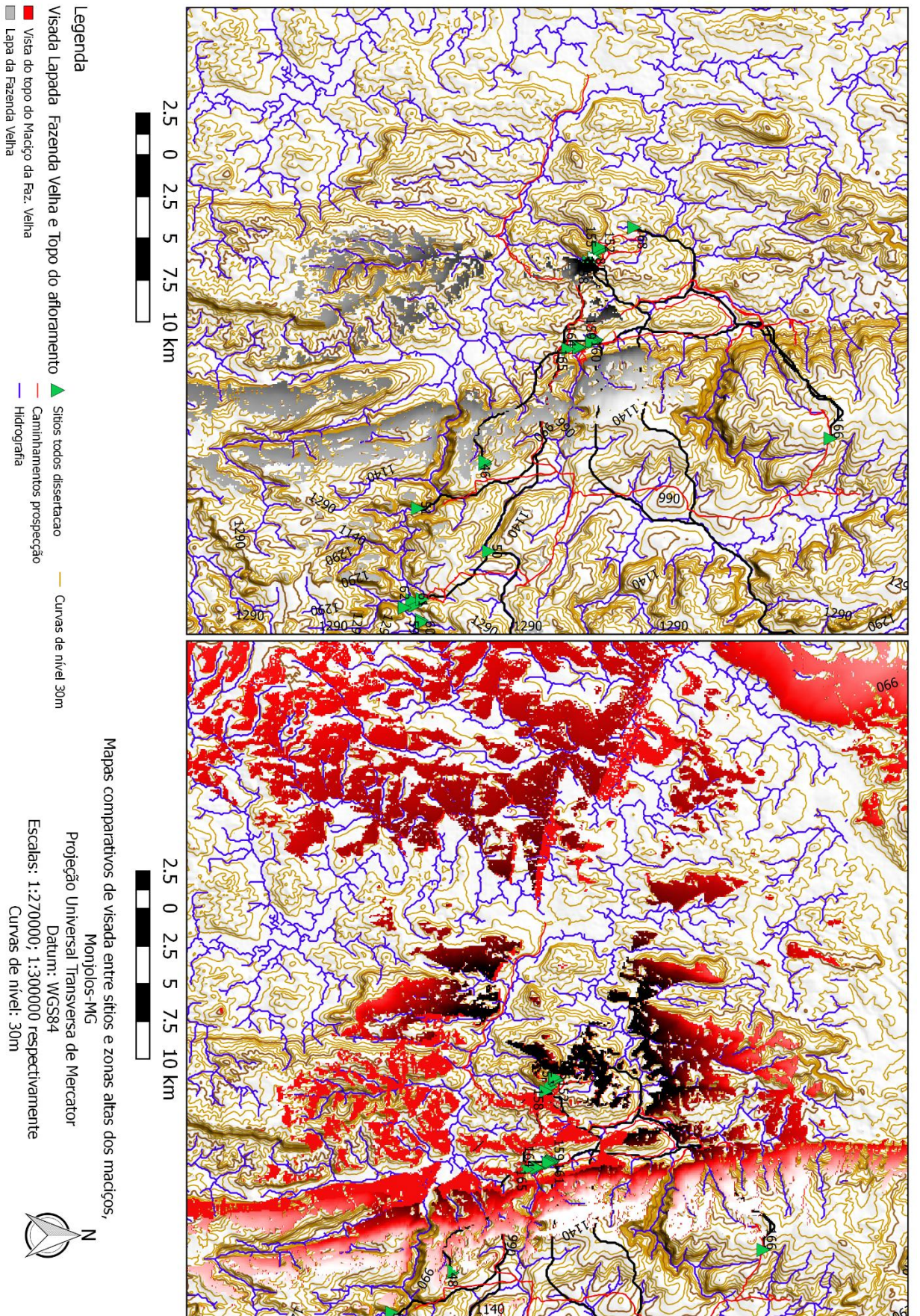


Figura 39 Comparação entre visada do sítio da Lapa da Fazenda Velha e do topo do afloramento.

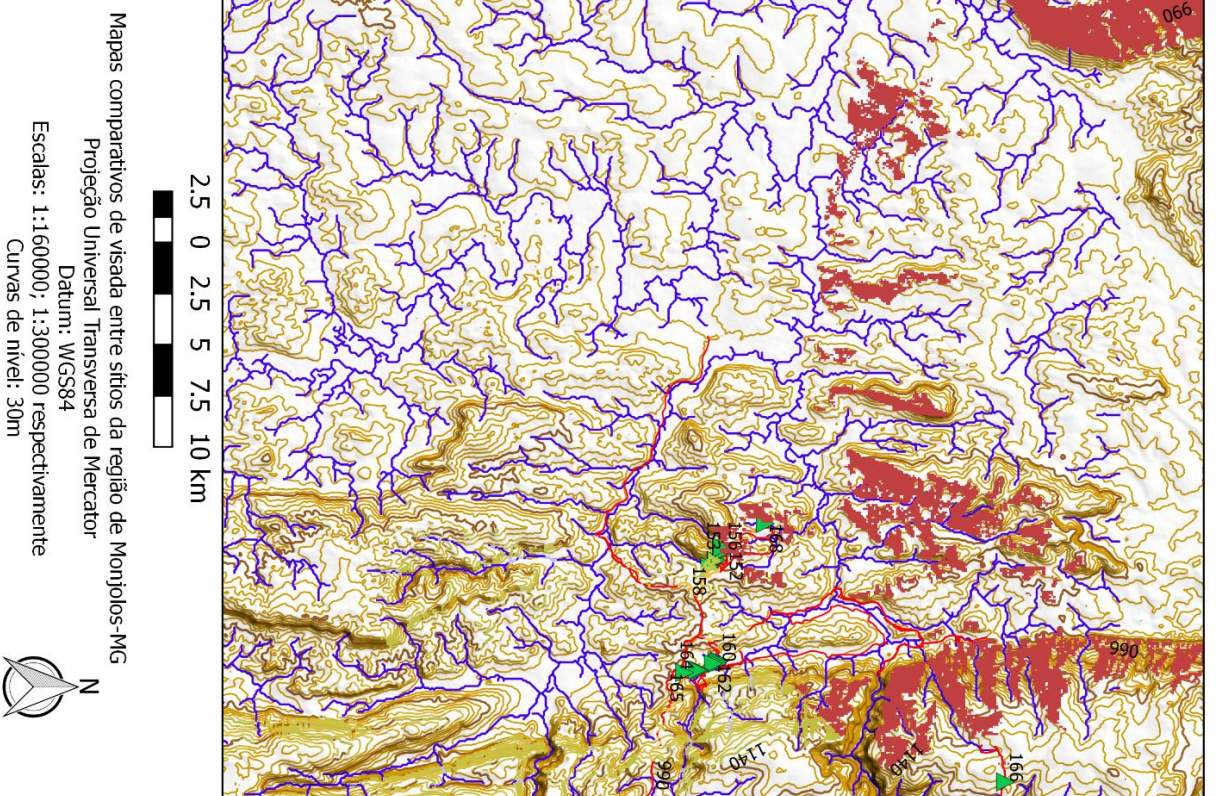
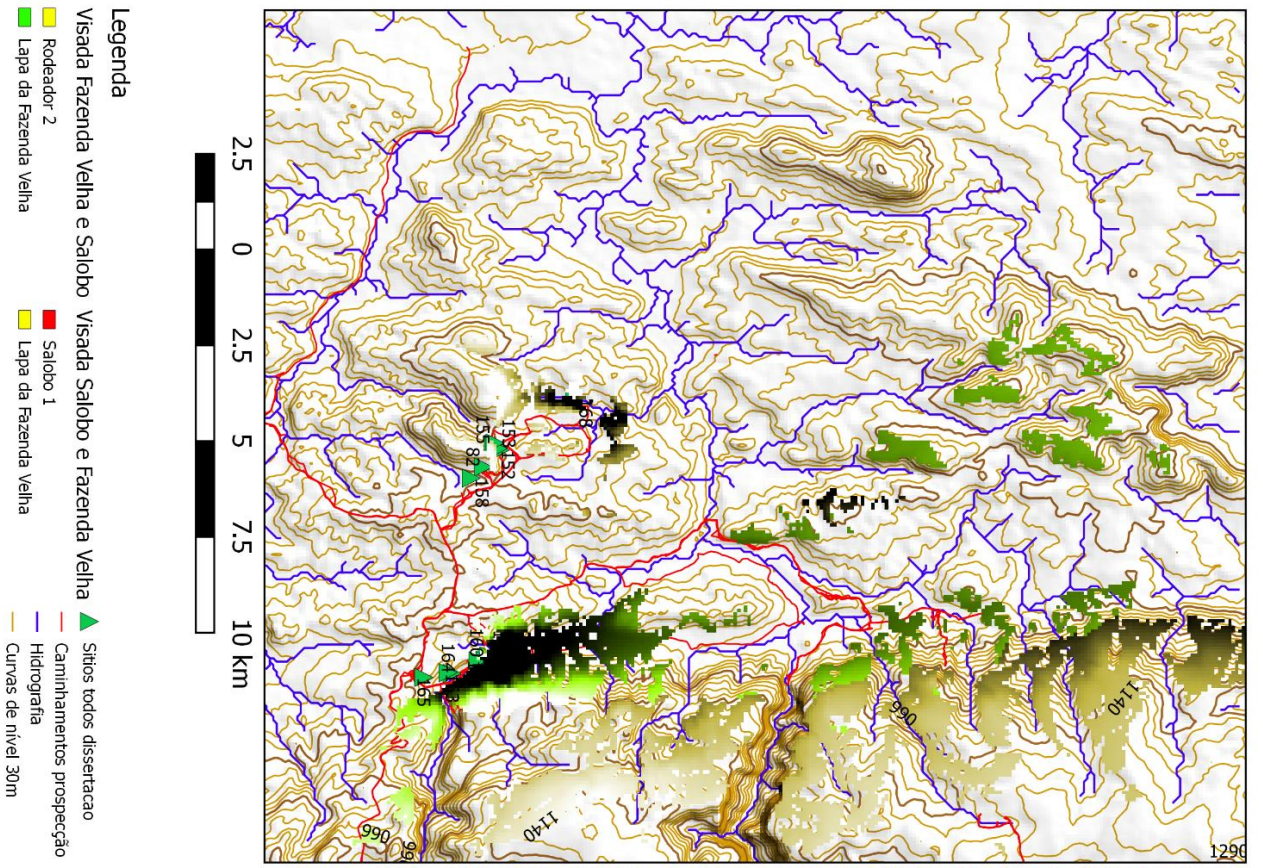


Figura 40 Comparação e associação entre visadas de sítios da região.

vegetação mais alta, o que gera uma certa densidade e impedimentos visuais. Apesar disso, é bastante coerente, e parte a nordeste, norte e noroeste são visíveis, o que inclui o pôr do Sol (Figura 24, c e d).

Quando se fala da Gameleira, entendo que a dimensão da visada proposta para essa paisagem em campo e a partir da cartografia, são muito diferentes. Apesar de compartilhar cotas relativamente mais altas, a visibilidade no entorno da Lapa é muito pequena, com a atual vegetação. A mata é alta, com árvores mais baixas, que rapidamente criam um mar de verdes, marrons e amarelos, que limitam a nossa vista rapidamente (ver Figura 41). Talvez em pontos mais altos do afloramento, seja possível ter uma visada mais ampla.



Figura 41 Visada frontal da Lapa da Gameleira.

Na zona do Espinhaço, fiz o cálculo de visada para oito sítios; dentre eles, é muito perceptível a diferença da distância das visadas, em contraste com a zona de planície. As visadas são bem mais curtas e com menos visibilidade lateral, além de que pequenas faixas, às vezes distantes são visíveis, mas com uma cobertura muito limitada. Outra coisa a se ressaltar é que quase não há sobreposição entre as visadas dos sítios do cráton e do Espinhaço. Se em alguma medida a visada era importante para a escolha de alguns

destes sítios, o que me parece é que parte deles tem posições muito interessantes para visualizar parcialmente os vales nos quais normalmente se inserem e algumas feições com alta visibilidade de diversos pontos da região.

Outra análise realizada, a de tempo necessário para chegar a certas áreas, gerou algumas informações interessantes. Considerando que o programa faz uma estimativa temporal de movimentação, a partir de um cálculo de velocidade média de caminhada (cerca de 5km/h na medida do programa) e de suas variações de acordo com os declives do terreno. Talvez como uma forma de tentar dialogar mais diretamente com este cálculo, fiz algumas comparações com trechos percorridos por nós no campo de prospecção e do mesmo trecho, conforme o cálculo do programa, considerando uma área com relevo bastante aplainado, versus alta declividade.

Incrivelmente, a semelhança é muito grande. Em um dos trechos, havíamos levado cerca de duas horas para percorrer cerca de 2,2km. Dentre estas duas horas, cerca de 52 minutos foram parados, verificando alguma área que nos chamara atenção, ou em descanso. Levamos, portanto, cerca de 1:10h para percorrer este trecho. Através da ferramenta do Grass, o cálculo foi de 4389 segundos, ou seja, 1:21h. No caso da trilha de alta declividade, fizemos o trecho em cerca de 4:40h, incluso algumas paradas, que levaram ao menos meia hora. Os cálculos realizados pelo software indicaram cerca de 4:58h para completar esse trajeto.

Considerando os dados desta comparação, podemos ter, ao menos para alguns padrões ocidentais de movimentação, uma margem de erros e acertos. A proximidade dos cálculos e de trilhas realizadas efetivamente no mesmo trecho, apontam para uma possibilidade de uso da ferramenta, ao menos para fins comparativos com o 'ritmo' utilizado em campo. Acredito, porém, que de um modo geral, estes dados servem de referência para uma discussão mais ampla.

Considerando parte importante das classificações realizadas na Arqueologia brasileira, temos uma recorrência marcante de secções regionais que estão comumente limitadas a o que acabam por se tornar núcleos de pesquisas que se concentram a áreas muito específicas. Obviamente é uma política inclusive de gestão de recursos, considerando a abrangência dos financiamentos atuais, porém, ao que me parece, esses recortes acabam

por recortar, também contextos mais amplos, que acabam por ser desconectados em termos de redes de relações e trocas. O mesmo acontece, me parece, para sítios que apresentam recursos materiais um pouco distintos e que, mesmo se inserindo próximos a outros núcleos de ocupações, são considerados ímpares, de forma que as diferenças encontradas não são colocadas em um patamar de relevância, que intensifique a discussão de ocupação e relação entre grupos.

Isso, dentre muitas questões que fazem parte de construções de entendimento de contextos restritos, princípios de difusão cultural, ‘intrusões’, etc. que estão atrelados a percepções teórico-práticas dos limites, capacidades, percepções e inventividade dos grupos culturais (e que na minha opinião, há uma constante por parte das arqueólogas e arqueólogos de dar muito pouca capacidade criativa e perceptiva a estes grupos).

De um modo geral, acredito que não tenhamos noção das capacidades de mobilidade dos grupos. As idéias de gestão de recursos e território, apesar de haver trabalhos há muitos anos que avaliam e indicam possibilidades contrárias aos de baixa mobilidade, continuam nas pesquisas, e perpetuaram por muitos anos, estando subentendidas dentro de propostas analíticas que valorizavam e indicavam apenas ocupações a áreas pequenas. Se pensarmos que a velocidade média utilizada para o cálculo no programa é baseada em uma capacidade de caminamento de até 5km/h, e que como alguns exemplos etnoarqueológicos e etnográficos apontam para uma potencialidade de mobilidade de grupos tradicionais muito intensa, e da normalidade de viagens de alguns dias para efetuar alguma tarefa, ir à algum lugar específico, etc. (Binford, 1983; Clastres 1978; Alcantara e Silva, 2015) Talvez valha a pena uma maior reflexão sobre como certas informações de outras formas de habitar o mundo pudessem ser absorvidas nos trabalhos arqueológico, buscando quebrar alguns limites de pesquisa.

O mesmo vale para a supervalorização dos sítios em abrigo, o que leva, em várias regiões do Brasil, a termos contextos montados que estão baseados exclusivamente nos mesmos. Esta forma de construção de conhecimento foi sendo guiada a partir inclusive de questões logísticas e metodológicas, que fomentavam a necessidade das estratigrafias de longa duração e com poucas interferências. Grandes cenários, são criados, portanto, por poucos sítios e de um tipo de contexto específico.

O que pretendo argumentar aqui é que, associado a todas as limitações que um processo de pesquisa carrega, me parece que a constância e a ‘imobilidade’ foram elementos fundamentais nas construções argumentativas, ainda que muitas vezes em segundo plano.

Com isso, acho que as propostas analíticas do geoprocessamento, em associação com as inúmeras etnografias que apontam outros modelos de movimentação, como o já citado estudo dos Apache, realizado por Basso (1996), com uma utilização histórica de certos lugares na paisagem e a grande dispersão dentro do território, o trabalho de Silva e Stuchi (2010), entre os Kaiabi, apontando as idas e vindas a locais já conhecidos e antropizados, dentre várias discussões acadêmicas e até mesmo técnicas das áreas utilizadas por grupos tradicionais, que apontam para um uso muito mais diverso, constante e extenso, podemos buscar quebrar algumas destas barreiras na arqueologia e tentar dialogar melhor com movimentos mais amplos, conhecimento mais amplo e criatividade mais ampla. A idéia não é, novamente, uma analogia, mas buscar pensar em outras formas e possibilidades de habitar o mundo.

Assim, chegamos ao contexto de pesquisa. Um contexto em que a Serra do Espinhaço é um grande marco na paisagem, e que se eleva a centenas de metros acima da área plana do calcário, com diversos rios perenes, maiores ou menores, que se aventuram a descer e serra e seguir seu caminho até o Velhas e finalmente ao São Francisco. Rios que nascem em uma serra que abriga os interflúvios para o Velho Chico, Jequitinhonha e Doce. Os cursos d’água figuram como elementos importantes nas dinâmicas da paisagem regional, considerando seu papel em termos de recursos e de modelamento dos relevos.

A parte serrana se compõe no contraste dos campos e turfeiras, associados com os grandes afloramentos e os rios, entremeados. Estes trechos, apesar de eventualmente molhados, são ótimos companheiros de caminhada, normalmente são campos planos ou de baixo declive, com água por perto, áreas abrigadas, mata baixa. Considerando o trecho de Diamantina a Monjolos, que já fora pesquisado anteriormente, temos uma faixa de acesso relativamente fácil e de alta mobilidade.

Essas características se estendem, em maior ou menor medida até cerca de 5km do limite da borda oeste do Espinhaço). Nesse trecho, a Serra muda, como já falado em capítulos anteriores, e ganha uma cara mais ruiforme, com diversos cânions de grandes e pequenas proporções, que despencam os trezentos metros de desnível em menos de 1,5km de distância, formando cachoeiras, trechos com grande aclives e declives. Este trecho é tomado por um cerrado alto, com algumas concentrações de vegetação mais alta. É também uma área em que a incidência solar é alta, por estar em sua maior parte, exposta para oeste. As áreas de transição de cima para baixo parecem complicadas, difíceis de se transpor.

A parte do cráton, por fim, apresenta uma variação de relevo, mas é basicamente uma grande planície, com pequenos morros, de variações de altitude de até duas centenas de metros, e são maciços de calcário que estão em constante processo de erosão. Os rios ganham volume, e se encontram, seguindo rumo ao Velhas.

E como as ideias discutidas se inserem nesse contexto? Primeiramente, o trabalho foi pensado a partir destas três seções geomorfológicas. Propôs-se fazer uma análise das possibilidades de caminhos de relação entre o alto e parte baixa. Para isso, sugeriu-se alguns caminhos a partir das análises de menor caminho de custo, baseada no mapa de declividade do relevo. Em primeiro momento, o que se destaca é que muitos dos caminhos estão seguindo trechos de cursos fluviais. Isto poderia nos induzir a dizer que a água seria trechos de menor custo, uma vez que a lógica física da dinâmica de fluidos indicaria a mesma coisa.

Bom, isso é verdade. Ao mesmo tempo, me parece marcado pela proposta de caminhos e a distribuição dos sítios, que a associação entre os sítios e zonas próximas de nascentes ou cursos d'água é muito intensa, como já notado por Linke (2008). Vemos também que os caminhos nos ajudam a perceber uma associação entre os sítios entre si. Estes ocupam diversos afloramentos próximos à água, e o fluxo dos rios se associam a fluxos de sítios. Seguindo de leste para oeste, os sítios se aglomeram aos arredores do ribeirão do Varas e rio Pardo Pequeno; são 67 sítios em um trecho de 30km por 12km (cerca de 36 mil hectares), sendo que 30 deles estão diretamente relacionados às margens do Pardo Pequeno, 28 encontram-se próximos a afluentes, 8 em um interflúvio

que divide águas que descem para o Varas e para o Pardo Grande, e um está na margem do Varas (ver mapa em anexo).

Observando essa organização, pude perceber que até cerca de 5km da borda, havia sítios pré-coloniais – sendo os mais próximos Riacho do Varas 01 (5km) e Sítio Caminhos da Descida (6,5km) – apesar destes estarem mais a Norte e mais a Sul dos núcleos de sítios em Monjolos. A partir desta faixa, como já discutido anteriormente, há uma zona sem sítios conhecidos. Durante as limitadas prospecções, não fomos capazes de encontrar mais nenhum sítio neste trecho, o que nos sugere que podemos ter um problema de falta de caminhamentos (bastante possível), de metodologia de prospecção (mais uma vez, estávamos voltados a encontrar abrigos), uma escassez de formações rochosas favoráveis à formação de abrigos ou a um desinteresse por parte dos moradores da região em ocupar com pinturas lugares neste trecho.

Seja qual for a razão, estes dados fazem-me pensar que este trecho de ‘descida’ da Serra poderia ser um trecho com uma ocupação – pensando aqui os caminhos enquanto ocupação – voltada mais especificamente para o acesso à parte alta e/ou baixa. Uma conexão constante aos dois contextos geomorfológicos.

Como parece nos mapas topográficos, as descidas pelos rios são zonas de cânions muito profundos e de acesso difícil. As nossas tentativas de caminhar pelos cânions foram rapidamente confrontadas com trechos de travessia complicada, além de me parecer serem zonas perigosas em termos de volume de água. Em termos de declive, os cálculos do Grass também sugerem, em todos os caminhos testados, outros trechos do que os cânions. Porém, me parece difícil avaliar se a presença ou ausência de sítios nestas áreas seja devido à falta de passagem, uso, etc. pois considerando o restante dos contextos de descida que não os cânions, há uma ausência geral de vestígios de passagem que consigamos reconhecer, ou mesmo, e o que é bem plausível, uma prospecção mais intensa na área.

Quando chegamos, portanto, ao cráton, o cenário de inserção dos sítios é bastante parecido. Sete deles estão em um afloramento na margem do Varas, e seis deles no interflúvio da bacia do Pardo Grande e do Pardo Pequeno. Os sítios do interflúvio estão a 5km de todos os cursos d’água perenes ao redor, enquanto o restante está a algumas

centenas de metros. A manutenção da proximidade direta aos cursos d'água continua recorrente, desde os sítios mais interioranos da região serrana, quanto dos sítios já na planície e seus calcários.

VI. FECHANDO O TEXTO, ABRINDO POSSIBILIDADES

Bem, chegamos ao derradeiro e inexorável fim. Fim este que nunca se acaba e é sempre a volta ao começo. Fim que não existe, começo que não existe. Este trabalho visou compor uma sequência de estudos e trabalhos realizados na região de Diamantina e próximas, que vem sendo desenvolvidas desde 2003 pelo Setor de Arqueologia da UFMG e posteriormente também pelo LAEP (UFVJM). Estes dois centros de pesquisa são responsáveis pela maior parte do conhecimento produzido para a região em termos de arqueologia. Em consonância com suas pesquisas, esta dissertação visou lidar com sítios do 'contato' entre a região serrana e o cráton sanfranciscano, em Rodeador, Monjolos-MG.

Também em acordo com diversos outros trabalhos realizados na área (Linke, 2008; Oliveira, 2016; Leite, 2016), a paisagem fora um foco de discussão teórico-metodológico. Diferente destes autores, minha intenção era discutir mais amplamente a fenomenologia (Merleau-Ponty, 1945), focando em uma abordagem da experiência, da percepção, do movimento – baseado também em Ingold (2000) e Gibson (1986). Por experiência e movimento, pressupõe-se a necessidade de se estar no mundo, habitar o mundo, e sua relação estabelecida constantemente com seres, objetos, lugares. Buscar entender e assumir um papel ativo e presente de nós mesmos, enquanto seres construídos a partir da nossa experiência como humanos no mundo, e assim, inserindo na nossa pesquisa os nossos limites, percepções e capacidades.

A partir de Gibson, se discutiu uma série de idéias quanto à percepção a partir da visão, que poderiam de forma direta dialogar com a percepção da paisagem. Os conceitos de *affordance*, constância e inconstância das coisas são discutidos e relativizados, em diálogo, fundamentalmente com uma bibliografia etnográfica, cujo argumento aponta para a inconsistência da presunção de estruturas mutáveis e não mutáveis universais, uma vez que o que é constante ou inconstante à um objeto pode mudar de acordo com a percepção de mundo das pessoas. Considerando isto, portanto, aponto que estas propostas poderiam ser utilizadas em análises, desde que relativizadas e construídas a

partir de um ponto de vista que assume a diferença entre a percepção dos povos estudados e a nossa e não visa ser capaz de atingir “realidade” ou “verdades”.

A proposta que acredito ser a mais frutífera e fundamental deste texto como um todo e de toda a digressão teórica, é o movimento. Assumir o movimento enquanto metodologia de campo. Assumir o movimento e a experiência como elementos cruciais de todo o processo de pesquisa. E assumir o movimento como parte da dinâmica social, como parte do estabelecimento de territórios, ocupações. Movimento é relação. E só conhecemos o mundo em relação. Acredito que entender que metodologias de trabalhos em campo podem se basear na experiência de cada um em campo, em movimento, em relação com os lugares, teria grande potencial em nos ajudar a lidar melhor com as nossas próprias pesquisas. Caminhar é método. Conhecer os lugares, seus cheiros, texturas, cores, formas, é método.

As análises dos grafismos propostas aqui apontam para uma ocupação específica dos sítios e dos suportes, havendo uma separação temática muito marcada entre zoomorfos e grafismos geométricos. As únicas exceções são os sítios de grande densidade gráfica – Lapa da Fazenda Velha e Lapa da Gameleira – que, apesar de ambos, geométricos e zoomorfos, ocuparem os mesmos painéis, mantêm entre si uma relação de sobreposição bastante limitada. Ao contrário, a relação de sobreposição entre zoomorfos é bastante intensa em quase todos os sítios (exceção da Lapa da Fazenda Velha).

As escolhas dos suportes também possuem algumas especificidades, com relação a visibilidade. Os zoomorfos normalmente se concentram em painéis amplos, mais homogêneos, normalmente com visibilidade ampla. Por visibilidade ampla, entendo por paredes mais verticalizadas, altas ou baixas, visíveis a partir de ao menos uma dezena de metros. Atualmente, não necessariamente as figuras são vistas de maiores distâncias, tendo em vista o estado de conservação das pinturas nessa região. No caso das figurações geométricas, a escolha de suportes já é mais variada, e os grafismos tendem a ocupar nichos menores, painéis mais restritos, pequenos tetos e concreções. Há casos em que estas figuras estão em painéis mais visíveis e amplos, porém são normalmente figuras pequenas (10-20cm) ou inseridas entre concreções e nichos presentes no suporte, limitando sua visibilidade a distância. As figuras geométricas como um todo tendem a não se sobrepor intensamente, normalmente colocando-se próximas,

encaixando-se ou com pequenas sobreposições periféricas. Existem exceções à regra, que aparecem em alguns sítios, já discutidos anteriormente.

Em termos de gravuras, temos um cenário diverso e restrito ao mesmo tempo. A Lapa da Fazenda Velha apresenta uma intensa ocupação, em associação às pinturas, com uma ocupação de painéis bastante particular, com uma escolha temática particular. Apesar do sítio ter especificidades, compartilha, ao mesmo tempo, escolhas que aparecem em outros sítios da região. A escolha dos suportes, a segregação formal entre suportes verticais e sub-horizontais, propostas de sobreposição conectivas entre as figuras, e uma aparente predominância da percussão indireta com cinzel.

De maneira geral, existem vários elementos estilísticos que corroboram uma associação entre os grupos pintores do alto da Serra do Espinhaço e do cráton. Primeiramente, diversas figuras zoomórficas dialogam diretamente entre si, no que diz respeito à volumetria, forma, composição e sequência gestual, inclusive encaixando-se dentro das descrições de conjuntos realizadas para a Serra por Linke e Isnardis (2012). Ainda, considerando os conjuntos gráficos geometrizados, a zona mais interiorana do alto da Serra apresenta conjuntos pouco frequentes, porém, ao se encaminhar para a borda, alguns sítios se destacam. Existem conjuntos muito parecidos formalmente e nas escolhas de suportes, assim como alguns sítios e painéis exclusivos de ocupações com grafismos com estas características.

As formas de ocupação dos suportes pelos conjuntos zoomorfos me parecem dialogar com os conjuntos do alto da Serra, se pensarmos nas escolhas de painéis amplos, mais homogêneos, com sobreposição mais intensa entre zoomorfos. Ao mesmo tempo, temos diferenças importantes, como a ausência de grandes painéis com intensa sobreposição de mesma temática (apenas entre cervídeos, por exemplo) pintados, o que ocorre por exemplo, na Lapa do Caboclo e na Lapa do Boi. Têm-se, portanto, uma recorrência em parte das escolhas, mas não em todas elas.

Isso é interessante também ao pensar na Lapa da Fazenda Velha. É o sítio da região com a ocupação mais intensa de grafismos, porém, em oposição aos sítios do alto, é mais intensamente povoada por grafismos geométricos, e não zoomórficos. Existem áreas no

sítio que comportariam grandes cervídeos, por exemplo, mas que não foram utilizadas para tal finalidade.

De um modo geral, acredito fortemente em um diálogo direto entre as áreas, e que pode se pensar em movimentações dos grupos entre as partes altas e baixas, a partir de um compartilhamento de repertório gráfico (em termos estilísticos, considerando não só aspectos formais). A proposta de análise paisagística visou colocar em diálogo uma possível relação entre as áreas, vogando por uma discussão que flexibilizasse um entendimento geral de estabilidade e restrição de relações (seja entre grupos, seja territorial) mais expandida e que permitisse um fluxo mais intenso e criativo de trocas e mudanças. Com isso quero dizer que entender os conjuntos em separado devido à uma escolha formal ou geográfica, por exemplo, pode ser pouco produtiva em termos de análises contextuais micro ou macro-regionais.

A partir do geoprocessamento e da experiência em campo, algumas propostas foram levantadas considerando a capacidade de diálogo entre medições métricas e cálculos do geoprocessamento com as situações experienciadas em campo, levando em conta os caminhamentos e projeções. Em alguns casos, as projeções foram coerentes, em outros, foram pouco produtivas. A assumpção de funcionalidade do geoprocessamento sem as etapas de campo me parece perigosa e em certos casos, pouco analítica ou funcional. Evidentemente que estamos lidando diretamente com um contexto que pode outrora ter tido outra configuração vegetacional, hídrica, dentre tantas variáveis paisagísticas, mas acredito, como advogo durante todo o texto, que a pesquisa deve estar associada diretamente com o nosso estar em campo e com a vivência com os lugares que estudamos.

As análises cruzaram informações de visada, hidrologia, topografia e projeção de caminhos de acesso às zonas do cráton a partir de sítios do alto do Espinhaço, que indicaram possibilidades de associação dos sítios da área do cráton, assim como da parte alta (conforme Linke, 2008; Oliveira, 2016), com os cursos d'água, sejam nascentes e pequenos afluentes, seja com o curso principal dos rios. Além disso, uma ocupação marcada em zonas de interflúvio, em ambos os contextos. As análises de visada sugeriram possibilidades de que alguns sítios poderiam ser escolhidos a partir de

potencialidade de ver a uma grande distância, ver muitos outros sítios e lugares que poderiam ser importantes enquanto marcos paisagísticos.

Esta dissertação, como já dito anteriormente, é fruto de incômodos teórico-metodológicos, e de uma contradição constante. Acredito que as relações entre teoria-metodologia-análise se confrontam, se misturam, se harmonizam e desarmonizam. A sequência temporal de como as coisas se organizaram durante a elaboração deste texto. Os anseios surgem desde o início do processo, mas uma clareza das idéias foram bem mais demorada. Esta dissertação é muito bem marcada por este processo. Boa parte dos campos aconteceram em meio a um tumulto de anseios, dúvidas e dificuldades em pensar como abordar tantas nuances de uma abordagem focada na experiência, percepção e movimento. Acho que até hoje não tenho clareza de como o fazer. Mas esse texto é a vontade e interesse em fazer com que metodologias pensadas a partir destas proposições sejam levadas em consideração.

VII. BIBLIOGRAFIA

- Alcantara, H. (2015). *Escolhas gravadas: técnica e experiência - Uma análise das gravuras da Lapa do Poseidon, Montalvânia - norte do sertão mineiro*. Belo Horizonte: Monografia, FAFICH-UFMG.
- Alcantara e Silva, V. (2016). *Vestígios do rio Turuni: Perseguindo fragmentos de uma história txikyana*. São Paulo: Dissertação de mestrado, MAE-USP.
- Aldred, O. (2014). *An Archaeology of Movement: a methodological study*. Reykjavík: University of Iceland.
- Alves, R. B. (2016). *Desenhos entrelaçados: uma análise dos grafismos rupestres da Lapa do Caboclo de Diamantina-MG*. Belo Horizonte: Monografia, FAFICH-UFMG.
- Basso, K. H. (1996). *Wisdom sits in places: landscape and language among the Western Apache*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- Bateson, G. ((1979)1986). *Mente e Natureza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Bateson, G. (1972). *Steps to an ecology of mind*. Chicago: University of Chicago Press.
- Bender, B. (2002). Time and Landscape. *Current Anthropology*, v.43, pp. 103-112.
- Binford, L. (1983). *In pursuit of the past: decoding the archaeological record*. California. University of California Press, EUA.
- Boivin, N. (2004). Mind over Matter? Collapsing the Mind-Matter dichotomy in material culture studies. Em E. DeMarrais, C. Gosden, & C. Renfrew, *Rethinking materiality: the engagement of mind with the material world* (pp. 63-71). Cambridge: McDonald Inst. for Archaeological Research.
- Castro, E. V. (2002). *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Chanoca, M. I. (2017). *Tempo, espaço e movimento: uma análise da paisagem e das técnicas envolvidas no fazer gráfico da Lapa do Caboclo (Vale do Peruaçu-MG)*. Belo Horizonte: Monografia, FAFICH-UFMG.

- Castres, H. (1978). *Terra sem mal - O profetismo Tupi-Guarani*. São Paulo, editora Brasiliense.
- Clastres, P. (1974). *A sociedade contra o Estado*.
- Cosgrove, D., & Daniels, S. (1988). *The iconography of Landscape: essays on the symbolic representation, design and use of past environments*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Criado-Boado, F. (2016). Arqueológicas del espacio: aproximación a los modos de existencia de los “xscapes”. Em O. L. Blanco, *Lugares, monumentos, ancestros. Por una Arqueología Andina del paisaje*. Perú: Ed. Horizonte.
- Fagundes, M. (2012). *Projeto arqueológico Alto Jequitinhonha Relatório 2010-2012*. Diamantina: LAEP/UFVJM, IPHAN/MG.
- Gibson, J. (1986). *The ecological approach to visual perception*. Nova Iorque: Ed. Taylor & Francis group.
- Hodder, I. (1982). *Symbols in Action: Ethnoarchaeological Studies of Material Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hu, D. (2012). Advancing Theory? Landscape Archaeology and Geographical Information Systems. *Papers from the Institute of Archaeology*. v.21, pp. 80–90.
- Ingold, T. (2002). *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge.
- Ingold, T. (2010). Da transmissão de representações à educação da atenção. *Revista Educação* v.33, pp. 6-25.
- Ingold, T. (2011). *Being Alive - essays on movement, knowledge and description*. Nova Iorque: Routledge.
- Ingold, T. (2017). Taking taskscape to task. Em U. Rajala, & P. Mills, *Forms of Dwelling: 20 of taskscapes in archaeology* (pp. 16-27). Oxford: Oxbow Books.
- Isnardis, A. (2004). *Lapa, Parede, Paineis - Distribuição geográfica das unidades estilísticas de grafismos rupestres no vale do rio Peruaçu e suas relações diacrônicas (Alto-médio São Francisco, norte de Minas Gerais)*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, USP.
- Isnardis, A. (2013). As indústrias líticas e o contexto horticultor do holoceno superior na região de Diamantina, Minas Gerais. *Revista Espinhaço* v.2, pp. 54-67.

- Tobias Jr., R. (2010). *A arte rupestre de Jequitaiá entre práticas gráficas "padronizadas" e suas manifestações locais: interseções estilísticas no sertão mineiro*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado, PPGAN-UFMG.
- Lagrou, E. (2007). *A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)*. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks.
- Latour, B. (2012(2005)). *Reagregando o social: Uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Ed. UFBA.
- Leite, V. (2016). Flores e pinturas na paisagem: análise espacial e intra-sítio em Campo das Flores. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado, PPGAN-UFMG.
- Linke, V. (2008). *Paisagens dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado, IGC-UFMG.
- Linke, V., & Isnardis, A. (2010). Pedras pintadas, Paisagens construídas: a integração de elementos culturalmente arquitetados na transformação e manutenção da paisagem. *Revista de Arqueologia (SAB)* v.23, pp. 42-59.
- Linke, V., & Isnardis, A. (2012). Arqueologia pré-histórica da região de Diamantina (Minas Gerais): perspectivas e síntese das pesquisas. *Arquivos do Museu de História Natural*, v.21, pp. 27-57.
- Martin, G. (2013). *Pré-história do Nordeste brasileiro*. Recife: Editora universitária UFPE.
- Merleau-Ponty, M. (1968). *The visible and the invisible*. Evanston: Northwestern University Press.
- Merleau-Ponty, M. (1999 [1945]). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Oliveira, E. (2016). *Arte rupestre e paisagem no alto curso do rio Pardo Pequeno*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado, PPGAN-UFMG.

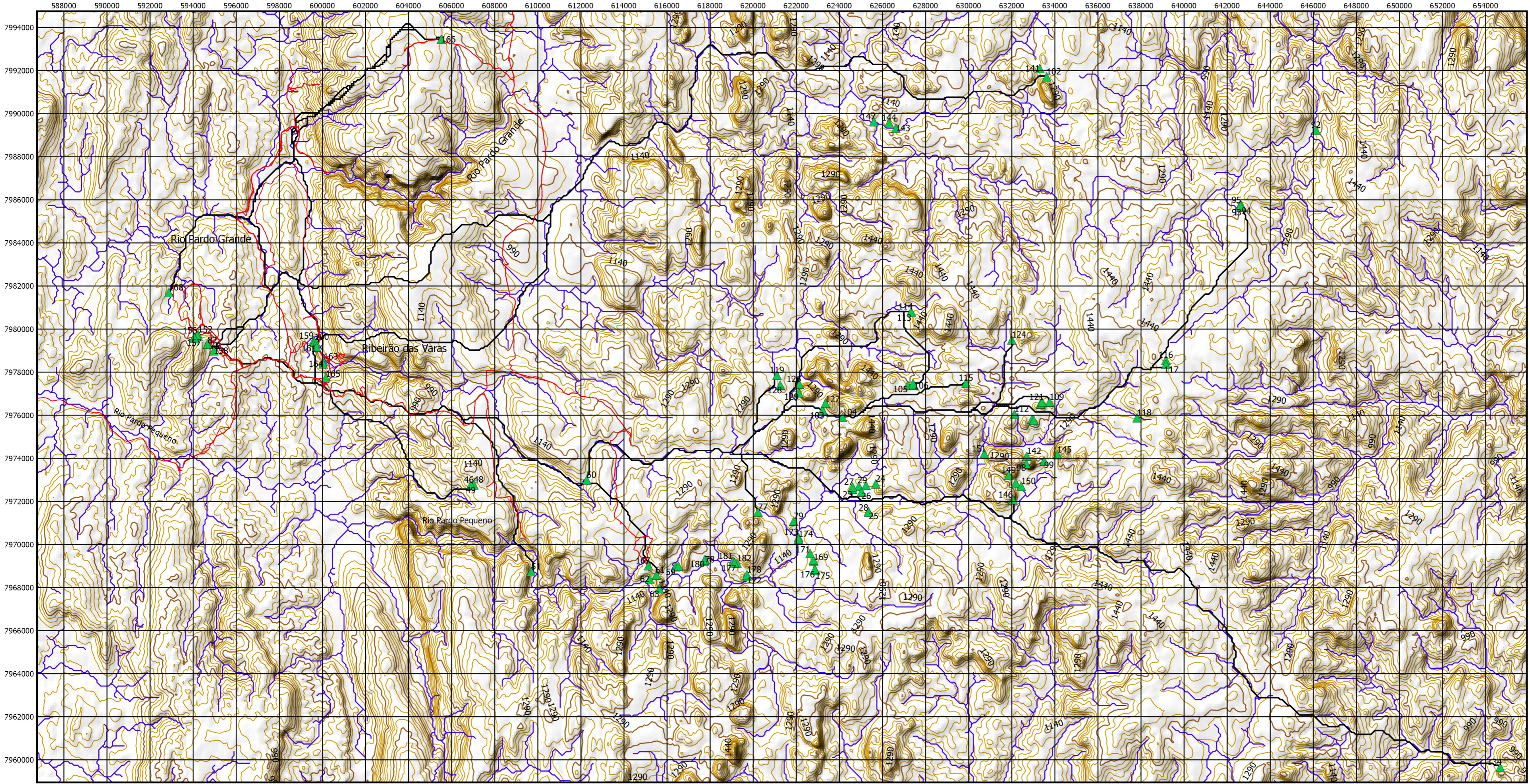
- Polla, S., & Verhangen, P. (2014). *Computational Approaches to the Study of Movement in Archaeology Theory, Practice and Interpretation of Factors and Effects of Long Term Landscape Formation and Transformation*. Ebook.ISBN 978-3-11-028838-4.
- Prous, A. (1992). *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora UNB.
- Prous, A., & Baeta, A. (1992/93). Elementos de cronologia, descrição de atributos e tipologia. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG*, pp. 241-291.
- Prous, A., Baeta, A., & Rubbioli, E. (2003). *O patrimônio arqueológico da região de Matozinhos: conhecer para proteger*. Belo Horizonte.
- Rajala, U., & Mills, P. (2017). *Forms of Dwelling: 20 of taskscapes in archaeology*. Oxford: Oxbow books.
- Saadi, A. (1995). A geomorfologia da serra do Espinhaço em Minas Gerais e suas margens. Belo Horizonte, IGC-UFMG. *Revista Geonomos*, v.3 n.1 .
- Seeger, A., Matta, R. d., & Castro, E. V. (1979). A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional, Série Antropologia*, n.32, pp. 2-19.
- Silva, F.; Stuchi, F. (2010). Evidências e significados da mobilidade territorial: a terra indígena Kaiabi (Mato Grosso/Pará). *Revista Amazônica* 2 (1) (pp. 46-70).
- Thomas, J. (2017). Concluding remarks: landscape, taskscape, life. Em U. Rajala, & P. Mills, *Forms of Dwelling: 20 of taskscapes in archaeology* (pp. 268-282). Oxford: Oxbow Books.
- Troncoso, A. (2001). Espacio y Poder. *Boletín de la sociedad Chilena de Arqueología*, n. 32, pp. 10-23.
- Vasconcelos, A. (2014). O criptocarste como interface entre o solo e o substrato rochoso: comparação entre os ambientes siliciclástico e o carbonático na região entre Rodeador e Diamantina-MG. Belo Horizonte: Tese de Doutorado, IGC-UFMG.

Valle, R. (2012). *Mentes Graníticas e Mentes Areníticas: Fronteira geo-cognitiva nas gravuras rupestres do baixo rio Negro, Amazônia Setentrional*. São Paulo: Tese de doutoramento, MAE-USP.

Viveiros de Castro, E. (2015). *Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify.

Webmoor, T., & Witmore, C. (2008). Things are Us! A commentary on Human/Things relations under the banner of a 'social' archaeology. *Norwegian archaeological review* v.41, n.1.

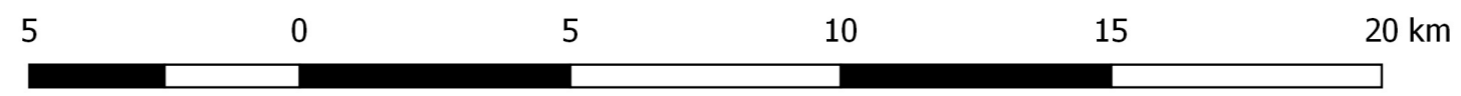
Zilles, U. (2007). Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. *Revista da abordagem Gestáltica* v. XIII(2), pp. 216-221.



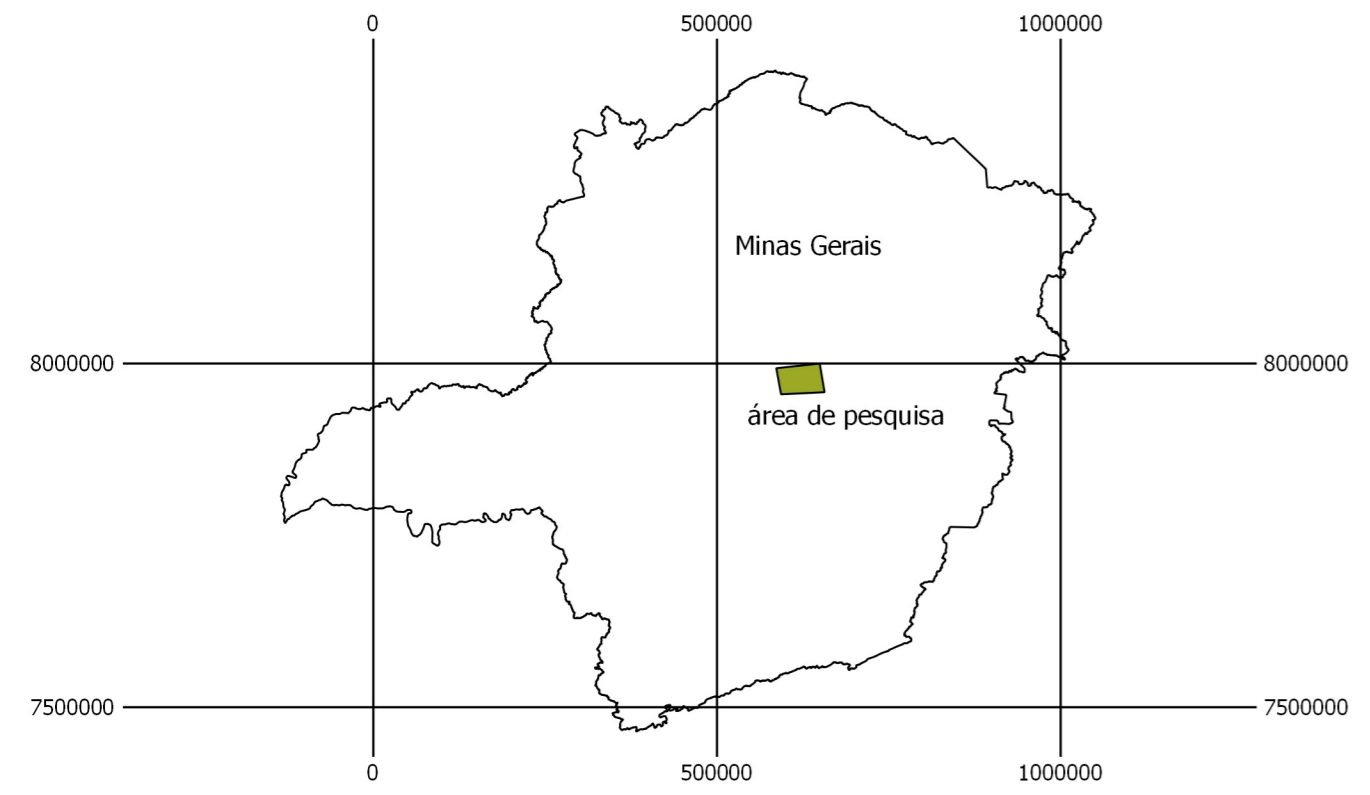
Nome	Número
Mendes 01	22
Mendes 02	23
Mendes 03	24
Mendes 04	25
Mendes 05	26
Mendes 06	27
Mendes 07	28
Mendes 08	29
Ponte de Pedra 01	46
Ponte de Pedra 03	48
Ponte de Pedra 04	49
Riacho das Varas 01	50
Pardo Pequeno 01	51
Andorinha 01	59
Andorinha 02	60
Andorinha 03	61
Andorinha 04	62
Andorinha 05	63
Lapa da Onça	77
Lapa do Cabrito	78
Lapa do Chumbinho	79
Fazenda Velha 01	82
Sentinelas	92
Perpétua 01	93
Perpétua 02	94
Perpétua 03	95
Perpétua 04	96
Caminho da Serra II	97
Caminho da Serra I	98
Lapa do Pasmal	99
Lapa da Chica	102
Lapa da Vargem	103
Lapa das Varas	104
Lapa da Ciranda	105
Lapa do Voador Sul	106
Lapa do Voador Central	107
Lapa do Voador Norte	108
Mirante do Pasmal	109
Lapa do Peixe Lascado	110
Lapa do Peixe Gordo	111
Lapa do João Rosa	112
Lapa do Galheiro Sul	113
Lapa do Galheiro Norte	114
Lapa da Escada	115
Lapa da Casa de Pedra	116
Lapa da Casa de Pedra Abrigo Norte	117
Lapa dos Veadinhos	118
Lapa do Caboclo	119
Lapa de Moisés	120
Lapa do Moisés Leste	121
Lapa da Turma	124
Lapa do Boi	125
Lapa do Boi Leste	126
Sítio Casa de Adobe	127
Lapa do Pé de Moleque	128
Pedra do Boi	129
Lapa da Santa Cruz	134
Lapa do Capim	141
Tabuleirinho	142
Lapa Provável	143
Lapa do Primeiro	144
Lapa da Mina	145
Lapa Bonita	146
Lapa Pequena	147
Lapa Floristas do Campo	148
Toca do Sossego	149
Lapa do Engano	150
Lapa do Poço	151
Salobo 1	152
Salobo 3	153
Salobo 4	154
Salobo 5	155
Salobo 2	156
Lapa da Coruja	157
Lapa da Fazenda Velha	158
Rodeador 1	159
Rodeador 2	160
Rodeador 2b	161
Rodeador 3 Lapa do Arco	162
Rodeador 4	163
Rodeador 5	164
Lapa da Ravina	165
Caminhos da descida	166
Lapa do Castelo	167
Lapa da Gameleira	168
Lapa da Serra da água fria 1	169
Lapa da Serra da água fria 2	170
Lapa da Serra da água fria 3	171
Abrigo Poço do Tatu 1	172
Paredão do TOPE 1	173
Paredão do TOPE 2	174
Serra do Taião 1	175
Serra do Taião 2	176
Serra do Tatu 1	177
Serra do Tatu 2	178
Lapa dos Alforjes 1	179
Lapa dos Alforjes 2	180
Lapa dos Alforjes 3	181
Lapa dos Alforjes 4	182
Lapa dos Alforjes 5	183

Legenda

- ▲ Sítios Arqueológicos
- Caminhamento prospectivo
- Drenagens
- Curvas de nível 30m
- Caminhos de menor custo



Mapa geral área de pesquisa: municípios de Monjolos-MG e Diamantina-MG
 Projeção Universal Transversa de Mercator
 Datum: WGS84
 Escala 1:140000
 Curvas de nível: 30m



Nome	Número
Caminhos da descida	166
Lapa do Castelo	167
Lapa da Gameleira	168
Lapa da Serra da água fria 1	169
Lapa da Serra da água fria 2	170
Lapa da Serra da água fria 3	171
Abrigo Poço do Tatu 1	172
Paredão do TOPE 1	173
Paredão do TOPE 2	174
Serra do Taião 1	175
Serra do Taião 2	176
Serra do Tatu 1	177
Serra do Tatu 2	178
Lapa dos Alforjes 1	179
Lapa dos Alforjes 2	180
Lapa dos Alforjes 3	181
Lapa dos Alforjes 4	182
Lapa dos Alforjes 5	183